LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

RB169683

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

12T

AFFONSO AFRICANO,

POEMA HEROICO

DA

PRESA D'ARZILLA, E TANGER,

DIRIGIDO A

D. ALVARO DE SOUSA,

CAPITÃO DA GUARDA ALEMÃA DE SUA MAGESTADE, &c.

AUTOR

VASCO MAUSINHO DE QUEBEDO,

NATURAL DE SETUBAL.

NOVA EDIÇÃO.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1844.

ALFONSO
AFRICANO,
POEMA HEROICO

DE

PEDRO DARMILA, Y TAPIOLA,

DEDICADO A

D. ALVARO DE SOBRA,

CONDE DE MESA RUBIA, Y DE CALDERONA, DE

MALTA,

Y TAMBO MARINERO DE QUEBRONO,

NATURAL DE BRITANIA.

MADRID:

EN LA IMPRENTA REAL.

1814.

ALLEGORIA
DO POEMA
SEGUNDO A FABULA.

Hũa das arriscadas emprezas, que ha no mũdo, he aquella que emprende hum Varão forte contra si mesmo, trabalhando rêder, & avassallar a Cidade de sua alma, com q̃ se lhe tem levantado o imigo humano. Esta se affigura em Arzilla, situada ao longo do mar nas partes d'Africa, de muros altos cercada, que dão entrada, & saida por cinquo portas abertas, que são os cinquo Sentidos, na mays alta parte sua se levanta hũa Torre cõ tres Balluartes, q̃ são as Potẽcias dessa alma, & no meyo a Fortaleza da Mesquita, que he o coração humano. Esta com Frota armada vay buscando das prayas de Lisboa Dom Affonso Quinto o Africano, por quem este Varão he figurado. Mettese em meyo hum Mar tempestuoso do appetite irascivel, & concupiscivel, onde forma, & tesce o Inferno os obstaculos, & impedimentos, que desta empreza desvião, & como entre todos sejão os dous mays poderosos, os contrastes, & asperezas, que a virtude difficultão, & os deleytes q̃ retem, & obrigão muytas vezes a se não passar avante, he neste mar Dom Affonso arrojado de grave tempestade nas prayas da forte Seyta, por industria do Mago Eudolo, que procura desconfiallo do bõ successo da empreza, & junta-

mente seu querido & amado Filho o Principe Dom João (figurado por seu Amor) alli lhe desaparece, & levado a hũa Ilha de deleytes, esteve quasi a ponto de perderse, mas dando a taes gostos de mão, por favor, & mercê do Ceo, vem despoys a ser armado Cavalleyro, como Amor qualificado, e triumphante.

Os primeyros Inimigos, que contra este Varão resistem (despoys que animado c'hũa voz do Ceo, & confirmando suas esperanças aportou em terra) foram os damnados Spiritos figurados pelos Mouros com seu Capitão Lucifer, figurado em Tenebronte. Mas como estes per si só tenhão pouca força, & valor, facilmente são vencidos, & póstos em fugida, & assi saem despoys a resistirlhe os sette Vicios mortaes Filhos desse Tenebronte, conhecidos por suas divisas: aos quaes rendem, & disbaratam outros sette Cavalleyros por insignias manifestos, que são as sette Virtudes a esses vicios contrarias, com este prospero successo assalta Affonso a Cidade, a qual entra á força de armas, pelo grande valor de Dom Fernando: no qual se affigura a vontade á Razão obediente, & a este se encarga outra vez a nova empreza de Tanger, appremiandose os mays vencedores, porque o premio da vontade he andar em guerra continua, & obrar como a Razão lhe vay dittando.

Entrada a Cidade, se cõsagra a Mesquita & se celebra o Divino Mysterio, recebendo a Deos por seus trabalhos o Africano, que elle he o verdadeyro premio d'Alma a seu serviço rendida, que de habitação do Inferno, figurado pela Serpente, que d'alli desaparece, fica do proprio Deos hum vivo templo.

A DOM ALVARO DE SOUSA,

CAPITÃO DA GUARDA ALEMÃA DE SUA MAGESTADE, &c.

Reprehendido de Parrhasio, Zeusis Pintor excellente, que desbotava em parte o primor d'arte c'o vagar com que nella se esmerava, juntamente encarecendo a sua natural facilidade, respondeo, desta maneyra : *Diu pingo, quia pingo Æternitati*, dando nisto a entender, que a madura consideração de muyto tempo, que faz as obras famosas, as faria tambem eternas. E segundo esta sentença, nesta taboa de meu pinzel, que á Eternidade offereço, devera para mais tarde guardar as ultimas sombras, se não fora para commigo de mais força o ligeyro Delphin de hum stimulo poderoso, que foy gerando em minh'alma a obrigação de mostrar a V. M. com serviços hum animo de longe affeyçoado, do que foy a pesada anchora, que por parte da Eternidade me retinha, Symbulo de hum grande Cesar, com a letra, *Matura lente*. Mas não faltará quem diga, que em obra á Eternidade consa-

grada tem V. M. pouca parte, se para esta ser eterna, quanto compadece o mundo, lhe não fora necessario recebella V. M. debaxo de seu amparo, quadrandolhe bem o Symbulo da Columna levantada, que com intricado enleyo vay abraçando a hera verde thé sua mayor altura, com a letra de Paradino, *Te stante virebo*, que esta sem arrimo caminha vagarosa, & desprezada, & cõ elle ufana, & viçosa sempre cresce. Nem sem causa a V. M. se lhe accommoda o nome de Columna, que se desta para perfeyta, as particularidades são Fortaleza, & Fineza, hũa para segurança da machina, que recebe, outra para ornato, & deleyte. Estas em V. M. fez tam proprias a Natureza, que o estou representando Columna de Diamante, na firmeza de taes quilates: quaes convinhão a quem sustenta sobre si a guarda de hum Rey, com a qual Athlante inclinara, igualandose a fineza do sangue, de hũa grande antiguidade sempre illustre, poys antes do Rey primeyro teve esta insigne Familia nascimẽto, não como outras que hoje se jactão, em peregrinos clymas, & apartados, mas no proprio Portugal, onde se lhe concedeo (paga a divida tam justa) de Conde o

LICENÇAS.

Vi este Livro intitulado Affonso Africano, da presa de Arzilla, & Tanger, Autor Vasco Mausinho de Quebedo. Não tem cousa algũa contra a nossa Sancta Fé, ou bôs costumes, & guarda delles, antes mostra o Autor muyta curiosidade, assi na Poesia, como na historia, por onde he digno de se imprimir.

F. Manoel Coelho.

Vista a informação, podese imprimir este Livro, & depois d'impresso torne a este Conselho pera se confirir, & dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Em Lisboa 27. de Mayo de 609.

Marcos Teyxeyra. Bertholameu da Fonseca. Ruy Pirez da Veyga.

Vista a licença acima do Sancto Officio, podese imprimir, a dez de Mayo de 611.

Sarayva.

Podese imprimir este Livro de Vasco Mausinho de Quebedo, vista a licẽça q̃ tem do Sancto Officio, & do Ordinario: & depois d'im-

presso tornará para se taxar, & sem isso não correrá, a 19 de Mayo de 611.

Ruy Pirez da Veiga. Barbosa. F. Pinto. Machado.

Taixase o Livro da Vida delRey Dom Affonso o Africano, em seys vintês em papel, & esta taixa se porá no principio delle. Em Lisboa a 7. de Junho de 611.

Barbosa. Machado. F. Pinto. Ruy Pirez da Veyga.

AO LEYTOR.

Tem a cala tam alta em corações Amor da Patria, que sempre peja o lugar a qualquer outro respeyto, vejo seus quilates em my, poys perco aggravos da vista, que tanto á vista me attiram. Inda que a desculpo commigo, porque mal se lhe attribuem erros de particulares; que a Terra, que produzio armada gente de Cadmo, não tem culpa nas mortes, que accresceram, inda que he desgraça sua, que redunda em aveça sospeyta de sua má qualidade, que ha clymas oppostos a engenhos, onde contra Natureza se çoçobram, como conta Solino d'hũa fonte, que as cousas pesadas, & graves, traz sempre em cima das agoas, & as mais ligeyras, & leves perturba, envolve, & confunde. Quanto, & mais, que commummente hũa ingratidão mal fundada, he propria satisfação de spiritos generosos. Este foy o primeyro stimulo, Amor digo da minha Patria, que avivou o entendimẽto, a dar ao mundo este parto, para que das feyções julgue dos muytos, que são nascidos, qual delles merece vida, inda que são muyto poucos os que já com alma nascem, contentandose os engenhos com partos inda que mortos, que por taes aquelles julgo, a quem falta imitação, e Allegoria, a qual trabalho exprimir assi no intento da Fabula, como nos mais E-

pisodios, cousa de que tam pouco conhecem os Metrificadores de nossa idade, que receyo a desconheção, a quem tambem quiz mostrar a copia de nossa lingua, não me sendo necessario ajudar-me em todo este Livro, de Verso que seja agudo, para que todos alcancem ser de pobre notada injustamente por Benito Caldera no Prologo da tradução de Luys de Camões, querendo assi desculpar o vicio, que nelle tacha.

Bem vejo, que me aventuro a varias sortes lançadas sobre minhas imaginações, & que as terão por fantasticas, poys em Poesia se fundão; mas deyxando ser isto fruyto produzido na mocidade, deu me animo nesta indifferença Lysippo Sculptor insigne, cuja gloria se assinallou no primor de duas Statuas, de prata hũa, outra de bronze, realçando tanto nesta a grandeza de sua arte, que soube exprimir ao vivo as delicadas miudezas, que hum corpo fazẽ perfeyto, & cõ estas excellencias do metal suprindo a falta, foy seu nome por ella celebrado. Duas tambem offereço, Os Dialogos de varia Doctrina (deyxo os Commentarios de Parentum amore) na materia fina prata, poys trazem á vista o publico proveyto, & esta de bronze pobre, & desprezado, inda que errada openião, & reprovada já por spiritos tam illustres, assi em letras como em sangue, que dest'arte insigne se pagão, mas espero nella mostrar tanto ao vivo os affeytos da humana Natureza, & outros segredos a muytos escondidos, seguindo varios Autores, & a doctrina approvada d'Aristoteles, que resulte em louvor de seu Artifice.

primeyro Titulo, que V. M. realça com o lustre das sciencias, que por gloria de nossa idade não só ama, mas professa. E poys vou buscando amparo para nelle depositar as maravilhosas proezas, que Dom Affonso Quinto fez em Africa, ganhando por ellas o nome d'Africano, de q̃ o grande Scipião parece o deyxou herdeyro. E este se acha n'huns por causa dos titulos, com que a vezes se engrandecẽ, n'outros por razão da pessoa: cuja autoridade veneram, n'aquelles por causa do esforço, nestes por razão das sciencias: cuja lingua foy sempre valhacouto de emulados, V. M. c'o titulo me guarda, c'o ser da pessoa me abriga, cõ seu valor me sustẽta, & c'o escudo das sciencias: & principalmẽte desta em q̃ quiz avantajar-se, dos émulos me defende. Porem não fio tam pouco dos engenhos de Portugal, & ainda dos estranhos, que duvide poder agradar a muytos: & a estes quero lembrar, que se deste parto, que mostro se me deve a primeyra vida, a V. M. se deve ser oje resuscitado.

Vasco Mausinho de Quebedo.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO PRIMEIRO.

I.

Eterno Ser, que a quanto cá respira
Primeiro vigor dais, primeiro alento,
Se he debil alvedrio, quando aspira
A sair com algum famoso intento.
Quem por Vós chama, quem por Vós suspira,
A seu desenho faz bom fundamento,
E eu se vos acho em meu favor propicio
Lanço a primeira pedra no edificio.

II.

As Armas, e o Varão illustre canto,
Que d'Africano tem insignia, e nome,
Cuja alta fama será viva, em quanto
No dourado Orizonte o Sol assome.
Donde começarei? que o grande espanto
Me tem suspenso, que principio tome
Em tantas obras, quantas me appresenta
Vivo calor, que mais, e mais se augmenta.

III.

Caminho me abre Arzilla, e Tanger forte,
Onde do valor seu dura a memoria,
Arzilla entrada a sangue, e agudo corte,
Tanger só c'o temor de tanta gloria.
Vejo Heroes com quem não pode a morte,
Por mais que delles pretendeo victoria,
Que pelo braço fóros alcançaram,
Com que de sua lei se libertaram.

IV.

Nem desta empreza só, deste apparato
Farei memoria, e curiosa lista,
Que aqui como em purissimo retrato,
Mão nem de Zeusis, nem de Apelles vista:
Com perigrina cor, e pinzel grato,
Pintarei de toda a Africa a conquista,
Onde, ás cores dos feitos já passados,
Lustre as sombras darão dos esperados.

V.

Ó Nympha, tu que sempre em verdes annos
Vás renovando a florescente idade,
Sem temer do mudavel tempo os danos,
Nem assaltos crueis de Antiguidade:
Tu que as obras famosas dos humanos
Vestes, e adornas de immortalidade,
Tu, cujo resplandor, e raio puro
Trevas desfaz de esquecimento escuro.

VI.

Tu que tudo restauras, e reparas,
Dando-lhe novo ser, e nova face,
Se recebes alegre as mostras claras
De algum peito, onde Amor se cria, e pace:
Por sacrificio ponho em tuas aras
Este parto, que como Pallas nace
Inda sem vida, para que lha influas,
Como Prometheo fez ás formas suas.

VII.

Era alta noite, antes que Phebo veja
O Mundo, que c'os raios vem abrindo,
Quando Arctos só, só com seu plaustro enveja
As Estrellas, que vão ao mar fugindo:
E já não ha quem luz nos olhos reja;
Que os animaes, e gentes vão caindo
N'hum carregado somno, e varios sonhos
Lhes fórma Morpheo alegres, e medonhos.

VIII.

Quando Affonso no esforço sem segundo,
Que de hum Reino a seu brio semelhante
Sustenta o pezo, qual do Ceo rotundo
A machina sustem o antigo Athlante:
Occupado n'hum somno alto, e profundo,
Que a consideração varia, errante
Per cousas dignas de subida empreza
Soppezou mais a fraca natureza.

IX.

Vê que pelo apposento d'ouro fino
Hum novo resplandor tremulo corre,
Qual do inquieto espelho cristalino,
Onde firio o Sol, sae e discorre.
Suspenso está se he raio matutino,
Se he luz de alguma facha, que lhe occorre,
E como se desperto alli estevera,
Assi se sobresalta, assi se altera.

X.

Nisto chegar huma Donzella sente
De grave asseio, e de feições fermosa,
Triste porém no gesto, e descontente,
Como que vem de alguma dor queixosa.
Qual lastimada pela Hebrea gente
Orvalha a linda Hester huma, e outra rosa
De fino aljofar, e sentida pede
Favor ao Rei, que logo lhe concede.

XI.

A divisa, que traz na mão direita
Por quem se manifesta, e se conhece,
He hum escudo de obra tão perfeita,
Que no Ceo fabricado bem parece,
As cinco fontes, que de sangue deita
Aquelle, que na Cruz por nós padece,
Impressas traz, e como nasceo dellas,
Co' ellas vive, tambem morre por ellas.

XII.

Com menos apressadas azas voa
A Giganta, da Terra, e do Ceo filha,
E com voz menos alta nos pregoa
Do Mundo a mais remota maravilha.
Esta divide os ares, esta soa
Onde o Sol se levanta, onde se humilha.
Onde com raio obliquo a terra toca,
Passa do Norte, e do Sul quente a boca.

XIII.

Os claros olhos de huma luz serena
Como duas Estrellas resplandecem,
Mas a vista tão fraca, e tão pequena,
Que na Terra, e no Ceo nada conhecem.
Como quando o Leão ao somno ordena
Os olhos entregar, e lhe obedecem,
Desperto o julga, quem o vê de perto,
Mas elle dorme, e não está despreto.

XIV.

Mas a falta, que tem nestes sentidos,
Supre a viveza de outro, que he mais nobre,
Os ouvidos traz promptos e subidos
Com quem quanto ha na Terra, e Ceo descobre.
Não he como aspid surda, que os ouvidos
Com a terra, e co' a cauda tapa, e cobre,
Antes desta virtude propria sua,
Vive como de Phebo vive a Lua.

XV.

Com voz suave, qual com sopro brando
Folga entre as ramas viração serena,
Quando Alva rompe, cae orvalho, quando
Se veste o prado de verdura amena,
Desperta, diz, ó Rei, que o Sceptro, e mando
Não desculpa repouso, antes condena,
Ouve huma causa de honra tua, e minha,
Que em execução posta estar convinha.

XVI.

Sou filha d'aquelle Alto, que governa
A Terra, e Ceo com summa magestade,
Tenho duas Irmãas, huma he eterna,
Que durará por toda Eternidade:
Outra não chega á parte mais superna
Do Ceo, como de menos dignidade,
Mortal como eu, huma ama sem receio,
Outra espera, mas eu confio, e creio.

XVII.

Eu sou a que sustento a Náo possante,
De quem primeiro Pedro o leme teve,
Commigo corre prospera, e boiante,
E contra o vento, e bravo mar se atreve:
Commigo tem qualquer perigo instante
De inimigo cruel, por brando, e leve,
Inda que todo Inferno se conjure,
Segura sempre vai, se eu a segure.

XVIII.

Poderão inimigos assaltalla,
E pôr a ferro, e sangue os esforçados,
Que a pezar seu pretendem collocalla
Em praias chãas, e portos descansados:
Mas nem co' esse destorso a Náo se aballa,
Que desse sangue de Christãos soldados,
Como Aguia, que no mar se banha, e lava,
Mais renovada torno, do que estava.

XIX.

Sou odiosa á mór parte da Terra,
Entre poucos querida, e venerada,
Pregôo paz, todos me fazem guerra,
Sou por fermosa, e pura desprezada:
Só cá neste recanto, que se encerra
Entre Europa, e seus fins meu nome agrada,
E nas partes, por onde se derrama,
He Portugal o coração, que me ama.

XX.

Deste tens o poder, e o senhorio,
Que verás dillatado em successores,
Como no Inverno, largo, e grande Rio
Sae da madre, e faz praias maiores:
E como em teu valor, e zelo pio,
(Se a meus rogos propicio, e brando fores)
Tenho o remedio desta causa posto,
Mostra-me attento ouvido, e alegre rosto.

XXI.

Bem vês como fui sempre perseguida
Dos descendentes de huma baixa escrava,
Que quiz ser tão mimosa, e tão querida,
Como a Senhora, que me affigurava.
Espanha o diga delles destruida
No tempo, que Rodrigo a dominava,
Cujas ruinas eu acompanhara,
Se Deos me não tevera, e resguardara.

XXII.

Não trato já de outras injurias graves
De Reinos prevertidos, e assolados,
Donde eu (triste memoria) tinha as chaves,
Com que estavão seguros, e guardados.
Agora espero, que estas chagas laves
Que em fim magoão peitos lastimados,
E vingando estas, que oje choro, e gemo,
Cerres tambem caminho ás que inda temo.

XXIII.

Duas obrigações, se as não notaste,
Te apontarei, que entr'ambas me animaram,
Huma ser isto successão, que herdaste,
Que teus Antepassados te deixaram;
Outra, que estas emprezas começaste,
Que tanto teu esforço acreditaram,
Quando de Alcacer o muro alto escallas,
Ameaças o Turco, o Mouro aballas.

XXIV.

Bem vejo que dirás que desterrado
Anda já do teu Tejo, e Guadiana,
Onde já foi Senhor, e que encerrado
Está na Costa Libyca Africana.
Mas Rio, que a espraiar he custumado,
Se não trabalha a forte industria humana
Com marachões soberbos represallo,
Hum dia espraiará que faça aballo.

XXV.

E para que esse esforço, que te inclina
Contra meus inimigos se avivente,
Olha estas chagas, onde Amor te ensina
Excessos grandes pela humana gente.
Quem, dize, as vê, que não se determina?
Quem não se abraza n'hum fervor ardente,
De sustentar sua gloria contra quantos
Excessos no Mundo ha, no Inferno espantos?

XXVI.

E porque outras razões ás mais applique,
Mova-te, que são Armas proprias tuas,
Que a outro Affonso Deos no Campo Ourique
Abrindo os Ceos, lhe deu por Armas suas.
Para que em successão a mercê fique,
Como proprias as tenhas, e as possuas,
Attenta pois ó Rei quantos offendes,
Se causa, que he tão justa, não defendes.

XXVII.

Isto dizendo, como neve fria
Derretida co'a luz, desapparece,
Luz, que já pelo Oriente o Mundo abria,
O Mundo, que a noite horrida escurece.
Tambem de Affonso o somno se partia,
Que o lugar a cuidados offerece,
Elle suspenso, leva o pensamento
Á figura, ás palavras, ao intento.

XXVIII.

Partindo o coração de lanço, em lanço,
Assi se altera, assi se sobresalta,
Qual mar em calma sossegado, e manso,
Se o vento pica, empolla, e ás nuves salta:
Já não repousa, já não quer descanso,
Dando mil voltas chama com voz alta,
E com pressa, que a todos muito espanta,
Sem real apparato se levanta.

XXIX.

Mas como vê do caso o grave peso,
Para que Deos o escolhe, a que o destina,
Desta imaginação sogeito, e preso,
Se he falso sonho, se visão divina:
Em zelo, e amor da Fee de todo acceso,
Que em generosos peitos mais se assina,
Para hum retrete escuso se recolhe,
Onde a vezes do Ceo mil gostos colhe.

XXX.

E c'os olhos pregados na figura,
Que foi nova invenção de amor perfeito,
Taes palavras com lagrimas mistura,
Saidas de hum Christão devoto peito:
Divina Image, quem sem vós procura
Fazer por vós algum subido feito,
Errado vai, vós sois caminho e norte,
Vós as obras traçais, vosso he o córte.

XXXI.

Desejos grandes, que se accendem n'alma
De exalçar vosso nome, e vossa gloria,
Se não lhe spira vosso vento, em calma
Ficarão sem effeito, e sem memoria.
Em vão sem vós se pretende honra, e palma,
Vossos são os despojos, e a victoria;
Que eu não sou mais, que spada desse braço,
Nada sem elle posso, nada faço.

XXXII.

Pois agora me inflammo em zelo novo
Contra o Mouro infiel, para que abrande
O brio armado contra vosso povo,
Dai-me favor igual á empreza grande:
Com elle confiado as armas movo,
Sem elle por maior poder, que mande,
Exercitos de Xerxes, de Dario,
Tudo me servirá de mór desvio.

XXXIII.

Callou, e logo dentro n'alma sente
Hum grande movimento, que o anima,
Hum calor novo, hum fogo differente,
Que bem mostra ser fogo lá de cima.
Dalli sae tão forte, e tão valente,
Que o Mundo todo tem em pouca estima,
Qual ferro frio, que co vento, e agoa,
Abrazado saio da ardente fragoa.

XXXIV.

E como para o bellico aparelho,
Que se arma contra o perfido inimigo,
He necessario aver geral Conselho,
De acautellados Reis custume antigo;
Que varios pareceres são espelho,
Onde o acerto se vê, onde o perigo
Suas difficuldades representa,
Onde o maior ardid se experimenta.

XXXV.

Os Varões já para isso deputados
Manda juntar n'huma alta rica salla,
Onde por seus lugares ordenados,
Cada qual a seus tempos ouve, e falla.
Mas Affonso c'os olhos levantados,
E com voz, que custuma fazer calla
Em qualquer peito, assi começa, attentos
Todos parão co'a vista, e c'os intentos.

XXXVI.

Nobres Vassallos, esta dignidade
A que vós com razão chamais suprema,
Se huma razão, que se ame, persuade,
Muitas nos persuadem, que se tema.
Que outro de grande Imperio, e Magestade
Exclamou, ó mais nobre Diadema,
Que feliz! teus descontos se alcançara
Quem te ama, nem do chão te levantara.

XXXVII.

Que taes são os cuidados, que combatem
Hum tras outro, como onda tras outr'onda,
E n'hum Rei como em rocha viva batem,
Sem que, pois alto está, delles se esconda:
Que do Sceptro Real o lustre abatem,
Nem ha gloria, que igual lhes corresponda.
E como Aves, que o ninho alheio infestão,
Os gostos dentro n'alma nos molestão.

XXXVIII.

Estes desvellão hum seguro sprito,
E fazem variar mil pensamentos,
Tira-lhe o somno o publico delito,
Despertam-n'os communs merecimentos.
Em meio deste pelago infinito
Como batida Náo de varios ventos
Hum Rei anda, que não foge o mar largo
Do governo, e se acolhe ao Ceo como Argo.

XXXIX.

E se qualquer, que tem Sceptro, e Coroa,
Nestes embates taes a vida passa,
Hum proprio de meu Reino, e da pessoa
Com ponta aguda o peito me trespassa:
Que se da insigne, e celebre Lisboa,
(Alta mercê da mão jamais escassa)
O leme tenho, foi com pensão dada,
Que inda paga não he, mas começada.

XL.

Devo a Deos pelo Reino, que governo,
Sangue, e vidas de meus leaes vassallos,
E por seu nome Sancto, e sempre eterno,
Com me sacrificar, sacrificallos.
Tributo assás antigo, e não moderno,
Que não mudão do tempo os intervallos,
A outro Affonso posto, e Rei primeiro,
Que elle me trespassou c'o Reino inteiro.

XLI.

Este destricto, e natural terreno,
Que ao nome Portugues em sorte coube,
Tam estreito no sitio, e tam pequeno,
Que dillatar com tanto esforço soube:
Teve roubado o perfido Agareno;
Que não ha gloria, que a Christãos não roube,
Mas c'o sangue, que os nossos derramaram,
Para Deos, que o perdera, o recobraram.

XLII.

Ó Reino illustre, mais feliz, que todos,
Que em Martyres de Christo estás fundado,
Despois, que por castigo dos Reis Godos,
Foste por largo tempo sepultado:
Não vês as artes, os estranhos modos,
Pelos quaes oje estás resuscitado!
Rasgaram-se os primeiros Lusitanos,
E dão-te vida, como Pelicanos.

XLIII.

Não foi herdado, mas ganhado Imperio
A Barbaros, que a Lei de Christo affrontão,
E só para seu damno, e vituperio,
Campos na terra, Armadas no mar contão:
Estes, que agora estão n'outro Hemispherio
Encerrados por nós, se inda lá montão,
Todos temos a culpa, que os deixamos,
E com nosso descuido os ajudamos.

XLIV.

Não jaz seu mar do nosso tão remoto,
Para que muitas Costas rodeemos,
Nem tão pouco por nós aberto, e roto,
Que temamos passallo á vela, e remos:
De sua celebrada arvore Loto,
O doce fruito singular provemos,
Que se de cá perdemos a lembrança,
Pode ser, que lhes peze co'a mudança.

XLV.

E já que tanta gloria nos resulta
(Allem da obrigação) desta conquista,
Contra o Mouro infiel, que bravo insulta,
Portugal todo com valor assista.
Só quisera saber nesta consulta,
Em que parage nossa Armada invista,
Onde sem resistencia, o effeito seja,
Semelhante á tenção de quem pelleja.

XLVI.

Isto diz, e parou como que escuta
Se alguem a seus intentos dá resposta;
Que a determinação já resoluta
Se não for approvada em fim desgosta.
Consigo cada qual digna reputa
Aquella empreza, que por obra posta
Resultará n'hum celebre proveito,
Universal do Ceo, do Mundo aceito.

XLVII.

E como a causa posta he tal, que atrae
A todo coração, que gloria enleva,
Logo d'entre elles hum susurro sae,
Que em pareceres seus se cria, e ceva.
Qual brando murmurar d'agua, que cae,
Que a corrente por entre pedras leva,
E a cada qual, que encontra se retira,
Como que torna atrás donde caira.

XLVIII.

Tras deste murmurar, que lhes dilata
A resposta, que Affonso espera, e pede,
Hum Mello ancião, que as armas já não trata,
Mas em Conselho a todos longe excede:
Levantando-se, a lingua assi desata,
Que a longa idade de annos não lhe impede
Huma doce corrente, quando falla,
Com que de Néstor a eloquencia igualla.

XLIX.

A larga idade de experiencia chea,
Gastada em varios ceos de vario clima,
Por quantas partes oje o Sol rodea,
A tomar este pezo, ó Rei, me anima:
Que o vigor d'alma, a quem jámais refrea
A velhice, por mais que o corpo opprima,
Esse zelo, e valor tanto o provoca,
Que pelos olhos brota, e pela boca.

L.

Que o Rei contente só c'o nome altivo,
Que em delicia, e descanso a vida gasta,
A seu Reino he Tyranno mais esquivo,
Que o Tyranno sabido, que o contrasta:
O exercicio de armas sempre vivo
O molle ocio destrue, e o vicio afasta,
Que a descuidada paz sempre por terra
Mais Monarchias poz, que a dura guerra.

LI.

Não vedes, que caío daquella altura,
A que já não chegava humana vista,
Roma! como ficou livre, e segura,
E não teve Carthago, a quem resista!
A dura guerra he fragoa, onde se appura
O valor, quanto mais o imigo insista,
E tanto, que se perde este custume,
Como ferro se gasta, e se consume.

LII.

Este só bem que ouvesse era bastante,
Para se persiguir a gente inica,
Quanto mais, que de Christo a Lei Triumphante
Deste modo se estende, e se amplifica.
A parte principal mais importante,
Segundo per razões se verifica,
Arzilla, ou Tanger, onde está clamando
Vingança a voz do Sancto Dom Fernando.

LIII.

D'aqui tereis a conjunção disposta,
Para que em tempo breve abrais caminho,
Com que fiqueis Senhor d'aquella Costa,
E de todo contorno alli vizinho:
Esta esperança que tambem composta
Tenho em favor de meu paterno ninho,
Eu fico, que crescera, e sombra dera,
Se vós lhe dais o arrimo, como á Hera.

LIV.

Este discurso singular relata
Com tal fervor, que os animos suspende,
E qual primeiro mobil, que arrebata
Os Ceos, de cujo moto a terra pende;
E nenhum de seu curso disbarata
Aquella ordem primeira, a que se rende,
Tal o velho eloquente os affeiçoa
Áquelle parecer, que tambem soa.

LV.

Banhado em ledo riso Affonso o rosto,
O coração pullando de alegria,
Encarecendo vai aquelle gosto,
Com palavras, á nobre companhia:
E porque não confunda o prosuposto
A tardança, que todo bem desvia,
Despedem-se correios, como raios,
Que denuncião bellicos ensaios.

LVI.

Por outra parte, de estrangeira manda,
E natural madeira, armar Navios,
Com que possa passar-se da outra banda,
A ver do Mouro infido os senhorios:
Que antiga mata, e Sylva veneranda
Das agudas bipennes foje os fios!
Soa o bosque, c'o golpe geme a planta,
Geme a terra c'o pezo, que a quebranta.

LVII.

Já no luco sombrio o Sol estranho
Entra com raio livre, pela falta
Que á sombra opaca já faz o Castanho,
Co'a coma descaida, e menos alta:
Do ar vazio lugar deixa tamanho
O robusto Carvalho, e sobresalta
C'os braços detruncados a vizinha
Arvore, que outros golpes adevinha.

LVIII.

Cae o fresco Ulmo da maior altura,
Nem tanto seu desastre geme, e chora,
Quanto sente o da vide, que pendura
Nelle os cachos, que alli madura, e cora:
Bem quisera furtar-se á queda dura,
Para parte, que livre a vide fora,
Mas como della está todo abraçado,
Trilhar a chara amiga lhe he forçado.

LIX.

Tambem cae cortada a ombrosa faia,
Em cujo tronco ao tempo do estro, e cio,
A cornigera fronte o Touro ensaia,
Para melhor sair ao desafio:
Ameaçando está para onde caia
C'os verdes ramos o Alamo sombrio,
Tambem se algum descuido o ferro ordene,
Chorão seu tronco as filhas de Clymene.

LX.

Cae a planta, que a Jove he consagrada,
Conhecida no Mundo antigamente,
Quando, todo manjar, que agora agrada,
Em glande commutava aquella gente:
Cae tambem a planta, celebrada
Pelo famoso Achilles, eminente
No militar officio, cuja lança
Ser de freixo, alcançamos por lembrança.

LXI.

Cae o Pinheiro, Symbulo da Morte,
Que cortado, outra vês nunca arrebenta,
E sente pesarosa aquelle corte
A Mãi dos Deoses, que esta planta augmenta:
Cae a partes tambem a Palma forte,
Que triumpho, e victoria representa,
E nunca se acovarda, ao pezo grande;
Que para resistencia se arca, e brande.

LXII.

Co'a ruina tambem tormento deste
Famoso Louro, dos Poetas gloria
A Daphne, que em teu tronco recebeste,
De que Apollo se adorna por memoria:
A mesma pena funeral Cypreste
Causaste a Cyparisso, cuja Historia,
Já esquecida, co' este mortal contraste,
A seu querido amante renovaste.

LXIII.

Pelo ar se ouvem sentidas, e queixosas
As Aves, renovadas de mil cores,
Humas, só pelos ninhos pesarosas,
Outras, por esperanças já maiores:
Outras, já feitas Mãis andão chorosas,
Vendo desbaratados seus penhores,
Sem que os ajude a pluma inda recente,
Sogeitos aos assaltos da Serpente.

LXIV.

E para que o successo, que pretende
Caia melhor, com mais seguro effeito,
Em obrigar a Deos primeiro entende,
Com todo sacrificio delle aceito:
Abrem-se os Templos Sanctos, onde rende
Ao Ceo mil graças hum devoto peito,
E o penhor alto, que oje gosa a Terra,
Donde encerrado está, se desencerra.

LXV.

Novo lume se accende nos altares
Em sinal d'outro mais perfeito lume,
Vai frequentando a gente estes lugares,
Com maior devação, do que he custume:
Com rogos, e plegarias rompe os ares,
Que de cá vão parar no Empyreo cume,
E como as vozes d'alma se arrancaram,
Os ouvidos divinos penetraram.

LXVI.

Poz Deos os olhos no fervor ardente
De hum Christão zelo, em lagrimas desfeito,
E de ser Deos de tam devota gente,
Ficou consigo alegre, e satisfeito.
E por se lhe mostrar brando, e clemente,
E agradecer-lhe hum zelo tam perfeito,
Ao charo Antonio, deste Reino gloria,
Do goso, que recebe faz memoria.

LXVII.

Suave cheiro de alto sacrificio
Recebi do teu Reino, e Patria agora,
Não de tostada rez, antigo officio,
Mas d'almas, onde amor, e zelo mora,
Lagrimas, e suspiros, claro indicio
De hum coração contrito, que me adora,
Bem fundada tenção, e pio rogo,
Ardem por sacrificio em sancto fogo.

LXVIII.

Eu te asseguro Antonio, que este seja
O Povo meu, e que eu seu Deos me chame,
Em quanto neste puro estado o veja,
Que por mi se honre, e que por mi se affame,
A empreza, que acabar tanto dezeja,
Porá no fim, por mais que o Inferno brame;
Que eu porei nelle os olhos; nisto orvalha
De nova graça, o Reino, que agasalha.

LXIX.

Quando no tenebroso Reino escuro,
Habitação, e apposento eterno,
De maior vida, e seculo futuro,
Que não muda Veram, nem troca Inverno:
Deputado para hũns, que em mal seguro,
A vida acabão, sem pezar interno,
Se ajuntão as Tartareas Potestades,
Contra Affonso de unanimes vontades.

LXX.

Jaz no centro do mais grave Elemento
Dos quatro, que influiram ser ao Mundo,
Neste batido do furor do vento,
E cercado das agoas do Profundo,
Neste, que no seu proprio fundamento
Sustenta o pezo gravido rotundo,
Huma cova profunda mais, que larga,
Do alto mais dillatada, que da ilharga.

LXXI.

Lugar de penas, e tormento esquivo,
Onde jamais se vio contentamento,
Tudo he pranto, sem peito compassivo,
Que se doa do alheio sentimento.
Não entra aqui jamais humano vivo,
Caza he só de funesto enterramento,
Só fez Aquelle escalla neste porto,
Que morrendo deu vida ao Mundo morto.

LXXII.

Aqui compete com a Morte a Vida,
Se o nome he vida, ou morte, não se sabe,
Se he vida o nome, como está perdida?
Se he morte, quem lhe tolhe que se acabe?
Mas sei, que vida morta se appellida,
E morte viva he nome, que lhe cabe,
Que são de vida os horridos effeitos,
E são de morte os infernaes soggeitos.

LXXIII.

Só recebe castigo, e pena crua
Neste lugar, huma alma miseranda,
Que dando redeas á vontade sua,
Sinalla o fim da vida em culpa infanda,
Que o corpo deixa á terra, que o possua,
Thé que o mover dos Ceos, que em circulo anda
Esteja quedo, e então seu corpo informe,
Para tambem na pena ser conforme.

LXXIV.

Por todos os Sentidos corre, e cursa
A pena igual a seus gosos maiores,
Visão horrenda aos olhos sempre occursa,
O gosto bótão lividos sabores:
Punge o Bicho a Razão, quando discursa
Atroão-se os ouvidos com clamores,
Odor fetido intupe o leve olfato,
Apalpa chammas o lascivo tato.

LXXV.

Que monte de Cicilia, que vapora
Sulphureas ondas em fumoso rollo,
Que Vesúvio de Italia, se algum hora
Nuves de fogo exhala do alto collo!
Que incendios grandes, que inda o Mundo agora
Celebra, vio na terra o claro Apollo!
Venha o de Phaethonte por lembrança,
Que co' este incendio tenhão semelhança!

LXXVI.

He de tanto vigor o fogo horrendo,
De tal braveza, e condição tam fera,
Que pintado nos fica parecendo,
O que arde em sua natural Esphera:
Deste, que está perpetuamente ardendo,
Que algum hora afracar jámais se espera,
São ministros aquellas creaturas,
Que cairam c'o pezo das alturas.

LXXVII.

Ai vida cega em tanta culpa envolta,
Por hum só gosto vão de tempo breve,
Olha onde vas coitada, volta, volta,
Antes que a liberdade a morte leve:
Desses laços subtiis essa alma sólta,
Que eu fico, que os descuidos te releve,
Aquella piedade immensa, e summa,
Que a todo tempo perdoar custuma.

LXXVIII.

Logo mais alto desta escura cova,
Onde não chega fogo, pranto, ou choro,
Outra morada jaz de gente nova,
Que alli se ajunta em miserando coro.
Nestes não faz a pena mortal prova,
Mas pagão de huma culpa antiga o foro,
N'huma cumprida ausencia em noite eterna,
Da vista do que a Terra, e o Ceo governa.

LXXIX.

Huns dizem, que despois que o Mundo enfermo,
Render o ultimo arranco, e despidida,
Sendo em cinzas por derradeiro termo
Seu rico ornato, e gloria consumida:
Neste deserto então de vidas ermo,
Hão de vir a passar coitada vida,
Sem mais gloria, e prazer, que o que tomarem
Da vista destes campos, que habitarem.

LXXX.

Estes, são as crianças de recente
Parto nascidas, por desdita sua,
Que dos braços da Mãi, do peito quente,
Por enveja roubou a morte crua:
Ou já no ventre timido accidente,
Ou desmaio da Mãi, que se affrigua,
Os condemnou a desventura tanta,
Antes de se banharem n'agoa Santa.

LXXXI.

Lá mais a cima desta caza triste,
Outra está de tormento, e de esperança,
Que dura em quanto o Mundo assi consiste,
E com elle terá tambem mudança:
Aqui somente huma alma boa assiste,
Que sem culpa mortal, ou sem lembrança
Della, com verdadeiro sentimento
Saío livre do terreo apposento.

LXXXII.

E como desta culpa commetida
Satisfação se deva, que igual seja,
O que resta, da que tomou na vida,
Aqui se purga, athé que pura esteja:
Qual barra de ouro inda não bem polida,
Para que seu valor claro se veja,
Na fragoa ardente deixa toda escoria,
E seus quilates mostra, e sua gloria.

LXXXIII.

Hum mesmo fogo as Almas atormenta,
Mas com menos vigor este se inflamma,
Que huma desperação o outro aviventa,
E deste, huma esperança abate a chamma:
Huma certa esperança, que as sustenta,
E n'aquelles tormentos brada, e clama
Pela Gloria, que está já promettida,
A pena, e dor lhes faz menos crescida.

LXXXIV.

Tambem lhes faltão temerosos medos
De visões, e figuras, que se ensaião
Com mil transformações, e mil enredos,
C'os quaes as Almas miseras desmaião:
Antes aqui de Deos ministros ledos,
Porque de todo com a dor não caião,
Bem esperar n'aquelle estado as fazem,
E mil consolações do Ceo lhes trazem.

LXXXV.

Qual lhes pinta do Ceo a fermosura,
Os prados frescos, que não murcha Estio,
Os cristalinos Rios de agoa pura,
Do ar a clemencia sem calor, nem frio:
Qual do manjar lhes diz, que sempre dura,
Manjar, que abasta sem causar fastio,
Que abastança faminta tem por nome,
Por seus effeitos, e abastada fome.

LXXXVI.

Sofrei Almas ditosas vossa pena,
Que he justa, pois que foi a culpa injusta,
E para tanta gloria, inda he pequena,
Por mais que padeçais, pouco vos custa:
Amor, e não cruel odio a ordena,
Que aquella Magestade recta, e justa,
Ab eterno ordenou por Lei direita,
Que não entre no Ceo cousa imperfeita.

LXXXVII.

Nesse pois mais profundo, e mais sombrio
Lugar de penas, e de graves mortes,
Lá n'hum recanto de horrido desvio,
A hum poste atado com cadeas fortes,
Agora ardendo em fogo, ora de frio
Tremendo o falso Hamet, igual nas sortes
Da pena, e do lugar áquelle ingrato,
Que o alto penhor do Ceo deu tam barato.

LXXXVIII.

Bramando, como fera immite, e brava,
Naquelle odio de Deos sempre obstinado,
Do Christão zelo blasphemando estava,
Que inda alli o inquieta este cuidado:
E sabendo, que Affonso caminhava
Contra Africa, gemeo de peito irado,
E com licença do Monarcha, horrendo,
Diante se appresenta assi dizendo.

LXXXIX.

Supremo Rey deste infernal Imperio,
Senhor de sombras, e de vãos espritos,
Que os Monarchas aqui d'outro Hemisphério
Ferrolhas em prisões de eternos gritos:
Como sofres agora hum vituperio,
Que ficará, por annos infinitos,
Para deshonra tua, na memoria
Dos que abater procuram tua gloria!

XC.

Obrigação te cabe de amparares
Sob teu favor essa Africana parte,
Pois seus habitadores singulares
Trabalhão, no que podem, contentar-te:
Não vês como recebes a milhares
Tributo de almas, que ella te reparte!
E com ser inda de teu Sceptro isenta,
Lá te celebra, e teu poder augmenta!

XCI.

Cedo cuberto o mar de Armada grossa
Verás, em seu destorso conjurada,
Só para ver se destruir-te possa
Toda jurisdição, que tens ganhada:
Não he a injuria d'Africa, mas nossa,
Pois ella á nossa conta está tomada,
Que se o imigo Christão quer offendella,
He por lançar teu nome fora della.

XCII.

Dillatar pelo Mundo a Lei pretende,
Que nas almas deixou Aquelle escrita,
A cujo aceno só tudo se rende,
Contra quem tudo em vão se arma, e milita,
Aquelle, que do Ceo teu fogo accende,
E deste abismo as penas exercita,
E sem guardar decoro a tal nobreza,
Te abateo deste modo a natureza.

XCIII.

Puderas estar oje no celeste
Apposento, gosando eterna Gloria,
A vista de mil bens, que conheceste,
Mas para que te avivo esta memoria?
Que he magoa renovar-te o que perdeste,
Sendo a perda tam grande, e tam notoria,
Inda que será parte esta lembrança,
Que te mova a tomar delle vingança.

XCIV.

E pois he poderoso, e tudo treme
De seu braço, dos seus, dos seus te vinga,
Isto te lembro (aqui suspira, e geme)
Para que minha Seita não se extinga:
Que o grão, que semeei, de quem se teme
Como de má zizania, cresce, e vinga,
Acude, qu'este imigo triumphante,
He praga em sementeira semelhante.

XCV.

Aqui Plutão, que já perdera o nome
Que tinha de Lucifero, e fermoso,
Co' aquella sede interna, e eterna fome,
Que d'almas tem no coração fogoso:
Os dentes quebra, a lingua morde, e come,
Os olhos vibra com furor raivoso,
Os braços torce, o supercilio abate,
E co' os pés no soberbo solio bate.

XCVI.

E levantando logo a atróz carranca,
Soprando pelas ventas fogo, e vento,
Arroja huma grossissima alavanca,
(Sceptro ardente) sinal de sentimento:
Ella, que achou pelo ar passage franca,
Na Styge paludosa fez assento,
E revolvendo as agoas que soaram,
Os damnados ministros se ajuntaram.

XCVII.

E com voz temerosa, que desbrocha,
Do concavo do peito, que se affronta,
Como Touro passado da garrocha,
Que o corro com bramidos amedronta:
Ou qual sonoro ronco, que na rocha
O mar furioso forma, onde confronta,
Assi lhes diz com tom pesado, e horrendo,
E elles de horror á vista estão tremendo.

XCVIII.

He possivel, que sofra hum levantado
Pensamento, que tudo tem sogeito,
Que outro humano na terra seja ousado,
A lhe encontrar a claras seu direito!
Que esteja meu Imperio, e summo Estado,
A ponto de se ver quasi desfeito,
Por hum Crucificado, e morto a dores,
Que acha tam valerosos defensores?

XCIX.

Sus ministros fieis, executores
De minha furia, armai vossos enganos,
De que sois tam subidos inventores,
Tecei destorsos, mortes, e outros danos:
Vós sois os esforçados protectores
De minha honra, e meu ser contra os humanos,
Qual de vós com vontade está mais pronta,
Que a nova empreza tome á sua conta?

C.

Todos em continente se offerecem,
Que a todos igualmente o caso toca,
Pela honra de seu Rei tanto estremecem,
Todos fallão tambem por huma boca;
Mas de quantos Demonios apparecem,
C'o negocio a Megera só provoca,
Em subtiis invenções engenho antigo,
A quem na traça instrue do perigo.

CI.

Ella, que aceita a empreza contra vivos,
Por mais se inviperar em sanha nova,
Nestes, da culpa Spiritos cativos,
De castigos crueis faz dura prova.
Ferve o abismo em tormentos excessivos,
Miseravel tragedia se renova.
Gemidos tristes, lastimoso pranto,
Blasphemias se ouvem, ella embravece em tanto.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO SEGUNDO.

I.

A via dado o Sol voltando a linha
Mil cursos de anno, e quatro vezes cento,
Com mais septenta, e hum, e ardendo tinha
No meio do Leão feito apposento:
Despois que a luz, que tarde ao Mundo vinha
Por dezejada, trouxe o nascimento
Do Infante, que deu fim a nossos dannos,
E principio feliz a novos annos.

II.

Quando no Ulisseo porto o mar fervia
Com plantas mortas, que parecem vivas,
C'o refluxo, e c'o fluxo, que crescia
Das ondas, ora humildes, ora altivas:
Dos conveses a gente, que partia
Suspiros dando ás auras fugitivas,
Do mais charo penhor, que lhe ficava,
Por outro maior zelo se apartava.

III.

Os instrumentos musicos firiram,
Com som diverso os mais sublimes ares,
E das Nereidas candidas se ouviram,
Lá no profundo dos mais altos mares:
Mas as tristes amantes, que suspiram,
Derramando mil lagrimas a pares,
Outro som fazem magoado, e triste;
Que mal a saudades se resiste.

IV.

Detem-te Alvaro illustre de Monsanto
Conde famoso, que esmorece aquella,
Que o Ceo te deu em Matrimonio santo,
Não sejas causa tu da morte della:
Não sei, que temor ha, não sei que espanto
A cobre, como nuve á clara Estrella,
Que ver-te desconfia, e tem por certo,
Que he deste mal o coração experto.

V.

Quantas vezes trabalha consolar-se,
Tantas mais se entristece, e vê, que aperta
Alma dentro, como que quer cerrar-se
Ás razões, que ella por seu bem concerta:
Se aquietar-se quer, sente alterar-se,
Assi, que em tanto aperto estando incerta,
Deixa levar-se da maior corrente,
E no que mais vigor tever, consente.

VI.

Como no mar Jonio o mestre experto,
Que o leme tem do Calabrês Navio,
Antigo n'arte, nas carreiras certo,
Se os Polos inclinou sobejo Orio,
Tomara dar co'a Náo em porto aberto,
Mas o cego temor, e desvario,
Que o governo lhe traz, e arte vencida,
Lha faz deixar á sorte offerecida.

VII.

Já c'os olhos n'Armada, que lhe foje,
Mil confusões na mente representa,
Na praia vendo está como se arroje
Á Náo, que passa tão cruel, e isenta;
Mas quam pouco lhe dá, que ella se enoje,
Duro madeiro, então a nada attenta,
Mais que ás agoas, porque he levado dellas,
Mais que ao vento, q̃ sopra, e lhe enche as véllas.

VIII.

Mas ella se arremessa impaciente,
E com ambas as mãos do leme aferra,
Já tem a Náo no meio da corrente,
Já triumpha do mar, do vento, e guerra:
Já satisfeita está, já está contente,
Já procura trazella para a terra.
Que Remora se vio na aguda quilha,
Que fezesse tam ardua maravilha!

IX.

Agora diz, ingrata Náo, agora
De ti procurarei larga vingança,
A parte me levavas, onde mora
O todo de minha alma, e da esperança:
Hum bem de tantos annos n'hum só hora,
Assi mo levas co' essa confiança?
Não temes, que te abraze, nada curas?
Mas ai, c'o bem, que levas te asseguras.

X.

Se estar parada sofres gravemente,
Se das outras o ledo curso envejas,
Esse penhor me solta livremente,
Livre te deixarei, como dezejas.
Quando não, te farei com força urgente,
Que na Costa quebrada, e aberta sejas,
Mas ai, que ei de salvar-te do perigo,
Pois periga meu bem junto contigo.

XI.

Ai, e não sejas a meu rogo surda,
Porque sabes, que se algum damno traço,
Não vou tam salva, que tambem não s'urda,
Contra esse bem, por cuja causa o faço.
Mas doa-te meu mal, e não discurda
Teu lenho minha voz, que se ameaço
Naufragios teus, são lanços de hum amante
Peito, que para nada está constante.

XII.

Nesta imaginação toda embebida
Quando se julga já por triumphante,
Sem que aja cousa, que seu bem lhe impida,
Só magoas, e pezares vê diante:
Ai leve fantasia, e mal regida,
Louco devancar de hum triste amante,
Quanto finges, quanto armas tudo em vento,
E tudo em fim para maior tormento.

XIII.

Nem deste temor frio se acha salva
De Dom João a charissima consorte,
Digno Conde, e Senhor de Marialva,
Sem aver esperança, que a conforte:
Que ao romper triste da escurissima Alva,
Em que lhe rouba o deshumano Norte,
O deposito rico de sua alma,
Seus prazeres deixando sempre em calma.

XIV.

Em mesto sonho se lhe representa
Do reciproco amor a prenda chara,
Que della triste despedir-se intenta,
Com pallido sembrante, e côr amara:
Os braços seus abertos lhe appresenta,
De querer abraçalla mostra clara,
E tornão-lhe a cair desfallecidos,
Como que d'algum mal estão sentidos.

XV.

Dizendo com voz fraca, e amortecida,
Recebei estes ultimos abraços,
Por esta derradeira despidida,
E levantai-me, que eu não posso, os braços:
Gosai por este pouco minha vida,
Pois que tam curtos foram seus espaços,
Vou, mas não tornarei, e c'hum trespasso
Nos braços lhe caio languido, e lasso.

XVI.

Do somno, e triste sonho a triste acorda,
Mil voltas dá, e corre todo leito,
No meio apalpa, n'hũa, e n'outra borda,
Não acha de sua alma o doce objeito:
O ser partido co'a visão concorda,
E posta n'um estremo tam estreito,
Socorre-se a hum papel, e assi escrevia,
Mas o vento lhe leva o que dizia.

XVII.

Estas regras afflicta vos escrevo
Conde amado, porque com ponta aguda
Me stimulou amor, com que me atrevo,
A desatar desta arte a lingua muda:
Quisera persuadir-vos, o que devo
Ao que vos quero, e vejo, que me ajuda
A condemnar a petição mesquinha,
Vosso nome ganhado á custa minha.

XVIII.

Ai se pudesseis! mas não sei que digo,
Se pudesseis deixar esta jornada,
Que não sei, que pezar sinto commigo,
Que difficulta assás vossa tornada.
Será pejo de amor, que traz consigo,
Porem traz-me inquieta, e perturbada,
E temo vir-me o mal, que me adevinha,
Só porque sois bom Conde, cousa minha.

XIX.

Sonhava nesta madrugada esquiva,
Que via vossa natural figura,
Co'a cor quasi mudada, e menos viva,
Como quem perto está da sepultura:
Direis, que o sonho he sombra fugitiva,
Só verdadeiro em quanto a image dura,
Mas inda que por falso se publique,
Fazei Senhor com que mais falso fique.

XX.

Bem me lembra, que ouvi, que a noite escura,
Que foi a Julio Cezar derradeira,
Sonhou Calphurnia triste a desventura,
Que o dia lhe mostrou ser verdadeira.
E suadillo com lagrimas procura,
Que sair ao Senado então não queira;
Que inda, que o rogo fosse desvario,
Erro era desprezar rogo tam pio.

XXI.

Nem este, que me força hum desatino
Amoroso, que mais do que diz, callo,
Vos faça imaginar o que imagino,
Que não ha para que vos faça aballo:
Mas ai que tal me vejo, que me fino,
Em meio do que escrevo, escorjo, e stallo,
Será possivel verdes-me primeiro?
Que vai, Senhor, em serdes derradeiro?

XXII.

Tam appressado estais para deixar-me,
Que antecipais o tempo á minha gloria?
Por hum pouco pudereis enganar-me,
Não temais, que sem vós se aja a victoria:
Quereis honra ganhar? podeis ganhar-me
Primeiro, não queirais que esta memoria,
Que vos fiz de meu mal, me fique em pena,
Que me condena a mi, e a vós condena.

XXIII.

A mi, porque tam pouco acabar pude,
A vós, porque tam pouco por mi destes,
E se não ha piedade, que vos mude,
E tendes a vontade ao partir prestes:
Permitti, que de hum só gosto me ajude,
Direi, que este só gosto me fezestes,
Mas ai, que temo meu destino, e sorte
Sois Dom João, Coutinho, Conde, e forte.

XXIV.

Não sejais o primeiro, que na praia
Mostreis, ou nos assaltos valentia,
Que de Prothesilao a sorte caia
Em vós, e a sorte em mi de Laodomia:
Mas já o alento falta, e a mão desmaia,
Que atalha o que dizer-vos mais queria,
Mas julgai de quem teme, e desespera,
Quanto diria mais, se mais pudera.

XXV.

Firmou, e pela pressa com que estava,
Por ver se inda ir a tempo a carta possa,
Da firma descuidou, que sempre usava,
E pondo o nome, lhe faltou, o vossa:
Mas que monta, que ao tempo, que chegava
O nuncio, já no mar a Armada grossa
Se engolfava, e das Náos apparecia
Só de longe huma sombra que se via.

XXVI.

Sentio lá no profundo, e vitreo estrado,
Onde com Thetys passa alegre sesta
Oceano, este aballo desusado
Da fabricada subita floresta.
E com tal novidade perturbado,
Deixa de parte o rigozijo, e festa,
E por Tritão os Deoses convocando,
As agoas para cima foi cortando.

XXVII.

Nerêo Pai das Nymphas, mais ligeiro
Do que a comprida idade consentia,
(Se o tempo entra no mar) foi o primeiro,
Que os passos d'Oceano alli siguia:
Ao lado esquerdo Glauco he companheiro,
Pelo direito Protheo apparecia,
Protheo, que os Neptuninos aconselha,
Huma com outra Thetys emparelha.

XXVIII.

Entre todas a bella Cymnoria
Corre veloz co'a linda Cymothôe,
Logo tras ella a candida Amathia,
Com Dinamêne, Apseudis, e Amphitôe:
Cymodoce, Dexâmene, Orithia,
Amphinome, Melite, Glauce, Thôe,
Galatêa fermosa por estremo,
E Leucothôe vem c'o seu Palemo.

XXIX.

Já se mostra Pherusa, e avante passa
Climêne, porque já perto a sentira,
Descobre-se Nisêa, e Callianassa,
Spio, Actêe, Nimêtris, e Janira:
De mais longe vem Dôris, e Janassa,
A quem acompanhou Callianira,
Thalia, Panopêa, Jèra, Proto,
Æthra, Agâve, Idothea, Mêra, Dôto,

XXX.

Em calma neste tempo o mar estava,
E como Rio manso parecia,
O vento em seu descanso repousava,
Nenhuma taboa concava surdia:
Oceano, que a Frota divisava,
De Lusitanos ser reconhecia,
E por se lhes mostrar ledo, e contente,
Co' esta voz faz attenta a humida gente.

XXXI.

Ó bellissimas Nymphas, ó Marinhos
Habitadores do cristal salgado,
A esta Armada agora abri caminhos,
Que em calma a tem o vento sossegado:
He justo festejemos taes vizinhos,
Que tanto tem meu nome acreditado,
Por elles sou famoso, e todo humano
A grandeza celebra do Oceano.

XXXII.

Cesse já do Erithrêo a gloria antiga,
E seus tropheos magnificos suspenda,
Nem do Pontico mar louvor se diga,
Que meu direito, e preeminencia offenda.
Outras crescentes, outros Estos siga
Esse Mediterraneo, se pretenda
Iguallar-se commigo, enfree o brio
O Mauritano, o Caspio, o Euxino frio.

XXXIII.

Nenhum ceruleo Reino se navega,
De gente em paz, e em guerra tam famosa,
Nenhum com tal corrente cerca, e rega,
Costa em viages tam maravilhosa:
Nenhum seus braços tam ufano entrega
A Cidade tam nobre, e populosa,
Que se Ulisses lhe deu o fundamento,
He já gloria de Ulisses, e ornamento.

XXXIV.

Isto dizendo os braços vai lançando
Com seu compasso igual, pela agoa fria,
E a Náo Real c'os hombros inclinando,
Escumas levantava, e dividia:
Logo vai cadaqual outra afferrando,
Por não ficar de trás sem companhia,
O curso era tam destro, e diligente,
Que hião surdindo todos igualmente.

XXXV.

O Navio do Principe tirava,
Com graça estranha a linda Galatea,
Que por descuido a vezes se mostrava,
Mais alva, que o cristal da propria vea:
Os olhos apos si todos levava,
E corações trás elles senhorea,
Quantos a culpão de ligeira, e leve,
Pois tal vista lhes faz assi mais breve.

XXXVI.

Bernardo, gentil moço, apaixonado
Dos achaques que Amor grangea, e cria,
De aquelle doce obgeito penhorado,
Que ser de Galatea conhecia:
Hum pouco sobre a popa debruçado,
Por gosar de mais perto o bem que via,
De seu passado amor, morta esperança,
Por lhe lembrar amor lhe fez lembrança.

XXXVII.

Como he certo, lhe diz, ó Nympha bella,
Que a vista nos furtais pela agoa clara,
Que muito liberal serieis della,
Se Acis daqui vos vira, e vos fallara:
Mas ninguem mereceo ter sua Estrella,
Que se não fora tal inda durara,
Mas isso já passou, nem vos offenda,
Se agora em vosso amor outrem se accenda.

XXXVIII.

E se de minha voz tendes receio,
Porque andais do Gigante inda assombrada,
Olhai-me bella, que não sou tam feio,
Que meu gesto vos torne perturbada:
Nem quero gosto meu com damno alheio,
Que se outrem vos contenta, e vos agrada,
Não sou tam cruel, não, que vo-lo enveje,
Só permitti vos ame, e vos dezeje.

XXXIX.

De musicas Sereas nisto soa
Hum coro, que diante as Náos seguia,
A todos logo as almas affeiçoa
Com deleitosa, e doce melodia,
Deixa a popa Bernardo, e busca a proa,
Que mais se paga das Canções, que ouvia;
Que a musica suspende o pensamento,
A belleza distrahe, e dá tormento.

XL.

Louvores são do Reino Lusitano,
Os que o Coro celebra, e alegre canta,
Como de seus principios o Romano
Imperio, c'o feroz Viriato espanta:
Como no Rio Tejo o Mauritano,
E despois no Salado, em fim quebranta,
Quando as velas com vento esperto incharam,
E as Nymphas, e Sereas se apartaram.

XLI.

Conta-me agora ó Musa, em quanto abrindo
Affonso vai o liquido Elemento,
Que desvios se vão contra elle urdindo,
Que possão perturbar-lhe o santo intento:
Que tempestades o ar vão confundindo,
Quem move os ares, quem conjura o vento,
E que magico Sprito engenhos usa,
Que Archimédes não forma em Syracusa.

XLII.

N'hum monte cavernoso, que alça o collo
De Arzilla pouco transito distante,
N'huma alta cova onde não chega Apollo,
Por mais que avive o raio rutilante:
Em clausura vivia o Mago Eudollo
Antigo successor do velho Athlante
De maravilhas cheio, que alcançara
Parte por arte sua, e parte herdara.

XLIII.

Este era n'arte igual ao Grego raro,
Que previo o destorso dos Troianos
Das aves, que roubou do ninho charo
O Dragão fero, computando os annos:
Nem era nos augurios menos claro,
Que o que na guerra dos Irmãos Thebanos,
Abrindo-se-lhe a terra, co'a ruina,
O Reino amedrentou de Proserpina.

XLIV.

Este das azas do plumoso bando,
Ou cortem leves o ar, ou trepidantes,
Varios successos vai conjecturando,
Que á Mauritania prognostica instantes:
Este com olho attento está notando
As entranhas das reses palpitantes,
Como, que o que Deos tem determinado,
N'hum animal esteja figurado.

XLV.

Este observa as Estrellas radiantes,
No mais alto silencio, e mais profundo,
Notando os movimentos das errantes,
E das fixas o scintillar jocundo:
Dos Signos, dos Planetas tam distantes,
(Que tanto podem no pequeno Mundo)
Virtudes, e secretas qualidades,
Que inclinar podem, não forçar vontades.

XLVI.

Este das pedras candidas, e bellas,
A propriedade, e natureza alcança,
E desvellado em conjunções de Estrellas,
A cujos nascimentos conta lança,
Figuras espantosas abre nellas,
Com que as sombras do lago Averno amansa,
Qual em Berillo, qual em Calcedonio,
Qual em Saphiro está, qual em Sardonio.

XLVII.

Qual se mostra em purissimo Adamante,
Per arte aberto, e não per natureza,
Que este resiste ao golpe mais possante,
E só comsigo lavra esta dureza:
O mais prezado delle, e mais prestante,
O Indico he, mas de menor grandeza,
O ferro a pedra de cevar desvia,
E o nautico instrumento ao Norte guia.

XLVIII.

Qual em verde Esmeralda transparente,
Que produz mais prezada a Scythia fria,
Esta virginaes quebras não consente,
E mostra a dôr na quebra da valia:
Mui celebrada foi por excellente,
E grande aquella, na qual Nero via
Os Theatros melhor representados,
Do que se fossem delle proprio olhados.

XLIX.

Qual na fermosa Acate, que se arrea
De varias cores, em Sicilia achada
Do celebrado Alpheo na branca area,
Despois na India, no Egypto, em Persia amada,
Nesta co'as linhas de huma, e d'outra vea,
Ora se vê huma arvore estampada,
Ora outras flores, ora huma coroa,
Qual na de Pyrrho a fama nos pregoa.

L.

Qual vive no Carbunculo encendido,
Que o Troglodito d'Africa acha, e gosa,
Cujo vigor não he d'outro offendido,
Mas c'o seu toda pedra está fermosa.
No macho, como mais ennobrecido,
Scintilla alguma Estrella luminosa,
Alguns querem dizer, que o verdadeiro,
Na fronte de Animal se achou primeiro.

LI.

Qual em Topazio, que a cor verde inclina
Á cerulea do mar, splendente, e nobre,
Que primeiro por gente peregrina
Em Chyte Ilha de Arabia se descobre:
Ou n'outra, que c'o mar roxo confina
Longe achada da praia, o nobre cobre,
Lançado n'agoa, quando mais ardente,
Tepida, e fria a torna em continente.

LII.

Qual figura se vê na Dragonita
Lucida negra, achada no Oriente,
Do Dragão, que a produz na fronte dita,
Que com cautella alcança aquella gente:
Herva de confeição, que o somno incita,
Lhe poem na cova, estando a fera ausente,
E como entrando nella se adormeça,
Segura deixa aos golpes a cabeça.

LIII.

Qual na pedra Cristal de extrema alvura,
Dos Alpes de Ethiopia acreditada,
A que muitos chamaram neve pura,
Alli por largos annos congellada:
Mas outros a diceram pedra dura,
Com muita parte aquosa conformada,
Por na parte se ver do meio dia,
Onde jamais caira neve fria.

LIV.

Qual na verde Elitropo, ou Elitropia,
Á fermosa Esmeralda parecida,
Vista em Africa, em Cypro, em Ethiopia,
De sanguinosas gotas esparsida:
Esta untada c'o succo da herva propia
De seu nome, do Sol n'agoa firidà,
Vermelha torna, elle de cor sanguina,
Como que eclipsa a face alabastrina.

LV.

Nestas, e n'outras pedras transparentes
Mostrava Eudollo sua sciencia, e arte,
E segundo os effeitos differentes,
Assi dellas se ajuda, assi as reparte:
E vendo pelos varios accidentes
Do tempo, e rostros de Saturno e Marte,
E pelas tradições de Athlante herdadas,
E figuras, que alli deixou pintadas:

LVI.

Que algum grave infortunio se aparelha
Á Mauritania per occulto caso,
Aproveitar-se quer da usança velha,
(Para ver se vem perto, ou tarda o praso)
Das sombras tristes com que se aconselha:
E para isso tirou de hum eneo vaso,
Hum lucido Diadoco, onde tinha
Figura aberta, que á tenção convinha.

LVII.

Hum homem, tem na esquerda huma Serpente,
E hum pequeno dinheiro na direita,
De alta statura, e o Sol resplandescente
Por cima da cabeça os raios deita:
C'os pés calca hum Leão feroz, e ardente,
Em plumbeo anel a pedra o Mago affeita,
E debaixo da pedra fez emprego
De hum pouco de Artemisia, e feno Grego.

LVIII.

Já nos braços de Thetys repousava
O flamivomo Pai de Phaetonte,
E a bella Irmaã por elle alumeava
O mais sombrio valle, e erguido monte:
Mas c'hum resplandor triste, que mostrava
Por entre hum negro veo, que tem defronte,
Que parte ferrugineo apparecia,
Parte a vezes de todo se encobria.

LIX.

Noite, custodia de qualquer segredo,
Para qualquer encanto aparelhada.
Caminha o Mago sem temor, e medo,
Que aquelle horror pesado mais lhe agrada:
O poderoso anel leva no dedo,
E por huma carreira desviada
A hum valle desce, d'arvores sombrio,
Por onde caminhava hum triste rio.

LX.

E primeiro da noite as reverentes
Trevas, com voz humilde saudando,
Noite alta, diz, que aos animaes, e gentes
Repouso dás, e refrigerio brando:
Suspendendo o pezar aos descontentes,
O prazer aos alegres conservando,
Pois lhe impedes caminho a nova pena,
Que facilmente o dia traz, e ordena.

LXI.

Noite, que o cháos horrido, e confuso
Naquelle cego horror por filha cria,
Primeiro, que este globo tam diffuso
Manifestasse o resplandor do dia:
Chamão-te sombra triste, e manto escuso,
Pois se encobre contigo, e se desvia
O mundo, e fealdade da luz pura,
Sendo tu graça sua, por escura.

LXII.

Que a sombra do fresquissimo arvoredo,
Que o terreno florido, e verde cobre,
Sempre o torna mais deleitoso, e ledo,
Que quando ao Sol sem toldo se descobre.
Noite demostradora do segredo
Das Estrellas, que a luz avara encobre,
Belleza, e fermosura extraordinaria,
Do Ceo, quando arde em tanta luminaria.

LXIII.

Sê-me benigna neste temerario
Feito, se te mereço beneficio,
Hum grande favor teu me he necessario,
Augurio algum me dá fausto, e propicio:
Que eu te fico, que pelo curso vario
Do tempo, negra rez em sacrificio
Te dê, cujo intestino coma logo,
Com novo leite borrifado fogo.

LXIV.

E callando co' a vista á parte, donde
Tremulo vem o raio da triforme
Deosa, que ora apparece, ora s'esconde,
Ora se mostra bella, ora deforme:
Com reverencia externa, que responde
Á d'alma, que elle sempre traz conforme
Nestas superstições, onde não falha,
Dest'arte rogo humilde ao ar espalha.

LXV.

Ó clara Deosa, assi no Reino fundo,
Onde estás venerada por Senhora,
Sempre vejas Plutão ledo, e jocundo,
Qual o viste no monte a primeir'hora:
Assi, quando enfadada o nosso mundo
Pisas, na caça sejas vencedora,
Nem Javali furioso te resista,
Nem Cervo algum jámais percas da vista.

LXVI.

Assi, quando no Ceo bella, e composta
Affinando a belleza, com que accendes
O moço Endymião, aches disposta
Conjunção de gosar o que pretendes:
Assi nunca de enveja a terra opposta
Te eclipse a fermosura, que defendes,
Que novas artes, novo engenho inspires,
E benevola a meu intento aspires.

LXVII.

E posto sobre a ripa alli pendente,
Os olhos n'agoa, cujo tom se ouvia
Correr tam carregada, e tristemente,
Que outra cousa, e não agoa parecia:
Que a profundeza grande da corrente
O murmurar de modo confundia,
Que claramente não se divisava,
De que era aquelle tom, que alli soava.

LXVIII.

Assi soltou a voz de lá do sprito
Que aballou o circuito em redondo,
Eternos moradores de Cocyto,
Lugar de espanto, e temeroso estrondo:
Se bem vossos mandados exercito,
Vossa vontade a todas antepondo,
Se tenho a minha a todo mal disposta,
Ouvi-me agora, e dai-me aqui resposta.

LXIX.

Ex que subito os ares perturbados
C'hũa sombra medonha carregaram,
E com rumor horrendo trastornados
Os ramos huns com outros s'encontraram:
Cresce o furor, e muitos são quebrados,
Outros c'os mesmos troncos se arrancaram,
O Rio se alterou, e cresceo tanto,
Que a novidade ás ripas faz espanto.

LXX.

E nisto sobre as agoas apparece
Hum monstro horrendo de mortal figura,
Que inda, que alguma forma ter parece,
Nem parece animal, nem creatura:
De cem Cerastas a guirnalda tece,
Por remate de estranha fermosura,
Turba menor de huma cabeça enorme,
Ornato em tudo igual ao mais conforme.

LXXI.

A ferrea luz dos olhos, que se encovão
N'hum centro obscuro, sobe á cima tarde,
As mãos de insignias tristes se renovão,
Qual de Hydro, qual com fogo rogal arde:
A boca de odor fero, onde desovão
As pestes, de que o Mundo se resguarde,
Infirmidades, fome, sede, e morte,
Rompendo a voz pesada desta sorte.

LXXII.

Eu sou a triste, e desleal Megera,
Universal castigo dos humanos,
De seu doce repouso Harpia fera,
Perturbadora dos melhores annos:
No Mundo todo mal por mi se gera,
Eu sou causa de mortes, e de danos,
Enganos traço, mil discordias rejo,
Toda gloria do Ceo turbada envejo.

LXXIII.

Não venho aqui de teu poder forçada,
Por virtude de teus encantamentos,
Antes do Rei Tartareo sou mandada,
Para te descobrir seus pensamentos:
Que sabe, que sem ti não pode nada,
Pois dás melhor effeito a seus intentos,
Que mais acaba hum só ministro experto,
Que todo Inferno para mal aberto.

LXXIV.

O que me queres preguntar te digo,
E da parte de Pluto te amoesto,
Arma-se contra nós hum grande imigo,
Que só pretende nosso fim funesto.
He geral de toda Africa o perigo,
E se lhe não resiste, aqui protesto,
Que se apparelha á lei que adora, e segue,
Quebra total por este, que a persegue.

LXXV.

Não vem buscar metal fino, e luzente,
Nem das riquezas segue a vil cubiça,
Mas hum dezejo fervido, e ardente,
De credito immortal, o accende, e atiça:
A gloria de hum Propheta, a que esta gente
(Julgando outra por vãa, falsa, e postiça)
Attribue celeste divindade,
Pretende consagrar á Eternidade.

LXXVI.

Por tanto Eudollo mal tamanho atalha,
Por não vir ao mortal, que se adevinha,
Em quanto pela terra não se espalha,
E pelo bravo mar inda caminha:
Impedir-lhe a passage alli trabalha,
Com teus encantos magicos azinha,
Que quem não cura no principio a chaga,
A tardança despois co'a morte paga.

LXXVII.

E porque co' esta gente semelhante,
Terão poder dous sós impedimentos,
Poem-lhe grandes contrastes por davante,
De bravos mares, e de soltos ventos:
E, quando inda contra isto for constante,
Sabe fingir-lhe alguns contentamentos,
Que eu te fico, que aquella, ou esta força,
Lhe faça, que o caminho deixe, e torça.

LXXVIII.

E porque nada teu intento acanhe,
E saias bem com quanto pretenderes,
Aqui me tens, para que te acompanhe,
Que trago de Plutão grandes poderes:
Primeiro, que este imigo o ferro banhe
Em teus Alumnos, parem seus prazeres
Fantasiados n'hum desgosto puro,
Para exemplo, e memoria do futuro.

LXXIX.

Dice, e como se as agoas da lagoa
Styge bebera, assi se assanha o Mago,
Subindo n'huma nuve obscura voa
Dando por feito o imaginado estrago;
Trás elle strepidando a furia soa,
Que o quer acompanhar n'aquelle trago,
E forjando consigo mil enganos,
Aquella noite gasta em tecer danos.

LXXX.

A noite, antes que o Sol o raio estenda,
E seus ensaios horridos descubra,
Que para que o trabalho a salvo emprenda,
A negra noite busca, que lho encubra:
Quem ha que se no mal tempo dispenda,
Lhe não busque remedio com que o cubra
Mas com lhe parecer medonho, e feio,
O segue como bello, e sem receio!

LXXXI.

Pelas escuras nuves já rompendo
A bella Aurora vinha, dando á terra
A dezejada luz, e desfazendo
O carregado horror, que a noite encerra:
Hião-se as cousas pouco a pouco vendo,
O mar menos medonho, o valle, a serra,
Despois de quatro Auroras, quando entrada
Abria pelo Estreito a Frota armada.

LXXXII.

Como de somno grave despertando
Affonso, para o longe a vista estende.
N'humas sombras escuras, e altas dando,
Que ser vizinha terra logo entende:
E quanto mais se vai nisto affirmando,
Para reconhecer o que pretende,
Das Columnas a dentro acha que estava,
Que Alcides por memoria levantava.

LXXXIII.

Alcacere Ceguer dalli divisa
A seu valor rendida, sempre inteiro,
Os altos muros logo, onde aballisa
Seu sprito singular Dom João primeiro:
A todos com voz alta logo avisa,
Todos saem, nenhum ser derradeiro
Sofre, que pelo risco em que se viram
Saudades sem conto descobriram.

LXXXIV.

Não se fattão de ver os montes altos,
Que de mais graça então lhes parecião,
Como que de vigor, e animo faltos
De huma larga viage então saião:
Porem huma hora só de sobresaltos
Dos mares, e dos ventos, que assovião,
Quebranta mais do porto a esperança,
Que jornadas compridas em bonança.

LXXXV.

Affonso que pretende confirmallos
No proposito sancto, que levavão,
Inda que á força de infernaes aballos,
De o perderem tam proximos se achavão:
Que o grande zelo de leaes Vassallos
Os horridos perigos o atalhavão,
Assi diz, vendo exemplo semelhante
Nesta empreza do Avô, que tem diante.

LXXXVI.

Ó companheiros meus, que estreitamente
Nos trabalhos achei sempre commigo,
Assombre-se com elles outra gente,
Que não serve a quem salva do perigo:
Mas nós, que hum Deos siguimos eminente
Sobre tudo, o que traça o humano imigo,
Confiança, e grande animo tenhamos,
Nem do primeiro intento desistamos.

LXXXVII.

Ponde os olhos em Seyta, que assaltada
Foi pelos troncos, donde procedemos,
Quantos encontros houve a ser entrada,
Quantas difficuldades recebemos:
Em que parte do Mundo divulgada,
Não foi a grande peste, e seus estremos,
Primeiro encontro á proseguida empreza,
Que inda lembrada aballa a natureza!

LXXXVIII.

Ai quantos ais n'hum só suspiro envoltos,
Que d'alma saem, vão pelo ar rompendo,
Que na mais alta região resoltos,
Vão juntamente as vidas resolvendo:
Como de exhalações ardores soltos,
Ou de errantes Estrellas discorrendo,
Que no ponto, que acabão, não deixaram
Sinal, donde primeiro se inflammaram.

LXXXIX.

Neste tempo João, que determina
Contrastar contra males desusados,
Que quando o coração c'o pezo inclina,
Tem spiritos então mais levantados:
Quer entregar á furia Neptunina,
Antes as vidas de Varões provados,
Que vellos ir perdendo a luz escassa
C'huma setta invisivel, que os trespassa.

XC.

Mas não falta, quem tal dezenho corte,
Com razões bastantissimas, que obrigão,
Dizendo, que he melhor no Reino a morte,
Pois lá Christãos nos corpos se castigão:
Mas que á vista do Mouro, de tal sorte,
O mesmo Christo, e seus Fieis perigão,
Ficando sua gloria em menos conta,
Entre quem do successo as cousas monta.

XCI.

Nisto do contagioso mal passada,
Sogeita á morte a celebre Rainha,
Do trabalhado Reino foi chorada,
E mais do Rei, que tanto amor lhe tinha:
Quem não dicera agora, que encontrada
A sancta pretenção do Ceo lhe vinha,
E para o divertir della, lhe ordena
Tam subitas razões de nojo e pena.

XCII.

Mas elle anteferindo a todas ellas
A dor, que n'alma traz de longe escrita
Nascida das affrontas, e cautellas,
Que contra Christo o Barbaro exercita:
Manda estender ao vento logo as véllas,
E com palavras animos incita,
De successo melhor desconfiados,
E com taes infortunios quebrantados.

XCIII.

Mas o Ceo, que nas pressas favorece,
E caidos espiritos anima,
Por nova, que por certa se conhece,
Faz a jornada de maior estima:
A hum Varão sancto em sonhos apparece
A Virgem, que a João esforça, e amima,
E huma espada gentil em Dom lhe mostra,
Elle a recebe ufano, e aos pés se prostra.

XCIV.

Já com tempo sereno, e sazoado
As vélas infunadas assombravão
As praias deste Porto celebrado,
E os defensores delle se alteravão:
Entre todos hum improbo cuidado
Fervia, que huns saltar determinavão
Na terra imiga, e as vidas aventurão,
Outros o passo defender procurão.

XCV.

Ex quando de improviso se levanta
Tam horrida, e desfeita tempestade,
Que esperanças forjadas lhes quebranta
Do mar a desigual ferocidade:
Ha nos que em terra estão confusão tanta,
Que se recolhem com difficuldade,
Amarras cortão, dando a popa ao vento,
E a caso vão buscando salvamento.

XCVI.

Em diversas colheitas se ampararam,
Que a ventura primeiro offerecia,
E então de todo alli desconfiaram
De tam mal acertada, e vãa profia:
Todos ao forte Rei difficultaram
Bens de outro, co'a desgraça deste dia,
Mas elle, como está sempre mais alto
Que os males, não lhe chega sobresalto.

XCVII.

E tanto que aplacou do vento irado
A soberba, e desfez o Norte os ares,
Torna outra vez com animo inflammado
A cortar para Seyta os mesmos mares:
Succede-lhes o fim tam dezejado,
Que de tantos temores, e pezares
Livra Hespanha, a quem foi com tanto estrago
Mais emula, que a Roma foi Carthago.

XCVIII.

Co' este successo singular respira
A Christandade, hum Porto a João sogeito,
Donde por tantas vezes já saira
O Barbaro, que a poz em tanto estreito:
Reino, que a seu serviço sempre aspira,
He justo, que a Deos seja sempre aceito,
Para elle se guardou por tanta idade,
O seguro de nossa liberdade.

XCIX.

Pezai agora o bem, que se empedia,
Donde tantos ao Mundo resultaram,
Se inclinava João, nem resistia
A contrastes, que em pouco, ou nada param:
Nisto de todo a terra o Sol abria,
E perto as Atalaias divisaram
Das altas torres as inchadas véllas,
E conta ao Capitão dão logo dellas.

C.

Menos então foi grata a face pura
Do Sol a Affonso, que da noite envolta
A temerosa, e horrida figura,
Para tal magoa, e dor desfeita, e solta:
Que encuberto naquella sombra escura,
Dando a melhores pensamentos volta,
Promettia bonança a seus enganos,
Mas a luz lhe mostrou da noite os danos.

CI.

Aquella de sua alma justa parte
Menos achou, aquelle filho charo,
A quem deu a Natura engenho, e arte,
Para entre todos ser unico, e raro:
Que quando os Capitães, e Náos reparte,
O fez de grande Esquadra firme amparo,
Esta com elle falta, e a tempestade
Passada, ser perdido persuade.

CII.

A repentino mal não ha defensa,
E assi triste rompeo neste queixume,
Oje se acaba minha gloria immensa,
Oje meu ser de todo se consume:
Eu Filho grangeei tam grave offensa
Do paternal amor roto o custume,
Pois de mi te apartei, que ou te salvaras,
Ou no mesmo rigor tambem me acharas.

CIII.

Mas que te choro, pois tens já cumprido
C'o que deves ao nome acreditado
De Portugues, e a Principe subido,
Filho de hum Rei, que em nada tem faltado:
Se assi foi desta morte o Ceo servido,
He da terra, e do mar hum mesmo estado,
Pois a mesma vontade em tal contraste,
Não menos que no fim, sacrificaste.

CIV.

E sobre si caindo, mais sogeito
Á paixão se julgou do que justo era,
Dando a tamanho mal credulo peito,
Que impedir facilmente o Ceo pudera:
E com animo intrepido, e perfeito
N'huma grande constancia persevera,
E proprio se consola, que a dor grande
Não tem causa maior, com que se abrande.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO TERCEIRO.

I.

Na Costa, que do Sul corre a Levante
Rompendo as bravas ondas, que encapella
O celebrado mar do Monte Athlante,
Que muita parte lava de Castella:
Ergue Seyta a cabeça triumphante,
E assoma Gibraltar defronte della,
Que inda soberba pela antiga gloria,
Parece lhe ameaça outra victoria.

II.

Esta famosa fez o infame feito
Do falso Julião, de eterna noda,
Que só por seu particular respeito,
Quiz metter a cutello Hespanha toda:
He força principal daquelle Estreito,
Que se coroa d'alto muro em roda,
E vencedora fora eternamente,
Se a não rendera a Lusitana gente.

III.

Deste alto Alcaçar vinha ao mar baxando,
(Que já reconhecida a Armada tinha,)
O Capitão, e mostras de amor dando,
Prostrando-se ante os pés d'Affonso vinha.
Elle tambem o foi logo abraçando,
Bem devido favor a quem sostinha
Hum pezo tal, mandando-lhe que siga
Os caminhos diante, e os passos diga.

IV.

No valor desta empreza vai tratando
Affonso, e os Cavalleiros mais antigos,
Os principaes lugares sinallando,
Onde forão maiores os perigos:
Aqui foi visto o Infante Dom Fernando,
Envolto Anrique alli c'os inimigos,
E assi contando obras de eterna fama,
Chegou onde o repouso o espera, e chama.

V.

Era tempo, que a fraca Natureza
Pede sustentação á vida humana,
Quando o manjar suave mais se preza,
Com que do Mundo o dissabor s'engana:
Arma-se sumptuosa, e rica Meza,
Bem conforme á policia Lusitana,
Em refrigerio de animos cansados,
De contrastes do mar tam desusados.

VI.

Appoẽ-se os dões de Ceres trabalhada,
Com fruitas odoriferas suaves,
Corre a diversidade custumada
De mil domadas, e silvestres aves:
No bachico liquor grande ouro nada,
Onde estão figurados feitos graves
Dos Reis antepassados, e no meio
Se alça o famoso Anrique, como esteio.

VII.

Os corpos satisfeitos, levantadas
As Mezas, abre em pratica o primeiro
Mais curioso Historias já passadas,
Do Reino natural, ou de estrangeiro:
Logo outras semelhantes são tratadas,
Com fabuloso stillo, ou verdadeiro,
E o Capitão de Seita só dezeja,
Contada a nova expedição lhe seja.

VIII.

A causa pede de que vê sentido
Seu Rei, que pois se alcança julga urgente,
Para onde o intento leva dirigido,
Quantos Navios arma, e quanta gente:
Mas Dom Affonso então, que no appellido
De Vasconcellos he tido excellente,
Primeiro de Penella illustre Conde,
Por lhe satisfazer, assi responde.

IX.

Determinando Affonso, soberano
Senhor, e Rei do Lusitano assento,
Fazer expedição contra o Tiranno,
Que d'Africa possue o Imperio isento:
Para alcançar com certo desengano,
Quanto possa o Senhor do Firmamento,
Quando por seu serviço hum santo zello,
Arrisca a vida, e quer favorecello.

X.

Ex todo Portugal em armas posto,
Pifaros se ouvem, ouvem-se atambores,
Que c'hum sonoro tom, que enfia o rosto,
Os animos levanta, e faz maiores:
Bem como no eneo vaso, que composto
Está com agoa fria, e sem rumores,
Se o fogo se appodera, agoa se accende,
E fóra em borbulhões saltar pretende.

XI.

Em armas arde, e forte gente manda
Aquella, que do Douro as agoas bebe,
Que em campo largo d'huma, e d'outra banda,
Por insignia huma Torre alta recebe:
E dentro n'hum caixilho entr'ambas anda
Aquella Virgem, que do Ceo concebe,
Que entre os braços o lindo Filho amima,
Que mais, que a propria vida a nossa estima.

XII.

Ex do apposento da Braccata gente,
Cadeira principal de nossa Hespanha,
Inda que outra Cidade o não consente,
Que nas agoas do Tejo a sombra banha:
Que a Torre alta, e a Image preeminente
Com Mitra Episcopal por Armas ganha,
Decem mil valerosos Peitos logo,
Não sofrendo faltar no Marcio jogo.

XIII.

Dece aquella Egytania successora
De Egyditania, e della já chamada,
Que huma Torre soberba defensora,
Com mais tres Balluartes levantada:
Co'as Armas da Coroa vencedora
De Portugal, no Escudo traz pintada,
E confiada diz, que tudo aguarda,
E tudo della com temor se guarda.

XIV.

Nem vós faltais ó fortes moradores,
Da celebrada, e antiga Lacobriga,
Que com tres Balluartes Protectores
Guarda huma Torre por insignia antiga:
Que toldada do Ceo de varias cores,
De Estrellas, Lua, e Sol a vista obriga,
E d'outra parte huma Arvore se applica,
De varios pomos carregada, e rica.

XV.

Daquella, que segundo a Fama canta,
Deu a Rodrigo sepultura indina,
Que huma Torre por Armas alevanta,
Que com tres Balluartes predomina:
De huma parte de Cybeles a planta,
De outra hum Homem, que hũa corneta affina,
Saem para vingar com peito forte
De Hespanha o choro, e de Rodrigo a morte.

XVI.

Já lá no meio se arma aquelle assento,
Que lustre, e ser tem dado a tanto sprito,
A quem Hercules poz o fundamento,
Filho do grande Osiris Rei de Egyto:
Que a Torre, que alça ao ar o collo isento,
Que a Fama nos pregoa em alto grito
De seu nome, por gloria da Cidade,
Dá testemunho desta Antiguidade.

XVII.

Já não pede socorro ao Ceo, que obriga
C'os olhos levantados a Donzella,
C'o temor grande da Serpente imiga,
Que a boca horrenda aberta tem par'ella:
Nem teme, que o Leão bravo a persiga,
Antes c'huma Coroa rica, e bella
Adornando a cabeça triumphante,
Para esta empreza sae militante.

XVIII.

E porque se apparelha alegre Historia
Do Leão, da Donzella, e da Serpente,
Pretendo fazer della aqui memoria,
Que a conjunção disposta mo consente:
No tempo, que mostrou seu raio a gloria
Dos Alanos, altiva, e forte gente,
Que as armas dos Romanos desprezando,
Os vão de Hespanha a seu pezar lançando.

XIX.

Attaces orgulhoso, que entendia
Em reparar Coimbra, e reformalla
D'algumas quebras grandes, que alli via,
Que a guerra, e o tempo fez, que tudo escalla:
Por novas apressadas soube hum dia,
Que Hermenerico Rei, contra elle aballa
De Galliza, onde tinha Sceptro, e mando,
De barbaros Suevos grande bando.

XX.

Elle, que descuidado em paz estava,
(Mas erra, quem descuida do inimigo)
Sua gente contudo apparelhava
Co'a pressa, que convinha a tal perigo:
E marchando a jornadas encontrava
O Suevo, a quem deu logo o castigo,
Mas elle, que se vio desbaratado,
Pazes lhe pede, como acautellado.

XXI.

Promette de lhe dar em casamento
Huma Filha, de tal belleza, e graça,
Que tenha singular contentamento,
Com que largos dezejos satisfaça:
Solemniza-se a Paz com juramento,
Para que nenhum delles a desfaça,
Nascendo daquelle odio huma aliança,
Em que nunca jámais ouve mudança.

XXII.

Já por Coimbra entrava a nobre Esposa,
Qual entra em Troia a celebrada Helena,
Com tanta graça, e brio, e tam fermosa,
Que o proprio vento amansa, e o ar serena:
Attaces, que co'a vista a vista gosa,
Bastante a dar allivio a qualquer pena,
Julga por felicissima huma guerra,
Que o maior bem lhe trouxe, que ha na terra.

XXIII.

E como ella abrandou a feridade
Do Dragão, que nas Armas do Pai vinha,
Fazendo novas pazes, e amisade
C'o Leão, que por armas elle tinha:
Por Gloria, e por Memoria da Cidade,
Que por seu gosto celebrar convinha,
Lhe deu por Armas esta Insignia ufana,
Que oje alça contra a furia Mauritana.

XXIV.

E tu pequena em sitio, e grande em fama,
Entre as Cidades desta nossa Hesperia,
Que o nome, que corrupto o vulgo chama,
Herdaste n'outro tempo de Laberia:
Tambem á brava empreza, que se inflamma
Como fogo, que atea, dás materia
C'o teu alto Pinheiro, que matisa
De verde esmalte a celebre divisa.

XXV.

Nem aquella com gente illustre falta,
Que se vê no cristal do Tejo frio,
E com tres Balluartes a Torre alta
Traz por divisa de seu lustre, e brio:
Cujo pé rega, e d'agoa clara esmalta
Com saudosa corrente hum nobre Rio,
E lá no frontispicio estão da Torre,
As Armas, que ao Rei deu quem por nós morre.

XXVI.

Tambem aquella á nobre empreza corre,
Que traz no Escudo por Insignia ufana,
Altos muros, que illustra varia Torre,
A modo de Cidade soberana:
A quem de Touro huma cabeça occorre,
Que as Armas da Coroa Lusitana
Traz estampadas na cornuta fronte,
E huma Aguia a cada lado tem defronte.

XXVII.

E vós os que habitais o Monte Arminho,
A quem jámais temor frio acovarda
Appressados midis logo o caminho,
Que em taes conflictos nunca o valor tarda:
Deixastes o materno, e doce ninho
Daquella, que por Armas proprias guarda
Huma Torre, ou Castello levantado,
De Ameas, e Cubellos adornado.

XXVIII.

Vem daquella Cidade antigua, e nobre,
Emula hum tempo da soberba Roma,
Que do grande Sertorio as cinzas cobre,
Que nella assento contra a Patria toma:
Por divisa das Armas, que descobre,
Hum Cavalleiro armado em branco assoma,
Que huma cabeça arrastra, que cortada
Foi dos fios crueis da sua Espada.

XXIX.

Saem da inclyta Villa os moradores
Em armas, e em delicias sempre estranha,
Cujos muros de jaspe de mil cores,
Já cruel, já benigna Thetys banha:
Porto, segundo opiniões melhores,
O primeiro, que teve nossa Hespanha
Para estrangeira Náo, despois que o Mundo
Foi do Ceo alagado, e do Profundo.

XXX.

A esta se deve algum conhecimento,
Daquella Magestade immensa e summa,
Que contrastando de hum em outro vento,
E do mar dividindo a branca escuma:
Tubal com seu Hebreo ajuntamento,
Porque o lume do Ceo não se consuma,
Nesta parte primeiro a Lei ensina,
Que de Sêm, e Tubal se denomina.

XXXI.

Esta he famosa assi pela enseada,
Que recolhe mil Náos d'outro Orizonte,
Como pela Cidade arruinada,
Que tem n'huma Peninsula de fronte:
E de todos se diz Troia assollada,
Que inda que falsamente o vulgo aponte
Ser a de Phrygia, por violentos casos
Promettem muito os fundamentos rasos.

XXXII.

O que diz a memoria, e conta a Fama
Deste nome de Troia, e da ruina,
He, que fugindo alguns da Grega flamma,
O vento, e bravo mar, aqui os inclina:
Onde a parte que Troia inda se chama
Fezeram natural de peregrina,
Temperando as saudades da primeira,
C'o nome, que lhe poem desta maneira.

XXXIII.

Correndo os tempos, como tudo chega
A ter seu fim, por mais que se renove,
Ou c'o curso do mar, que a cerca, e rega,
Correrem montes de area alta aprove:
Ou creia, que de nuve obscura, e cega
Envolta em mil castigos, agoa chove,
Ella foi assolada, e destruida,
E n'area a memoria subvertida.

XXXIV.

Mas o que oje se tem por mais conforme,
He, que despois daquelle infando estrago
D'Hespanha, resistindo ao povo enorme,
Do Troiano valor teve esta o pago:
Dest'arte de Numancia a gloria dorme,
E sepultada em cinza jaz Carthago,
Por odio, e crueldade dos Romanos,
Dest'arte sentiria Troia os danos.

XXXV.

E aquelles, que dos fios escaparam
(Por sorte boa) da Agarena espada,
Para o gracioso sitio se passaram,
Onde Setubal oje está fundada:
Alli segunda vez se propagaram
Com gente, que acompanha esta jornada,
Que brio, que valor será de gente,
Que do Sangue Troiano he descendente!

XXXVI.

E vós famosos, e soberbos Rios,
Que appressados correndo, e vagarosos,
Ora sem voltas, ora por desvios,
Fazeis os campos fertiles viçosos:
Tejo, que d'estrangeiros Senhorios,
Por caminhos patentes, e fragosos,
Auriferas areas, e agoas puras,
Co'as salgadas do mar longe misturas.

XXXVII.

Tu Minho alegre, que com vea opima
Vestes o sitio teu de esmalte verde,
Tu já de longe celebrado Lima,
Sem temeres, que a gloria o tempo te herde:
Tu Leça, a quem toldando vai por cima
Sombra, que com nenhum calor se perde,
Das partes que iis regando brandamente,
Mandais para esta empreza armada gente.

XXXVIII.

Vem mais os que Mondego vai lavando
Por campos, que honra Ceres com seu fruto,
Mondego, no Veram sereno, e brando,
Turvo no Inverno, bravo, e dissoluto:
Té lá onde na foz, que vai buscando,
Paga de suas agoas o tributo,
Suas Nymphas na praia, e branca area,
Recebendo com Doris Galatea.

XXXIX.

Tu Maritimo Reino, custumado
A domar a cerviz do bravo Mouro,
Que foste ao Bolonhes Affonso dado
Em dote por riquissimo thesouro:
E co'as sagradas Quinas figurado
Estás pela orla dos Castellos d'ouro,
Com animo alterado as armas prontas,
Determinas vingar nossas affrontas.

XL.

Toda esta gente, que de partes varias
Correndo por caminhos differentes,
Vem contra as partes d'Africa adversarias,
Cobrindo os largos campos, e patentes,
Como Rios, que trazem de contrarias
Fontes, de longe as liquidas correntes,
Por vias desiguaes fazendo estrago,
E se vem ajuntar no immenso Lago.

XLI.

Assi se ajunta nessa triumphadora
Cidade do larguissimo Oceano,
Nessa, em cujo Occidente mais que Aurora,
Clara scintilla a luz do Soberano:
Nessa do Mundo principal Senhora,
Que ao Céo levanta o nome Lusitano,
Por Armas suas, huma Náo pregoa,
Que dous Corvos discorrem popa á proa.

XLII.

Esta fundou aquelle Grego astuto
Despois que em cinzas vãas Troia desfeita,
Os muros de Ilión deram tributo
Á mudança, a que tudo se sogeita:
Despois de desprezar o doce fruto,
De assaltos mil de Amor, que não respeita,
Despois de tantos navegados mares,
O lanção nesta praia adversos ares.

XLIII.

E tanto ao sitio alegre se affeiçoa,
Cujo clima suave experimenta,
Que aqui dera colheita á lassa proa
De perigrinação mais larga isenta:
Se Amor, que em larga ausencia aperfeiçoa
Seus quillates, e alli lhe representa
Penelope chorosa, o não movesse
A que outra vez o masto, e a vela erguesse.

XLIV.

Davão sinal os cumes do alto Monte,
Ledos co'as embaxadas matutinas,
Sair já pelo lucido Orizonte
Do leito aureo, que esmaltão pedras finas:
A Sposa de Tythono, ornando a fronte
De rosas, de jasmins, e mais boninas,
E orvalhando das flores gota e gota
A cor nativa, que o calor desbota.

XLV.

E porque já com sopro vivo, e brando
Vinha o Amador da candida Orithia,
As Neptuninas agoas encrespando,
Que a sazão dezejada offerecia:
As anchoras das Náos, que vão arfando
Co'as proas lá par'onde nasce o dia,
Levando os Nautas, que estes cargos usão,
As vélas dão ao vento, e as vergas crusão.

XLVI.

Ficão pelos lugares levantados
As Matronas sem cor quasi defuntas,
Seguindo as Náos c'os olhos alongados,
E tras elles mandando as almas juntas:
Fantasião successos variados,
Entre si renovando mil preguntas,
Se he facil a jornada, se comprida,
Se perigosa, se virão com vida.

XLVII.

Entre temor, sospeitas, e esperança,
Alterna cadaqual o pensamento,
Em semelhante estremo antiga usança,
D'hum peito, que de amor não vive isento:
Amor n'hum peito cria confiança,
Que adevinhar lhe nega seu tormento,
N'outro cria mil timidas sospeitas,
De cousas tristes, que já dá por feitas.

XLVIII.

Qual de Amor seja mais intenso effeito,
Não sei quem facilmente o determina,
Que o amante, que a temor está sogeito,
O mesmo amor a recear o inclina:
Que o bem que por amor foi delle aceito,
Por bem seguro nunca o imagina,
E o julga por de vidro transparente,
Que d'hum sopro se quebra levemente.

XLIX.

E se confia, por amor confia,
Que se não teme avesso ao bem que adora,
He, porque se cuidasse que o teria,
Esmorecera o coração ness'hora:
Estes são os martyrios deste dia,
Que aquella gente alli lamenta, e chora,
Que entrega por penhor ao mar undoso,
Qual o Pai, qual o Filho, qual o Sposo.

L.

Qual diz, ó Filho amado verdadeira
Image do Pai morto, em que me via,
Que consolação deixas derradeira,
A quem de todo a perde neste dia?
Qual, ó querido Pai, desta maneira
Orphãa me deixas só sem companhia?
Qual do cruel Esposo em vão se queixa,
Que cortados em flor seus gostos deixa.

LI.

Á vista do mar alto se apartavão
Daquella felicissima enseada,
E c'os primeiros baxos emproavão,
Que fazem perigosa aquella entrada:
Quando os olhos levando, onde quebravão
As ondas, d'entre a escuma levantada,
Apparece hum confuso, e cego vulto,
Inda na forma verdadeira occulto.

LII.

Ora de Javali recebe a forma,
E com furor indomito embravece,
Ora de Tigre fera o gesto informa,
Já Leão ferocissimo parece:
Ora mais temeroso se reforma,
E já Dragão squammoso se offerece,
Agora se converte em fogo ardente,
E já na mesma cerula corrente.

LIII.

Thé, que tomando a natural figura,
Como quando o Tritão, e a grande Phoca
Pelos salgados campos guarda, e cura,
Estas palavras diz da fatal boca:
A sciencia, que já tenho da futura
Gloria vossa, me força, e me provoca,
Ditosos navegantes, a annuncie,
Para que mór esforço em vós se crie.

LIV.

Cortai ousadamente os largos mares,
Sem recear tormentas procellosas,
Contra carrancas de confusos ares,
E medos de figuras espantosas:
Contra doces caricias, que em lugares
De prazer, e branduras deleitosas,
Vos ha de offerecer o Inferno astuto,
Para vos impedir da empreza o fruto.

LV.

Mas não vos entregueis a vãos affagos,
Nem a medos, que o Ceo tereis benino,
Que por trabalhos, e amargosos tragos,
Se alcança o nome celebre divino:
Deste feito sereis ao longe pagos
Com premio igual de vossas obras dino,
Crescendo thé a famosa Oriental Goa,
A gloria desta Occidental Lisboa.

LVI.

Esta do Mundo mais famoso Emporio,
Facilitando os trabalhosos medos,
O mais estranho Mar fará notorio
Co'a gloria de riquissimos segredos:
Que Cabo aquenta o Sul, que Promontorio?
Que Ilha, por mais instabil, que os enredos
De Delos, antes do penhor incerta,
Que por esta não seja descuberta?

LVII.

Arvorará na mais extrema meta
De vossa redempção o Lenho santo,
E destruindo a Lei do Mahometa,
Mil almas livrará de Rhadamanto:
C'o nome do sanctissimo Propheta,
A Spritos Infernaes porá espanto,
Que em temerosas formas e figuras,
Fingirão ser de luz, sombras escuras.

LVIII.

E tu Rei soberano, cujo intento
He dillatar a Lei, que professaram
Maiores, que de estreito nascimento,
Com tanto risco seu amplificaram:
Ai quanta gloria no Africano assento
Te espera, que victorias se declaram,
Que eu vejo, se a corrente destes feitos
Cubiça não mudar d'outros Direitos.

LIX.

Isto dizendo, no humido Tridente
De Nereo, vai acompanhar as Filhas,
Em confusão deixando aquella gente,
De que tratou tam arduas maravilhas:
Apparecia já de Sanct Vicente
O Cabo por davante, e as leves quilhas
Das Náos, que as salsas agoas vão cortando,
Se chegão cada vez com vento brando.

LX.

Das altas Gaveas salva o Marinheiro
Com devação, que em todos logo atea,
Aquelle lugar Sancto, onde primeiro
Affonso o Corpo achou entre alta area:
Preguntei a hum devoto Cavalleiro
A causa donde o Cabo se nomea,
Elle que sabe a celebrada Historia,
Desta maneira fez della Memoria.

LXI.

Despois, que Abderramen cruel Tyranno,
Espalhou pelos terminos de Hespanha
Veneno de seu animo inhumano
Com tanto damno, e destruição tamanha:
Muitos Christãos do Reino Valenciano,
Determinão buscar ventura estranha,
Desterrados então dos Patrios Lares,
A diversas Regiões, a varios ares.

LXII.

Huns, que mais caso fazem da riqueza,
Que tem nome no Ceo, preço, e valia,
O Corpo de Vicente, que a crueza
De Daciano rendera á morte fria:
Com devação em sancto Zelo aceza,
Que inflamma qualquer fervida ousadia,
Á terra vão roubar em noite escura,
Para amparo de sua desventura.

LXIII.

E c'o maior segredo, que puderam,
Aquelle alto penhor depositando
No escuso d'hum Navio, as velas deram
Incertos pelo Mar a caso errando:
E com prospero tempo, que teveram
Colheita neste Promontorio achando,
Que á segurança placida os convida,
Escolhem nelle solitaria vida.

LXIV.

E para seu abrigo levantando
Pobres paredes d'edificio leve,
Conforme ao tempo o Corpo venerando,
Inda com mais primor sepulchro teve:
Este repouso forão propagando,
Mas o Ceo permittio, que fosse breve,
Que inda neste desterro solitario,
Não viveram seguros de Adversario.

LXV.

Hum Mouro Haliboacem, a caso hum dia
Seguindo trás hum Cervo fugitivo,
Que ferido buscava a fonte fria
Para remedio de seu mal esquivo:
Deu no Povo, que alegre alli vivia,
Que logo de repente foi cattivo,
As colheitas humildes assoladas,
Para não serem d'outros habitadas.

LXVI.

Não sente tanto a peregrina gente
Desgraças suas, como a perda rica
Do penhor, e deposito excellente,
Que alli sem devação dos Christãos fica:
Isto lamenta só, só chora, e sente,
Lá dentro n'alma, porque o não publica;
Mas Deos, que do alto vio tamanha pena,
Remedio para honrar seu Servo ordena.

LXVII.

As idades correram, mas succede
Aquella famosissima Batalha,
Onde d'Affonso hum sancto zelo excede,
A tanta multidão, que Africa espalha;
Onde a Christo socorro, e favor pede,
E delle por Escudo, que lhe valha,
Em doação recebe as Chagas bellas,
Do novo Reino, que lhe deu com ellas.

LXVIII.

Cinquo Reis valerosos disbarata,
E mil despojos da victoria colhe,
Mil Christãos juntamente alli resgata,
Que para doce liberdade escolhe:
Com elles de seu patrio assento trata,
Que Senhor os constrange, e viver tolhe,
E nisto os Successores responderam,
Daquelles, que no Cabo já viveram.

LXIX.

Dão conta, como seus Progenitores,
C'o Corpo de Vicente alli chegaram,
Que elles eram já novos Successores,
Que sós as tradições disto alcançaram:
E dão, para se achar, sinaes melhores
Dos Corvos, que o lugar não desamparam,
Quando arde Affonso n'hum dezejo ardente
De cobrar as Reliquias de Vicente.

LXX.

Arma hum Navio, que não teve effeito,
Que o Corpo sancto por então se isenta,
Mas não se aquietou o Christão peito,
E cobrallo segunda vez intenta:
Elle de fervor tanto satisfeito,
A seus descobridores se appresenta,
Que o lugar venturoso, que cavaram,
As aves apontando assinallaram.

LXXI.

Foi com applauso estranho recolhido
Na Náo, e com devoto acatamento
A Reino tam fiel restituido,
Conforme paga a seu merecimento:
Em Lisboa d'Affonso recebido
Com lagrimas, e alegre sentimento,
E no Templo Maior desta Cidade,
Tido por Defensor em toda idade.

LXXII.

O Carro ao Mar Hesperio o Sol levara,
A cada Tirador soltando a roda,
E a Lampada furtando ardente, e clara,
Das cousas confundira a forma toda:
A noite o largo circulo abraçara,
Com sombra escura, e tenebrosa noda,
Desterrando as affrontas do tyranno
Trabalho, e dando vez ao somno humano.

LXXIII.

Porem nunca do Norte o sopro leve
Assi desfez as nuvẽs deste Clima,
Nunca o Ceo mais sereno, e puro esteve,
Debuxando no Mar raios de cima:
Que Estrella antigamente nome teve,
Que se não visse? o resplandor anima
Das preciosas pedras a Coroa,
Da que foi a Theseo piedosa, e boa.

LXXIV.

Vê-se o cavallo Pegaso, e o caminho
Lacteo por seu candor já manifesto,
Vê-se a que Perseo livra do Marinho
Monstro trocando em gloria o fim funesto:
Vê-se Perseo tambem alli vizinho,
Vê-se Orionte ao navegante infesto,
Vê-se dos Argonautas a primeira
Náo, que rompeo a cerula carreira.

LXXV.

Vê-se Hercules, o collo o Cysne aclara,
Vê-se Aguia, vê-se a Lebre, e o Serpentario,
Vê-se Cassiopéa, e a celeste Ara
No Signo scintillar do Sagittario:
Vê-se o Marinho Cetto, e o curso para
O ligeiro Delphim no Signo Aquario,
Mostra-se a Hydra, que com bocas sette,
Sette mortes no lago em vão promette.

LXXVI.

Vê-se a grande Ursa, amada antigamente
De Jupiter, em nome de Calisto,
Com a menor envolta na Serpente,
E d'outra parte o Filho he tambem visto:
Que indo para matalla incautamente,
Jupiter com paixão, e magoa disto,
O fez do Plaustro immoto Carreteiro,
O Cão na Libra, Cepheo no Carneiro.

LXXVII.

Mas o Piloto Mór, que a cargo leva
A grande Armada, nunca já seguro
Na mór quietação, que então releva
Mais cautella quando o ar está mais puro:
N'arte do mar tam primo, que s'enleva
Em mais gloria, que Tiphi, ou Palinuro,
Olhando a Terra, o Mar, e o Firmamento,
Vio sinaes manifestos d'agoa, e vento.

LXXVIII.

Dizendo, recolhei as velas cedo,
Que receio gravissima tormenta,
Como notado tenho do segredo,
Que em cousas naturaes s'experimenta:
Destes proximos Montes no arvoredo
Hum murmurar, que cada vez se alenta
Sinto, as ondas no mar largo empolladas,
E soar longe as praias quebrantadas.

LXXIX.

Alcyones ao Sol, que quente veio,
Vi nesta tarde as pennas estendendo,
Notei de Esaco as Aves, que do meio
Do mar, foram clamor á praia erguendo:
As Fulicas em secco, c'hum rodeio
Ledo na branca area andar fervendo,
Deixa o Paul, e a humida Lagoa
A Garça, e sobre as nuves grita, e voa.

LXXX.

Notei o discorrer de errante Estrella
(Deixando atrás caminhos inflammados)
Na escura noite, e a Luminaria della
Mostrar ao Mundo os cornos offuscados:
E notei ao nascer da Aurora bella,
Os Cabellos de negro maculados,
E o Sol envolto em nuve, isto dizia,
E toda Frota já se apercebia.

LXXXI.

Quando sentem no Abismo mais profundo
Ferver em rolos altos as areas,
E logo com bramido furibundo
Roncar as ondas horridas, e feas:
Estremecer confusamente o Mundo,
Per causas da ordem natural alheas,
Suspende a todos hum temor incerto,
Que perigo rebente, e se vem perto.

LXXXII.

He mais medonha a sombra do perigo,
Em quanto a forma temerosa encobre,
Que mal pode assentar ninguem consigo,
Que acertado remedio nelle cobre:
Tam fóra já de seu assento antigo
Sae o Mar, que se teme as Náos çoçobre,
Que d'hum balanço n'outro sacodidas,
Em gyros sem governo andão perdidas.

LXXXIII.

Rompe nisto o furor dos bravos ventos,
Para total destorso conjurados,
E bramando com sopros turbulentos,
Se appoderam dos ares carregados:
Descem dalli sem resistencia isentos,
E com furioso atrevimento ousados,
Quebrão nos fracos lenhos, guarda santa,
Quem fugirá sem vós a furia tanta?

LXXXIV.

Gemeram de improviso, c'hum estrondo
Nunca já visto, as taboas aballadas,
Como se d'algum Monte alto, e redondo
Fossem por terremoto çoçobradas:
Graças aos mares, que correram, pondo
Estrado franco ás quilhas arrojadas,
Que inda que Montes altos iguallavão,
C'o pezo arrebatado se arrasavão.

LXXXV.

Arma-se logo hum nebuloso manto,
Sinal medonho de horridos ensaios,
Começa arremeçar com novo espanto,
O Ceo lanças de fogo, e d'agoa raios:
D'aqui nasce o mortal duro quebranto,
Vozes perdidas, languidos desmaios,
Desordem, confusão, que tudo estranha,
A quem a perdição certa acompanha.

LXXXVI.

Tres dias sem governo, e arte erramos
Do indomito furor arrebatados,
Sempre em noite, que nunca divisamos
Outra luz, que a dos ares inflammados:
Esta passada triste, que deixamos,
Causa de mais solicitos cuidados,
Como foi nos perigos derradeira,
Assi foi nos temores a primeira.

LXXXVII.

Nunca jámais nas Syrtes arenosas,
Para Africa do Egypto passo estreito,
Ondas se encapellaram tam furiosas,
Trastornando o mais forte, e ousado peito:
Nunca em Scylla, e Carybdes perigosas,
Tempo se armou tam bravo, e tam desfeito,
Quando sorbem mais agoas, e as vomitão,
E a Tauromínitana praia excitão.

LXXXVIII.

Nunca o mal affamado Promontorio
De Malea, que sempre ronca, e brada,
Nunca o Caphareo Monte, tam notorio
C'o naufragio cruel da Grega Armada:
Em pena justa do abrazado Emporio,
Morte de Palamedes tam chorada,
Tempestades se lee, que levantassem,
Que co' esta, que passamos, se iguallassem.

LXXXIX.

Mas não foi este o mais estranho medo,
Que outro maior o sangue nos congella,
Rebentar por davante alto rochedo
Vimos ao longe, e já não val cautella:
Mais perto pareceo maior segredo,
Movendo-se qual sombra, ou forma della,
Huma machina em fim de horror notamos,
A quem membros mortaes affiguramos.

XC.

Vulto era tam deforme, que segundo
Mostrou despois a Estrella, que scintilla,
Tocando co'a cabeça o Ceo rotundo,
Em Calpe tinha hum pé, outro em Abylla:
Tal quando contra a machina do Mundo
Orion se conjura, e destruilla
Intenta, he visto sempre que offereça
Os pés ao Mar, ás nuves a cabeça.

XCI.

E dando hum temeroso, e forte brado,
Qual nunca já Stentor do peito arranca,
Ó, diz, gente attrevida, ó povo ousado,
Que assi cuidas achar passage franca:
Deveras a meu nome celebrado,
Á minha catadura, e atrós carranca
Guardar respeito, de quem treme o Mundo,
Que aballo a terra, altero o Mar profundo.

XCII.

Sou o temido Antheo, mais arrogante
Dos Filhos, que a fecunda Terra teve,
Este Imperio de Lybia tam possante
Debaxo de meu jugo sempre esteve:
Fui vencedor de tudo, e triumphante,
Que tudo por Nobreza se me deve,
E do Mundo Senhor eterno fora,
S'outra mão não tevera por Senhora.

XCIII.

Alcides me privou do Reino, e vida,
Domador de mil feras espantosas,
A Sepultura tenho conhecida
N'huma destas Cidades populosas:
Se o dezejo da gloria vos convida
A conquistar as terras abundosas,
A que eu perdi, e tenho inda oje á vista,
Me força vos encontre, e vos resista.

XCIV.

Já que contra a tormenta resististes
Em Náos tam fracas, e tam bem regidas,
Aqui, donde as columnas altas vistes,
Por honra de meu bravo imigo erguidas:
Aqui vereis agora casos tristes,
Com naufragios crueis de vossas vidas,
E veremos se alguem contra mi pode,
Ou se em tamanho aperto vos acode.

XCV.

Affonso nisto os olhos levantando
Para onde o assento está da Eterna Essencia,
O supremo favor está chamando
Com voz turbada, e digna de clemencia:
Divino Sol, que estais alumeando
Immoto os Ceos, sem que aja nisto ausencia,
Mostrai-me hum raio vosso aqui vizinho,
Que estas trevas desfaça, e abra caminho.

XCVI.

Se tam liberal sois da luz ardente
Dessa resplandescente face vossa,
Para os que estão gosando eternamente
Bens, que não cabem na memoria nossa:
Nós miseravel trabalhada gente,
Em Mundo triste, sempre em noite grossa
A cegas caminhando, mereçamos,
Que vossa luz entr'este horror vejamos.

XCVII.

Ó quanta força tem piedoso rogo
De hum'alma afflicta, entre oppressões penosa,
A nuve de huma parte se abrio logo,
E o Ceo mostrou a Estrella luminosa:
Em cuja luz, e rutilante fogo
De Alcides a figura milagrosa
Se transformou, lançando hum raio vivo,
Com que se perturbou o Monstro esquivo.

XCVIII.

E bramando rompeo, fero inimigo
Inda de lá me encontras, e me offendes?
Bastava o mal, que usaste já commigo,
Quando me disbaratas, e me rendes:
Mas não paras aqui, que no perigo
Meus contrarios ajudas, e os defendes,
Porque longe essa luz de mi não levas,
Que não podem sostella minhas trevas?

XCIX.

E tendo o resplandor por mais odioso,
Que a noeturna Ave o Sol resplandescente,
De coraje frenetico, e furioso,
Desfazendo-se foi pelo ar patente,
Fica o caminho menos perigoso,
E pelo Estreito entramos facilmente,
Que inda que destruidos nos achamos,
Para nos reformar isto estimamos.

C.

Mas tanto que espalhou a Aurora os fios
D'ouro, e o Sol apontou fermoso, e puro,
Com subito terror ficamos frios,
Á vista de spectaculo tam duro:
Então vimos a perda dos Navios,
Que o Ceo tenha amparados em seguro,
E do Principe a falta, justa causa
Do sentimento nosso: aqui fez pausa.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO QUARTO.

I.

Vendo Eudollo, quam pouco tinha feito,
Do muito a que o furor Tartareo o move,
O bravo Monstro em sombra já desfeito,
Que mil damnos da boca horrenda chove;
A tempestade solta sem effeito,
Para que males sobre mal renove,
A Plutão fervor novo offerecendo,
Assi, como queixoso, está dizendo.

II.

Como, Rei soberano, a quem adoro
De meus primeiros annos a esta idade,
Permittes, que meu credito, e decoro
Perca agora de sua autoridade?
Co' este successo tal com razão choro
Desconfianças grandes, da verdade
De meus serviços, pois no que pretendo
Vejo, que o favor teu vou já perdendo.

III.

Poem toda Africa os olhos na privança,
A que me tens de longe custumado,
Tendo em mi certa, e firme confiança,
Que os liberte do bellico cuidado:
Vejo agora por terra esta esperança,
E vejo meu trabalho em vão tomado,
E não sei a que causa isto attribua,
Se algum Deos não defende a causa sua.

IV.

E se aplacar tua ira he necessario,
Contra nós de algum modo concebida,
Com algum sacrificio extraordinario
De sangue puro, ou de innocente vida:
Sê-nos propicio, brando, e não contrario,
Que aqui tens a vontade offerecida,
E se pedires grande sacrificio,
Trabalho não será, mas beneficio.

V.

Abre-se de improviso alli na Terra
Huma alta fenda, e vai caindo tanto,
Que acaba lá par'onde se desterra,
A gente condemnada a eterno pranto:
Descobre-se-lhe tudo, quanto encerra
Este Abismo de magoas, e d'espanto,
Elle parando com a vista intensa,
Bebe furor, vingança, odio, offensa.

VI.

E em quanto as tristes sombras contemplava,
E figuras, que alli lhe apparecião,
Hum Ministro notou, que degollava
Cabeças, que a Plutão se offerecião:
O sangue em negros vasos se lançava,
E delle os Monstros Infernaes bebião,
E vendo o que denota, de improviso
Parte a dar a seu Rei de tudo aviso.

VII.

Da parte em tanto do celeste assento,
Donde o Deos, e Senhor da gente humana,
Está do Mundo o mais occulto intento
Penetrando co'a mente soberana:
Os olhos poz naquelle atrevimento
Do Inferno horrendo, e na ousadia insana
Do Mago infame, e confortar pretende,
Quem sua causa a seu pezar defende.

VIII.

Hum repouso geral tinha occupado
O Mundo, que o trabalho, e a noite empresta,
Só não repousa Affonso, que o cuidado
Da celebrada empreza, que lhe resta,
Tam pensativo o traz, tam perturbado,
Que nem quietação val, nem somno presta,
E d'hum lanço do muro n'outro lanço,
Anda a noite enganando em vão descanso.

IX.

Ora os olhos ao longe attentos lança,
Por ver se as esperadas Náos descobre,
Mas por mais que abre os olhos, nada alcança
Mais que huma sombra então, que tudo cobre:
Ora pára no mar, por ver se amansa
As ondas, ora no ar, se inda se encobre,
Ora o perdido Filho se lhe antolha,
E nisto os olhos de humor largo molha.

X.

Ora está confirindo esta fortuna,
Com a de muitos Principes do Mundo,
Que ella em successos prosperos infuna,
Assi por terra, como em mar profundo:
Ora consigo a trás, quando importuna
Neste mesmo lugar o povo immundo,
E vendo, quam de pressa o tempo troca
Seus rostros, assi diz, e o Ceo provoca.

XI.

Se pretendi sem vós ganhar memoria,
Se interesse de Fama, ou de Honra sigo,
Encontrai-me, Senhor, dai a victoria
A quem de vós blasphema em meu castigo:
Mas se só para vós grangeo gloria,
Como tanto de fora andais commigo?
Olhai, que temo, e o peito mo adevinha,
Diga o Mouro, que he vossa a falta minha.

XII.

E nisto pondo os olhos nas Estrellas,
Que rompendo entre as nuves scintillavão,
Ficando o resplandor mais puro dellas,
Quando a partes, e a tempos se offuscavão:
Vio, que entre as mais fermosas, e mais bellas,
Que os purissimos raios avivavão,
Huma se foi nos ares inflammando,
E veio por aquella parte errando.

XIII.

Como raio passou, e no Oriente
Logo hum trovão, como de longe soa,
E trás elle esta voz pelo ar patente,
Mais que de accento de mortal pessoa:
Ó Rei desanimado, e descontente,
Que tam de pressa desacoroçoa,
Cuidas, que dorme Deos quando vigias!
Mais conta tem de ti, do que confias.

XIV.

Se o tempo, que contrario, e adverso corre,
Te perturba, te altera, e te dá pena,
Não temas, que a seu tempo Deos soccorre,
Elle os ares abranda, elle os serena.
Se a Armada, que te falta, se te occorre
O Filho na memoria, Deos ordena,
Que a salvo muito cedo, e sem perigo
Vejas a Armada, e o Filho inda contigo.

XV.

Elle prostrado com devoto pejo,
Os braços para o Ceo todos abertos,
Divino nuncio, diz, de quem só vejo
Os longes, que alcançar não posso os pertos:
Agradecer-vos a mercê dezejo,
Mas já vos iis de mi, sejão tam certos
Esses favores, quanto he verdadeiro
O que diz hum divino Mensageiro.

XVI.

Rompe a luz, chega Eudollo aos altos Paços
Daquelle, que de Lybia rege o leme,
Que livre de cuidados, e embaraços,
Por temido de muitos nada teme:
Abrem-lhe as portas os Ministros baços,
Dando-lhe entrada franca, porque treme
Qualquer, que no serviço do Rei anda,
Daquella autoridade veneranda.

XVII.

E com seguro aspeito, e gesto estranho
Assi lhe diz com voz severa, e alta:
Ó indigno Pastor de tal rebanho,
Se teu curral faminto Lobo assalta,
Como estás com descuido assi tamanho,
Pois para resistir nada te falta?
Não vem furtado, não, em noite escura,
Antes a claras offender procura.

XVIII.

Das altas fragas vem de Lusitania,
Por estreitas julgando aquellas Brenhas,
As Campinas buscar de Mauritania,
Para que nellas por vizinho o tenhas:
Acude a seu furor, e brava insania
Com Molossos crueis, não te detenhas,
Que he Lobo rapacissimo, e quebranta,
Se huma vez ferra o gado na garganta.

XIX.

E segundo alcancei por sinal certo,
Confirmado por Lei do Reino escuro,
Seu sangue deixará neste deserto,
Já que a buscar o teu vem tam seguro:
Mas sabe, que Plutão, e o Inferno aberto
Quantos Christãos em cattiveiro duro
Guardas agora, em sacrificio pede,
Que com seu sangue quer matar a sede.

XX.

Das horridas Masmorras manda logo
Tirar a todos n'huma larga praça,
E de Cyprestes funeraes hum fogo,
Que em grandes chammas arda, alli se faça:
Onde com devação, e humilde rogo,
Que declare o trabalho, que ameaça,
O sangue destes tristes se derrame,
Que em vão contra os Ministros brade, e clame.

XXI.

Não te divirta deste encargo imposto,
Piedade, conselho, nem respeito,
Que aqui não tem lugar o proprio gosto,
Quando he tam poderoso o meu preceito:
E se alguem te mudar deste supposto,
Á mesma pena ha de ficar sugeito,
Suprindo com seu sangue o sacrificio,
Que o Reino fundo ha de tornar propicio.

XXII.

No que tocar a mi, tem confiança,
Que de meu nome, e fama o ser me inclina,
Já turbei, mas em vão, do ar a bonança,
Melhor successo o Fado oje destina:
Isto diz, e com grave segurança
Se parte, para o mais que determina,
Fica o Rei temeroso, e perturbado
Abrindo novas portas a hum cuidado.

XXIII.

Como quando da tenebrosa furna,
Donde só sáe pela obscura sombra,
Se a caso appareceo Ave nocturna,
Quando o Mundo c'o Sol se desassombra:
Espanta-se qualquer Ave diurna,
E como com prodigio algum se assombra,
E por mais que ser Ave lhe parece,
Aquella novidade desconhece.

XXIV.

E revolvendo pela fantasia
As palavras do Mago, e a muita instancia,
Que para co' elle tem pezo, e valia,
Que fazem logo a cousa de importancia:
Marulhos de discursos á profia
O coração lhe batem de substancia,
Que arde em furor colerico, e no leito
Se sollevanta com turbado peito.

XXV.

Qual Serpente na ripa d'algum Rio
Se ergue a tomar do Sol o raio ardente,
Despois de já passado o tempo frio,
C'os annos verdes a velhice ausente:
Entre as hervas está com novo brio,
E como ellas verdeja, e não se sente,
Ah triste do que passa aventureiro,
E do veneno a despejar primeiro.

XXVI.

A mente infida, e pensamento em roda
No perigo, que vê diante volve,
E quanto á guerra armar Africa toda,
E convocar auxilios se resolve:
Mas quanto ao sacrificio eterna noda
De cruel teme, e a todos quasi absolve,
Mas outro pensamento, que mais pode,
Contra este parecer armado acode.

XXVII.

O zelo, e reverencia de huma Seita,
Que guarda a cegos olhos o constrange,
Com que os Christãos tam longe d'alma deita,
Que nem lá piedoso affeito abrange:
A condição, que poz o Mago, aceita,
E verdugo quer ser, e agudo alfange
Das vidas, que o juizo de Deos justo,
Quiz sommetter a seu poder injusto.

XXVIII.

Abrem-se as covas horridas, e feas,
Tirão-se á luz aquelles innocentes,
Que a rojo dos grilhões, e das cadeas,
Se levão, como infames delinquentes:
Parão na praça, e nas mais altas veas
Se enfria o sangue, vendo os deligentes
Ministros, e os cutellos affiados,
Fogos ardendo, e vasos preparados.

XXIX.

Mas despois deste aballo temeroso
Da fraca natureza, logo acode
A sustentar o spirito forçoso
O pezo, que hum mortal suster não pode:
Respira cada qual, torna animoso,
E da morte o temor longe sacode,
Offerecendo a vida amada, e chara,
A Deos, que só para isso lha emprestara.

XXX.

Qual diz, a vida que o Tyranno cego
Me tira em sacrificio immundo, e feio,
Tomai Senhor em vosso, eu vo-la entrego,
Nada temo por vós, nada receio.
Qual diz, Senhor, este meu sangue emprego
Por vosso nome, pois o vosso veio
Pelo resgate meu, pouco offereço,
Seja a vontade o preço desse preço.

XXXI.

Quando entra Zara n'hum Ginete ardente,
Que mastigando o freio em branca escuma,
Tanto que o pezo reconhece, e sente,
Se embrida, e altera mais do que custuma.
Dobrando as mãos a passo continente,
Pelas ventas abertas sopra, e fuma,
Todos se alteram logo, e na estranheza
Os olhos poem do traje, e da belleza.

XXXII.

Não usa os atavios vãos do Paço,
Despreza as ricas joias tam prezadas,
A manga recolhida a meio braço,
As trenças d'ouro ao vento derramadas:
As rossagantes roupas, que embaraço
Fazem, n'hum breve nó todas tomadas,
Lançado aos hombros o arco, e a rica aljava,
Com que das feras doma a furia brava.

XXXIII.

Tal de Harpalice o traje, quando cansa
Os ardentes cavallos na carreira,
Que ao longo do Hebro furioso lança,
Cuja corrente inda he menos ligeira:
Despois que de seu Pai favor alcança
A que nasceo do mar, desta maneira
Apparece a seu Filho na espessura,
Que errando vai a voltas co'a ventura.

XXXIV.

Era Zara o retrato mais perfeito,
Que com mão destra fez a Natureza,
Se as condições se vêm do altivo peito,
E juntamente as partes da belleza:
O Mundo com seu nome tem sogeito,
Que inda he maior, que toda Redondeza,
E se de Christo a Fé lhe não faltara,
Pode ser que seu nome ao Ceo chegara.

XXXV.

De mil Procos ao Pai era pedida
Sem outro premio igual, em casamento,
Mas tudo desprezava, que na vida
Não ha cousa, que lhe encha o pensamento.
E dizem, que se tinha offerecida
Á vida singular, e casto intento
De Diana, e das mais Nymphas da terra
Que pisão tras a caça o valle, e a serra.

XXXVI.

Neste exercicio alegre, em que se esmera,
O mais do tempo nas montanhas passa,
Seguindo os passos d'huma, e d'outra fera,
Té que a tiro lhe chega, e alli a traspassa:
Ora emboscada entre alto matto espera,
Tendo só para a setta a vista escassa,
Que do arco despedida o Cervo prega
Incauto, que c'o sangue o Campo rega.

XXXVII.

Tambem a coço toma o leve Gamo,
Tam ligeira trás elle se arremessa,
Despois que o enganou c'o vão reclamo,
A quem acode com ligeira pressa:
Agora apponta ao passaro no ramo,
E antes de ser sentida o atravessa,
Ensaio breve, com que a mão se affouta,
Para o Porco, que fez dentro na mouta.

XXXVIII.

A vezes enfadada na Floresta,
Quando arde a calma, quando o Sol s'empina,
No regaço florido passa a sesta,
E na mão de alabastro a face inclina:
Ora os olhos á fonte clara empresta,
E brincando ò'a agoa cristalina,
A vea se perturba e se mistura,
Porque ella se não turbe co'a figura.

XXXIX.

Que a ver a image bella n'agoa clara,
O lindo asseio, e gracioso riso,
(Se por ventura risse) perigara
Perdendo-se por si como Narciso:
Mas ella he desta gloria tanto avara,
Que por se não mostrar, turba de aviso
A fonte, que da mesma agoa se cia,
Lhe fuja co'a figura, pois corria.

XL.

A vezes co'as Donzellas escolhidas,
Que a seguem nesta deleitosa pena,
Debaxo do tecido das floridas
Arvores, danças mil airosa ordena:
Espantão-se das Sylvas as fingidas
Deidades, e tocando a doce avena,
Os passos com som rustico acompanhão,
Porém de longe, que chegar estranhão.

XLI.

Ai Zara, e que vida esta tam segura
Em bosque fresco de pezares falto,
Onde o maior tumulto he d'agoa pura,
Das Aves do ar o murmurar mais alto:
Agora, que te apartas da espessura,
Logo encontras com pena, e sobresalto,
Que n'alma suspiraste, quando viste
Tam severo spectaculo, e tam triste.

XLII.

E sendo então alli certificada
Dos termos, que seu Pai c'os Christãos usa,
Ficou c'o sacrificio perturbada,
E pela causa delle assás confusa:
E manda, que não seja executada
A sentença cruel, em quanto escusa
Á piedade, e compaixão movida,
C'o Pai huma miseria tam crescida.

XLIII.

Pararam d'improviso os Homicidas
Á Lei, que lhes pusera, obedecendo,
E a seu mal grado as innocentes vidas
O castigo inventado suspendendo:
Que as palavras de Zara encarecidas
Consigo sempre imperio vem trazendo,
Com que o mais fero, e deshumano peito,
Em brandura converte, e faz sogeito.

XLIV.

Os condemnados miseros ergueram
Os olhos tristes para aquella banda,
E a causa de seu bem reconheceram,
Causa em si grande, e grande no que manda:
Foram para fallar, emmudeceram,
Ella os olhou, e seu tormento abranda,
E como já remedio lhes dezeja,
Parte a buscallo, porque cedo o veja.

XLV.

E como o caso compaixão lhe inspira,
Sobr'outra natural, que nella mora,
Ao Pai, e Rei, que os braços já lhe abrira,
Estas palavras diz, e entr'ellas chora:
Se mimosa de vós me não sentira,
Não ousara tentar se o sou agora,
Alcançando, Senhor, por magoada,
Perdão para esta gente condemnada.

XLVI.

Porque se castigar quereis seu erro,
Assás castigo tem sendo cattiva,
Que vida em triste, e misero desterro,
Está tam longe de se chamar viva,
Que antes vida lhe dá o esquivo ferro,
Quando da luz vital, e alento a priva,
Allem de ser tam desusado feito,
Que de nenhum no Mundo seja aceito.

XLVII.

Quanto mais que n'hum tempo que ameaça
Pelos mesmos Christãos, guerra tam crua,
He perigo, que a todos embaraça,
Terdes contra os de paz a espada nua:
Que se a Fortuna prospera os abraça,
A vossa crueldade aviva a sua,
E dais a imigo vencedor mottivo,
Para a ferro metter quanto achar vivo.

XLVIII.

Por tanto se algum mimo vos mereço
Com esta petição a salvo saia,
E se ha difficuldade, que eu conheço,
A culpa sobre mi de tudo caia:
O Pai, que inda que fora de mór preço,
(Segundo de affeição todo desmaia)
Lhe concedera a cousa, que lhe pede,
Para todos perdão logo concede.

XLIX.

Já nas covas de Eolia cavernosas
Os ventos enfreados repousavão,
E desfeitas as nuves tenebrosas,
Os ares descubertos se mostravão:
Já do Carro Phebeo as luminosas
Rodas, á vista humana o Ceo cortavão,
Quando Affonso dar vela determina,
Que o tempo o chama, e o dezejo o inclina.

L.

Mas o Magico Eudolo, que pretende
Daquella insigne empreza desviallo,
Em novas subtilezas logo entende,
Como quem tinha na maldade callo:
E para melhor traça inflamma, e accende
A Furia, que custuma acompanhallo,
A quem no engano por extenso instrue,
Crendo, que seu cuidado aqui conclue.

LI.

Ella rompendo os ares vai direita,
Para onde Affonso a Frota arma, e reforma,
Mas primeiro que chegue á forte Seyta,
Hum fantastico corpo do ar informa:
A cuja compostura contrafeita
Responde em tudo a semelhança, e forma
D'hum velho marinheiro conhecido,
Mestre da Náo do Principe perdido.

LII.

Os Membros, a Statura, a voz imita,
Os meneos, o traje representa,
Triste o gesto, que á compaixão incita,
Os pés descalsos, que com pena assenta:
E sobr'isto huns desmaios exercita,
Como quem do mar sae, e da tormenta,
E subito dest'arte se offerece
Á multidão da gente, que o conhece.

LIII.

Quando concorre aquella gente toda,
Alvoroçada assás co'a novidade,
E o cerca d'huma parte, e d'outra em roda,
E lhe mostra sinaes de humanidade:
Mas elle c'huma escura, e cega noda
De tristeza no rostro, persuade
Com palavras de dor, e sentimento,
Que quer dar conta ao Rei de seu tormento.

LIV.

Não de outra sorte o levão, que os Troianos
Tam pouco por seu mal acautellados,
Ao falso Sinon, para ouvir enganos
Tam tristemente em Troia executados.
E diante do Rei dos Lusitanos,
Os giolhos na terra ambos pregados,
Assi lhe diz, e a cada vãa palavra,
A lagrima que cae, o rostro lavra.

LV.

Passarei em silencio a triste historia
Que eu vi, e de que fui parte tamanha?
Ou farei antes della aqui memoria,
Inda que o animo foge, e a lingua estranha?
Quem lembrado da perda de tal gloria
Em pranto se não vai? nem desentranha
Suspiros mil? para que fui deixado,
E me não çoçobrou o mar irado?

LVI.

Eu só de toda Portuguesa Armada
Escapei do furor do mar, e vento,
N'huma pequena taboa, que arrojada
Das agoas me foi pôr em salvamento.
Mas a força tam fraca, e tam quebrada,
Já tam perdido o spirito, e alento,
Que estive a noite toda da maneira,
Que me lançou na praia a onda primeira.

LVII.

Mas tanto que apontou a luz serena,
Entre as nuves com tudo inda escondida,
Tornando mais em mi daquella pena,
Para tornar commigo mais crescida:
Logo novo vigor o corpo ordena,
Infundindo nos membros ser, e vida,
Os olhos, e a cabeça ao Ceo levanto,
E de mi mesmo, e do que vi me espanto.

LVIII.

Feliz se nunca vira, e alli n'area
As ondas me cavaram sepultura,
Vi (mas não sei se o conte, que recea
Representar o sprito esta figura:)
Em quanto a vista a Costa, e Mar rodea,
Hum spectaculo triste de amargura,
Hum naufragio tam grande, que não cabe
Na memoria do misero que o sabe.

LIX.

Pedaços de Navios vão sem véllas,
Vélas por outra parte sem Navio,
Mil taboas acolá, e os mastos dellas
C'os varios mares d'hum n'outro desvio:
Aqui suspiros vão sobre as Estrellas,
Dos que teveram mais esforço, e brio,
Que de cabos, e taboas afferraram,
Mas ai que os Mares nisto os çoçobraram.

LX.

O que mais sobre tudo me desmaia,
Foi a vista dos corpos arrojados,
Que as ondas espalharam pela praia,
Onde serão sem pranto sepultados:
Quando a sorte que contra mi s'ensaia,
Ó tristes olhos mal affortunados!
Me poz diante o corpo verdadeiro
De vosso amado Filho, unico herdeiro.

LXI.

Neste estremo parei com sobresalto,
Por espaço de mi quasi esquecido,
Inda agora me espanto, e nisto salto
Trás o corpo, inda assi de vós querido:
Mas, como de vigor estava falto,
Não cheguei tam de pressa, que escondido
O não visse, de huma onda que recrece,
E co' elle ao mais profundo pego dece.

LXII.

Eu que me achei sem elle á borda d'agoa,
Fiquei chamando ao mar cruel, e esquivo,
Porque de mi não teve, e de vós magoa,
Dando-mo morto, pois mo não deu vivo:
Por tanto se de amor inda arde a fragoa,
Exequias celebrai em Throno altivo,
E deixai por agora guerra dura,
Pois o Ceo contra vós se arma, e conjura.

LXIII.

Hum sobresalto, e triste movimento
A todos occupou, e hum temor frio
Envolto n'hum pezado sentimento,
Os membros entorpece, o sprito, e brio:
Mas alterado logo o sufrimento,
Como com qualquer vento manso Rio,
Dos olhos faz sair lagrimas fora,
Que cada qual hum mal tam commum chora.

LXIV.

Qual sente a morte, e perdição do amigo,
Qual do Irmão, qual do Pai, qual do parente,
E não ser companheiro no perigo,
Isto o magôa mais, isto mais sente:
Outros, que o maior mal pezão consigo,
Do Principe proseguem tristemente
O caso amargo, a desestrada morte,
Rompendo em tristes queixas desta sorte.

LXV.

Estas Principe amado são aquellas
Esperanças felices, que nos davas,
De subires em cima das Estrellas
O Reino Lusitano se reinavas?
Se aviamos de ter tal fruito dellas,
Para que tam crescidas as mostravas?
Mas ai que tanta flor, logo dizia,
Que vingar ante tempo não podia.

LXVI.

Não perturbou tamanho sobresalto
Affonso, antes se anima, e se consola,
E como rocha, a quem dão bravo assalto
As ondas desiguaes, que o vento empolla:
Está com tudo firme, e do mais alto
Cume, zomba do mar quando se enrolla,
Assi resiste á nova tam pezada,
E levar manda ferro a toda Armada.

LXVII.

As armas entretanto o Rei prepara,
E trabalha prover os adjacentes
Lugares, á corrente d'agoa amara,
De bastante socorro, e varias gentes:
Já manda fazer vallos, já repara
Quebras subtis dos muros eminentes,
Já grande multidão de Armados dece;
Que por varios caminhos se ergue, e crece.

LXVIII.

Bem como no ar grosso esquadrão se ajunta
De Abuitres feros, a quem trouxe o vento
Da gente na campal guerra defunta,
O faro funeral, e peçonhento:
Grasnando cadaqual alli pregunta
As horas do nefando enterramento,
E tanto que hum caminho abrio voando,
Levantão grita, e os ares vão calhando.

LXIX.

Porém desconfiado o Rei se sente,
E quasi seu total destorso espera,
Por quanto foi remisso, e inobediente
Ao Mago no perdão, que a Zara dera:
Inquieto se mostra, e descontente,
Ficando ella sogeita á morte fera,
E porque em sonhos já fora advertido,
Manda chamar o seu penhor querido.

LXX.

Obedece ao chamado a humilde Filha,
E diante do Rei logo apparece,
Qual da Phenix a nova maravilha
Da terra espanto, e do ar, que a não conhece:
E c'huma inclinação branda se humilha,
Triste do velho Pai, que s'enternece,
E quisera mudar alli sentença,
Tanto o move a bellissima presença.

LXXI.

Em semelhante aperto Perseo anda,
E quasi a empreza fervida recusa,
Trazendo a voltas d'huma, e d'outra banda
O coração, que accusa, e logo escusa:
Já se aplaca o furor, já se lhe abranda,
Vendo o gesto fermoso de Medusa,
Que pouco a pouco lhe converte o peito,
Em pedra não, mas em piedoso affeito.

LXXII.

Mas forçado lhe diz, o que retinha
N'alma, que a seu pezar á boca veio,
Ó doce allivio da velhice minha,
Ó de minha esperança firme Esteio:
Arrimo, em que minha hera se sostinha
C'hum amoroso nunca visto enleio,
Fonte perenne no maior Estio,
Donde agoa vinha a meu cansado Rio.

LXXIII.

Os poderosos Thalamos, as Tedas
De Principes, que altiva, e ufana engeitas,
Os doces Hymeneos, as Vodas ledas,
A cuja gloria em fim te não sogeitas:
Em tempo estás, que he justo, que as concedas,
Se daquelle, que as pede o ser respeitas,
Que autor he deste singular successo,
Aquelle, cuja Lei sigo, e professo.

LXXIV.

Mas inda que prazeres semelhantes
Na morte acabão, começando em vida,
Elle quer, que comecem na morte antes,
Para que nunca tenhão despedida:
Em sacrificio quer esses prestantes
Olhos, e essa cabeça offerecida,
Para a luz, que ha de vir do novo dia,
Das joias mais preciosas te atavia.

LXXV.

Ella c'o sobresalto temerosa,
Que a sombra só da morte nos trastorna,
Hum pouco a cor perdeo, qual bella rosa,
Que o matutino orvalho affeita, e adorna:
Se a máo vento, e a máo Sol foi odiosa,
Languida logo, e descorada torna,
Ou qual purpura fina que desbota,
Se d'agoa lhe caio pequena gota.

LXXVI.

Mas logo em si tornando, qual respira
A mesma rosa, qual de novo cora,
Se alguma viração branda lhe spira,
Assi lhe diz, e seu destino adora:
Esta morte Senhor, e Pai sentira,
Se menos gloriosa, e nobre fora,
Mas pois de mi se lembra quem ma ordena,
Bem he, que me esqueça eu della, e da pena.

LXXVII.

Tudo repousa, e vela a Mãi de Zara,
Que d'hum trespasso em outro anda inquieta,
E com estremos, e sinaes declara
A dor, que já não pode ter secreta:
E qual ligeira Cerva a quem passara
O Pastor de Ida com aguda seta,
Os montes salta, os valles atravessa,
Buscando o salutar Dictamo á pressa.

LXXVIII.

Tal discorrendo vai c'o pensamento
Trás o remedio desta pena esquiva,
Como possa enganar o fero intento
De hum Tyranno, que assi de amor se priva:
Que cuida conservar o Reino isento,
Se em sacrificio der a Filha viva,
E não vê meio que isto melhor cure,
Nem parte de segredo onde a segure.

LXXIX.

Em tal pena, e solicito cuidado
A grande Thetys no alto mar se sente,
Tanto que o Pastor Phrygio ouve roubado
As incautas Amyclas brandamente:
Em que lugar esconda o Filho amado
De Ulisses volve na inquieta mente,
Já leva a Delo, e a Mycono o sentido,
Já de Scripho cura, já de Abydo.

LXXX.

Mas em fim se resolve, e determina
Mandalla para longe, e desterralla,
Onde possa escapar da morte indina,
E com ella este caso trata, e falla:
Que a vontade do Rei, que não declina,
Desta sorte procura desvialla,
Esperando, que o tempo por ventura
Cure esta chaga, pois que tudo cura.

LXXXI.

E porque o caso pede confiança,
A Chaot, e a Luzel Eunuchos chama,
A que era Zara entregue por usança,
E que ella como Pais reverente ama:
Estes a confirmaram de criança
Na Lei, que segue, e tem conforme a fama
A mestres taes, que sempre a doctrinavão,
E nunca de seu lado se apartavão.

LXXXII.

Não trazem tam continuo movimento
As tres Estrellas em perpetua guarda,
Daquelle Norte, cujo fixo assento
No mar undoso as cegas Náos resguarda:
Que em quanto o natural, e o violento
Curso dos leves Ceos immoto aguarda,
Sempre lhe affigurando irão pelo anno,
As partes principaes d'hum corpo humano.

LXXXIII.

Estes do gram deposito encarrega,
Tambem lhes diz a parte, e lha sinalla,
Onde quer que lhe fação della entrega,
E com dôr quasi, e sentimento estalla:
Mil vezes lha offerece, e mil lha nega,
Como quem mal de si pode apartalla,
Em fim lha dá, mas ai quanto encommenda,
Que nada lha moleste, nem lha offenda.

LXXXIV.

Qual aquatica Alcion no ar incerta
(A quem negou a terra o doce amparo
Chegando de seu parto a sazão certa)
Anda, s'entregue ao Mar o ninho caro:
Agora teme a Região deserta,
Onde não se acha ao vento algum reparo,
Ora o balanço da onda que recrece,
Mas em fim se aventura, e a caza tece.

LXXXV.

E porque a conjunção do tempo, e guerra,
Que por todas aquellas partes ferve,
Com armas assombrando o valle, e a serra,
Para qualquer disfrace de armas serve:
Que mais segura vai por mar, e terra,
Para que o garbo feminil conserve,
Se armas veste, de hum Elmo radiante
Orna a cabeça, e de aço o mais restante.

LXXXVI.

Tal quando a vãa soberba conjurada
Foi dos Gigantes contra o soberano
Jupiter, que com mão de raio armada
Fabricado na forje de Vulcano:
Ajudado da lança, e ardente espada
De Marte, em damno vem do Centimano,
Em favor do querido Pai te aballas,
De todas peças guarnecida Pallas.

LXXXVII.

Já se alongavão da Cidade, e muros,
Entremettidos valles, Serras varias,
Onde já por distancia dos escuros
Ares, nem calla luz de luminarias,
Nem tom de vozes, vão porém seguros
Mil somnos perturbando de Alimarias,
E mil repousos de quietas Aves,
C'o trepidante som das unhas graves.

LXXXVIII.

As luzentes Estrellas mais de meio
Curso da noite já passado tinhão,
Quebrando o resplandor no escuro, e feio
Véo de nuves, que o ar cerrando vinhão:
Quando deram n'hum arduo, e cego enleio
De caminhos, em cujo error detinhão
Os ligeiros cavallos, e parando,
Qual delles se ha d'entrar estão cuidando.

LXXXIX.

Era hum spaçoso, largo, alegre, e plano,
Sem meandro, sem volta assás direito,
Donde se não podia temer dano,
Salvo fosse para isso contrafeito:
Outro de pedregulho deshumano,
De abrolhos duros, sobre tudo estreito,
Carregado, e medonho, d'alto mato,
Que romper não podia humano trato.

XC.

Deste foge Chaot, que a dura entrada
Todo feliz successo difficulta,
Que da aspereza alli representada,
Não pode presumir bondade occulta:
E chama Zara para a larga estrada,
Que á ponta estava da vereda inculta,
Que Luzel diz caminho verdadeiro,
E quer-se aventurar a ser primeiro.

XCI.

Nisto se affirma tanto, porque ouvira,
Deste passo enganoso a caminhantes,
E porque alli tambem notara, e vira
De humanos pés pisadas circunstantes:
Mas Chaot para o largo se retira,
Inda que de Animaes quadrupedantes
Só pegadas enxerga, e com profia
Quasi forçada leva a companhia.

XCII.

Era de verde esmalte tapisada
A bella marge de huma, e de outra parte,
E de varias boninas matisada,
Que com prodiga mão Flora reparte:
Que inda que a vista gose pouco, ou nada
Desta frescura, thé que o Sol aparte
As trévas, a suavissima flagrancia
Lhes descobre das flores a substancia.

XCIII.

Assi vão caminhando espaço largo
Enlevados naquella suavidade,
Não sabendo, que tem successo amargo
Doces principios de felicidade:
Commum tributo, e trabalhoso encargo
Desta gostosa, e cega vaidade,
Quando dão n'hum barranco, e precipicio,
Do error que levão manifesto indicio.

XCIV.

Deram n'huma rocha ingreme, e talhada
Que despois para fóra vai saindo
Com ponta carcomida, e tam quebrada,
Que parece, que está quasi caindo:
Fora Zara daqui precipitada,
Se Luzel, que lhe foi logo acodindo,
Lhe não bradara em alta voz, dizendo,
A trás, que por aqui te vás perdendo.

XCV.

Logo em cima soou do fundo lago
Grande rumor de Feras differentes,
Passa a triste de Zara aquelle trago
Entre embates de varios accidentes:
Do Basalisco, e peçonhento Drago,
De Aspide venenosa, e mais Serpentes
Os silvos se ouvem, de Leões bramidos
Enchem de espanto os timidos sentidos.

XCVI.

Luzel foi o primeiro que deu volta
Trás si levando a perturbada Zara,
Em temores, e medos toda envolta,
Tremendo como verde branda vara:
Os olhos para trás mil vezes volta,
Como que as sombras vê de que escapara,
A vezes grita, e quasi as unhas sente
Da fera, que o temor lhe faz presente.

XCVII.

Assi chegão de novo áquella antiga
Vereda, que deixaram por estreita,
E vendo ser forçado, que se siga,
O primeiro he Luzel, que o risco aceita.
Quando de errante Estrella a luz amiga
Do ar baxando para elles vem direita,
E correndo outra vez ao longo abria,
Por entre aquelle horror a occulta via.

XCVIII.

Cobram juntos então de novo alento,
Tomando por auspicio aquella Estrella,
E proseguem com mais atrevimento
C'hum pouco resplandor, que ficou della:
Quanto mais dentro vão, mais solto, e isento
Cada qual os caminhos atropella,
Menos fragósos se achão, que na entrada,
E já por elles caminhar agrada.

XCIX.

Thé, que foram sair n'hum valle ameno,
A quem fazião muro erguidos Montes,
Donde para o fresquissimo terreno,
Manavão de cristal limpidas Fontes:
Que divididas pelo verde feno
Em Rios naturaes, que escusão pontes,
Hum prado formão deleitoso, e lindo,
Onde está sempre a Primavera rindo.

C.

Alli vêm gente de armas que jazia
Pelo florente abrigo derramada,
E no meio alterosa apparecia
A quatro cantos huma Tenda armada:
Nesta o valente Homar se recolhia,
Capitão he geral desta jornada,
N'outra com sette Filhos Tenebronte,
Abdalla forte n'outra alli defronte.

CI.

Este com leda, e facil cortezia
Vendo gente de guerra autorisada,
Recebe a Zara em sua companhia,
C'os outros de que vem acompanhada:
Quanto lhe he necessario offerecia,
Para sem falta ser agasalhada,
E trás practica, e practica que ajunta,
Da jornada lhe faz Zara pregunta.

CII.

O Capitão discreto lhe responde,
Que aos lugares maritimos acode,
Que a fama diz, a quem nada se esconde,
Que á vista já o Imigo o mar sacode:
Ella torna, folgara saber donde
Sae esse Imigo, e quanto em armas pode,
Abdalla satisfaz, e em quanto conta,
A noite passa, e a bella Aurora aponta.

CIII.

Já com prospero vento navegava
A forte Armada, e os mares dividia,
Já Seyta por detrás longe ficava,
Alcacer já de todo se escondia:
Já Tanger por davante se mostrava,
E os levantados muros descobria,
Quando em voz alta, os que a vigia excitão,
Tanger assoma, assoma Tanger, gritão.

CIV.

A esta voz Affonso os olhos lança
Lá para onde o Theatro insigne aponta,
E com elles hum pouco assi descansa,
Mais do commum a vista esperta, e pronta:
E como que de ver se afflige, e cansa,
Os olhos furta, e logo alli desconta
Com lagrimas, quem ha que á dor resista?
O pensamento, que bebeo co'a vista.

CV.

A todos alterou a novidade,
Que em corações leaes fez grande aballo,
E nenhum com razão se persuade,
Que lembrança pudesse perturballo:
Alguns querem saber esta verdade,
E Rui de Mello só tenta provallo,
Dizendo, Senhor, pena, e magoa temos
Da tristeza, que em vós agora vemos.

CVI.

E como esta tristeza he tanto nossa,
Em todos vai obrando o mesmo effeito,
Dizei, Senhor, como curar se possa,
Que a todo risco temos prompto o peito:
Elle torna, agradeço a tenção vossa,
De que sempre me sinto satisfeito,
A memoria do Sancto Dom Fernando
Este excesso causou, e foi andando.

CVII.

Todos ficão tratando então consigo
Deste caso do Infante alli passado,
E dezejando estão c'hum zelo amigo
Por algum delles fosse recontado:
Quando este mesmo Cavalleiro antigo
No cognome de Mellos celebrado,
Tomando a mão, desta famosa historia
(Sollevando-se) diz, farei memoria.

CVIII.

Direi da insigne empreza o fundamento,
Direi do tempo mil calamidades,
Que do zelo Christão, do sancto intento,
Não mudaram firmissimas vontades:
Do cattiveiro, e duro tratamento
Do Sancto Infante, e mais adversidades,
Em tanto preparai a tanta magoa,
Pezar nos corações, nos olhos agoa.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO QUINTO.

I.

Calaram todos, e n'hum mesmo instante
Nova attenção nos olhos vão mostrando,
C'os seus correndo quantos tem diante,
Assi foi Rui de Mello a voz soltando:
Despois, que João Primeiro entrou triumphante
Em Portugal a Seyta libertando
Com tal victoria, que por toda idade
Vive no Templo da Immortalidade.

II.

A morte de grandezas dezejosa,
Ajudada dos annos, que declinão,
Lhe gera infirmidade perigosa,
Que nem medicas artes determinão:
Vendo-se perto já da temerosa
Hora, em que humanos bens o collo inclinão,
Chama dos Filhos a progenie toda,
Que lhe cercaram logo a cama em roda.

III.

Juntos assi, lhes diz o Pai benino
Com voz tremante co'a mortal fadiga;
Amados filhos, já que o Ser divino
Meu ser acaba, para que outro siga:
Se o ser que tendes meu, como imagino,
A reverente affeito vos obriga,
Hum só preceito quero se me guarde,
Que eu comecei guardar, mas foi já tarde.

IV.

A maior carga que minh' alma sente,
Que quasi faz pendor, e me inquieta,
He sangue derramado em guerra á gente,
Que no curral de Christo se aquieta:
O damno que lhe fiz incautamente,
Alma me corta c'huma dôr secreta,
E se a morte mais tarde me impidira,
C'o sangue infido o que verti suprira.

V.

Mas pois esta vontade suspendida
Fica por este mal, que oje me atalha,
Que trasplantada deixo em vossa vida,
Se não pode de mi, de vós se valha:
Contra os Mouros a conjunção perdida
(Pois seu favor o Ceo, e graça orvalha)
Vos encomendo restaureis agora,
Aqui lhe falta a voz co'a ultim'hora.

VI.

Esta lembrança teve força tanta,
Por ser tam justa, e em tal estado feita,
Que lançou mil raizes, como a planta
No terreno mimoso d'agoa, deita:
Cadaqual delles esta empreza santa
Na mais segura parte d'alma aceita,
Para que abrindo o tempo conjuntura,
Se entenda na conquista aspera, e dura.

VII.

Em tanto o famosissimo Duarte
Em forças corporaes, e em partes d'alma,
Que ao nosso grande Affonso o Ceo reparte
Por venerando Pai, em grande palma:
Subio do Reino á mais sublime parte,
Cuja soberba gloria, inda que acalma
No Rei defuncto, co' este Rei presente
Se espera que de novo se avivente.

VIII.

Mas ou fosse castigo do sublime
Senhor, por quebrantar o Reino ufano,
Ou fosse enveja grande, que lastime
O bravo Imigo do lignage humano:
Huma contagiosa peste opprime
De tal sorte o terreno Lusitano,
Que o pesce d'agoa, da montanha o Bruto
Para o ar corruto, foge do ar corruto.

IX.

Em aperto, e trabalho semelhante
Está, qual o Pastor, que ao Sceptro veio,
E com pastoral funda do Gigante
Prostrou por terra o corpo horrendo, e feio.
Que de tres males, que lhe poz diante
O Ceo, rompeo da peste o vão receio,
E vendo triste, quantas vidas colha,
Duvida se acertou naquella escolha.

X.

Principio foi do grande mal, que veio,
E sinal certo de successo amargo,
Spirarem lá do venenoso seio
Do Sul, tepidos Austros tempo largo:
Quatro vèzes inteiro, e quatro meio
Rostro mostrou a Deosa, que tem cargo
Da noite, e sempre os ventos do regaço
Do Sul, envolvem do ar o immenso espaço.

XI.

Naquelle tempo o Sol resplandescente
C'o negro veo, que sempre se lhe oppunha,
Negava a cristalina face á gente,
Por mais que a recebella se dispunha:
E lá na tarde, quando no Occidente
Carregado, outra vez triste se punha,
Dando lugar ás lucidas Estrellas,
Jámais se vio no Mar a forma dellas.

XII.

Das tenebrosas nuves nevoa sae
Espessa, e grossa, de cor negra, e baça,
Que pelos montes levantados cae,
E logo o mais profundo valle abraça:
Se a caso se consume, e se distrae,
Sem aver Sol, ou vento, que a desfaça,
Humida a terra deixa, e faz, que acuda
Por mais a humedecer, chuva meuda.

XIII.

Com isto se inficiona, e se corrompe
Do ar a clemencia pura, e temperada,
Contagião se gera, que interrompe
A saude da terra dezejada:
Pelas agoas do mar primeiro rompe,
E na profunda cerula morada,
As turmas damna, da esquammosa gente,
Que corrupção no seu remedio sente.

XIV.

Ex que começão ver os pescadores
A cima vir os pesces em cardume,
Buscando estranhos ares por melhores,
Do seu clima fugindo, que os consume:
Com as bocas abertas já co'as dores,
Como que vem fazendo alli queixume,
Ás redes, que os tem vivos estendidas,
E já mortos os levão recolhidas.

XV.

Quantos o Mar lançou sem tempestade,
Calhando as praias d'huma, e d'outra morte,
Importa admiração a novidade
De Pescados d'estranha, e varia sorte:
Que nunca conheceo antiga idade
No Mar, que aquenta o Sul, e enfria o Norte,
Mas quiçá se o que encerra o Mar mostrasse,
Que a Terra se corresse, e envergonhasse.

XVI.

Os sentidos Delphins antigamente
Enlevados na musica de Ario,
Que aos Nautas prognosticão a eminente
Tormenta, que resolve o aquoso Orio:
Que festejão no mar a ousada gente,
Acompanhando em gyros o Navio,
Era tam triste vellos pela area,
Quanto vellos pela agoa nos recrea.

XVII.

As Alcyoneas Aves, que nos braços
De Thetys a tessida caza tinhão,
Porque então dava a Zephiro os abraços,
Que os mais ventos no carcer se detinhão:
Não temendo do tempo os ameaços,
Se a seus penhores co'a comida vinhão,
Co'a morte lhes caia o que lhes davão,
Elles tambem co'a morte o não tomavão.

XVIII.

Mas outra em que foi Esaco mudado,
Não sofrendo ficar na vida ausente
Da Nympha, cujo amor no mar irado
Do monte o despenhou incautamente:
Surgindo com mergulho accelerado,
Como que Esperie sobre as agoas sente,
Quando outra vez o collo ao mar recolhe,
A morte lho suspende, e dobrar tolhe.

XIX.

Neste tempo na costa da piscósa
Cizimbra, onde rebenta o mar vizinho,
N'huma lapa sombria, e cavernosa,
Para onde abria o mesmo mar caminho:
Hum Monstro de figura temerosa
Se vio, qual era Glauco Deos Marinho,
Qual da Seréa mystica indistinta,
De Pesce a forma, e de molher se pinta.

XX.

Visto de hum pescador, que a leve remo
Por esta parte a curva taboa ensaia,
Que encheo logo o lugar d'aquelle estremo,
Qual vai pela agoa a ver, qual pela praia:
Sendo muitos á vista c'hum supremo
Gemido, lá do sprito, que desmaia,
Como que estava já vizinho á morte,
Desata a debil lingua desta sorte.

XXI.

Fujo do mar de hum mal, que me persegue,
Por ver se acho remedio cá na terra,
Mas c'o veneno seu tanto me segue,
Que nesta escusa lapa me faz guerra:
Nas mãos da morte vejo a vida entregue
Que quasi a luz dos olhos me desterra,
Mas já que nesta conjunção me vistes,
Ouvi de vosso Reino annuncios tristes.

XXII.

O mal, que lavra, e seu furor incita,
Contra os habitadores do Oceano,
Que de Tritões, e Pesces deshabita
As covas de cristal com tanto dano:
Já contra a Terra se arma, já se excita,
Cedo se ha de cevar em sangue humano,
Nem de vulgo sem nome, ou plebe cura,
Que a Coroas, e a Sceptros se aventura.

XXIII.

Ai que estrago, e destorso represento,
Que mortes, que sem terra a Terra deixa!
Pasto de Feras, de Aves mantimento,
Que a mesma Natureza alli se queixa:
Qual descomposta Ceres de ornamento
Em molhos jaz, que o segador enfeixa,
Quando da tarde ao derradeiro atalho,
Interpoz o descanso a seu trabalho.

XXIV.

Já nesta sazão cheia de pezares
As Aves sentem venenosa offensa,
Das nuves altas vão caindo a pares.
Que nem lá para o mal achão defensa:
Qual indo dividindo os leves ares
C'os remos naturaes, ficou suspensa,
Qual d'entre as folhas d'arvore sombria,
Co'as leves pennas toca a terra fria.

XXV.

Dos ares desce, e vai desta maneira
O mal entrando os Animaes do monte,
Parado fica o Cervo na carreira,
Dando lugar, que o caçador lhe apponte:
Mas a setta, por mais que vai ligeira,
Não acha vida, que no sangue affronte,
Elle da mão, do tiro se gloria,
Porque cair no mesmo ponto o via.

XXVI.

Entre os sulcos, que abrindo vai da terra
O pobre lavrador c'o arado agudo,
Dos companheiros hum, que o jugo cerra,
Lhe cae de repente lasso, e mudo:
Elle da parte falta o jugo afferra,
E vai tirando com sobejo estudo,
Quando no meio do imperfeito rego,
No que fica, lhe faz a morte emprego.

XXVII.

Já se envergonha o mal de alevantado
Ser rustico, e dezeja ver-se Urbano,
Deixa as herdades, entra o povoado,
Executando a furia em todo humano:
Qual se vê das entranhas abrasado,
Como que arda nas Fragoas de Vulcano,
E dezeja matar aquelle fogo
Em Rios d'agoa, a que se arroja logo.

XXVIII.

Qual pelo chão se lança, e o peito estende,
Nem por isso recebe frio alento,
Antes o proprio chão se não defende,
Que he mais, q̃ o frio humor o ardor violento:
O rostro por sinal se inflamma, e accende,
Ardendo o anhelito sae, e sempre ao vento
Aberta a boca traz, para que possa
Refrigerar a lingua secca, e grossa.

XXIX.

Qual no ventre marulho experimenta
Como de mar instabil, que se assanha,
E sem força de mão todo arrebenta
Em vomitos crueis, com pena estranha:
Algum neste trabalho, que atormenta,
C'o vomito, e co'a vida a terra banha,
A quem nas juntas horrida apostema
Faz, que assaltos da morte á vista tema.

XXX.

Qual estando fallando de repente
Desfallece, por mais, que o sangue acode
A ter o coração, e a cerviz sente
Carga em si mesma, nem consigo pode:
Sem vida pelas ruas cae a gente,
Como maduros pomos, que sacode
Com teso avano a mão do pomareiro,
Ou como glande o varejar ligeiro.

XXXI.

Nesta oppressão tamanha, que suspende
Os pensamentos a qualquer effeito,
Aquelle que escapar do mal pretende,
O mais precioso ornato em cinzas feito,
As Sylvas longe busca, nem se offende
C'o bramido das Feras, que em proveito
Lhe fica aventurar-se á Natureza,
Que pode ter clemencia na fereza.

XXXII.

Vendo o Rei perseguido, que lavrando
Vai sempre o mal de Inverno á Primavera,
Nem com sazões geraes de tempo brando,
Da primeira braveza degenera:
Qual esquadrão de fogo, que atteando,
Na populosa Sylva persevera,
Sem que o furor remedio humano impida,
Salvo despois da Sylva consumida.

XXXIII.

Assi dizem, que erguendo ao Ceo sereno
Os olhos arrasados d'agoa, exclama,
Alto Senhor, que só c'hum leve aceno
O mar aquietais, quando mais brama:
Que o secco campo nos tornais ameno,
Que desfazeis a nuve que derrama
Pelo ar tempestuoso o manto escuro,
E logo se nos mostra claro, e puro.

XXXIV.

Sopre huma viração do throno vosso,
Já que esta natural tampouco monta,
Que desbarate este ar envolto, e grosso,
Que as vidas, que nos déstes, tanto affronta:
He tempo já, Senhor, que em favor nosso
Armeis outro arco, d'outra hervada ponta,
C'hum dictamo saudavel, de secreta
Virtude, contra a venenosa seta.

XXXV.

E se contudo culpas commettidas
Contra essa soberana Magestade
Fazem tomar vingança em tantas vidas,
E por ventura de inculpada idade:
Executai as penas merecidas
Nesta só mal regida humanidade,
Que do máo regimento da cabeça,
Nasce, que o pé resvalle, e a mão se esqueça.

XXXVI.

E se he forçado ser este castigo
Por todos geralmente executado,
Livrai-mos, Senhor meu, deste perigo,
Que noutro os provarei mais acertado:
Antes a mãos acabem do inimigo
Que do vicioso Arabio o rito errado
Defende, e ficará delles memoria,
Morrendo por vossa honra, e vossa gloria.

XXXVII.

Isto dizendo, logo determina
Aparelhar-se para a dura guerra,
Invocando o favor da mão divina,
Sem o qual muito pouco pode a terra:
Gente lugares dão, plantas inclina
Para reformações o valle, e a serra,
Quando dizem, que a muitos manifesto,
Hum Monstro appareceo d'estranho gesto.

XXXVIII.

A compostura varia, o gesto humano,
De barba ornado, mas cornuta testa,
Da cinta para baixo deshumano,
Que em pés de cabra acaba o que lhe resta:
Figura era de Satyro, ou Sylvano,
Se algum no monte habita, e na floresta,
Subitamente com terror fugindo,
Pesada voz soltou, que se hia ouvindo.

XXXIX.

Já que me perturbais a liberdade
Neste escondido incognito arvoredo,
A vossa por estranha adversidade,
Nas terras que buscais, perdereis cedo:
Em vão vos prometteis felicidade
Em Africa, e passais o Mar sem medo
Nesses cortados lenhos, que se vivos
Tornais, será com nome de cattivos.

XL.

Divulga-se do Monstro logo a fáma,
E corre pelo Reino, como vento,
Que alguns fracos espiritos acama,
N'outros porém não causa movimento:
Este superstição damnosa chama,
Trastornar-se com isto o pensamento,
Outro diz, que já Deos nos deu avisos
Por brutos Animaes, de seus Juisos.

XLI.

Mas inda que este agouro se publique,
O famoso Duarte não se altera,
Antes estando a forte Armada a pique,
Que só por vento, e por monção espera:
Encommendada ao valeroso Anrique,
(Que exprimentado em taes perigos era)
E juntamente ao Sancto Dom Fernando,
Mandão dar vela, e o Mar forão cortando.

XLII.

Sinquoenta e cinquo vezes descobrira
Pallantias, a cortina do aureo leito,
E tantas no mar largo se encobrira
Hespero já, com menos ledo aspeito:
Despois, que do Ulisseo porto abrira
Caminho a tantos lenhos inda estreito,
(Tempo bastante para ser entrada
A Cidade que busca) a forte Armada.

XLIII.

Quando passando pela fantasia
O Rei de novas boas a tardança,
Occupado de hum somno, em noite fria
Subito foi, c'o pezo da lembrança:
Bem pudera cuidar, que não dormia,
Segundo a image viva, e segurança
Das cousas, que alli vio representadas,
E permittira Deos foram sonhadas.

XLIV.

Huma Cidade, que alto Muro, e Torre
Em torno cerca, alli se lhe affigura,
Onde a corrente amara, quebra, e morre,
Desfeita em spuma, se espraiar procura:
Se com a vista vaga ao mar discorre,
De arvores fabricadas a espessura
Enxerga pela praia, e da outra parte,
Gente de guerra, que affervora Marte.

XLV.

Bem conhece os Soldados Lusitanos,
Que no espantoso assalto, que começão,
Dão mostras, e sinaes de mais que humanos,
Se os grandes feitos sem paixão se meção:
Nem Briareo, nem Gygas Centimanos,
Que montes sobre montes arremeção,
Tanto esforço, e valor manifestaram,
Quando contra Immortaes se conjuraram.

XLVI.

Sente o stridor das settas penetrantes
Despididas com força do arco, e braço,
Quaes quebrão nas ameas circunstantes,
Quaes vão parar nos duros corpos de aço:
Qual dos que a defender estão constantes,
Inda que seja por pequeno espaço,
O fino Escudo trespassado leva,
Como em duzentas partes o de Sceva.

XLVII.

Mas das settas temendo a sombra infanda
Cadaqual foge, e menos apparece,
Como de pombas innocente banda,
Que a beber na corrente d'agoa dece:
Se alguma Ave de aduncas unhas anda
Lá no mais alto do ar, toda estremece
Co'a sombra, que vio n'agoa, e sem que molhe
O bico mais, furtada se recolhe.

XLVIII.

Vê, como nosso Campo se gratula
Já da victoria do soberbo Mouro,
A quem copia de escravos instimula,
A quem só gloria, a quem cubiça d'ouro:
Mas em vão seus dezejos accumula,
Como quem sonha achar algum thesouro,
Que enlevado n'aquelle gosto o conta,
Mas a manhãa lho rouba, e lho desconta.

XLIX.

Quando outro clamor logo se levanta
Lá para longe pelos altos muros,
Com tanto rigozijo, que quebranta
Os animos alegres, e seguros:
Vai crescendo o rumor com festa tanta,
Bem como, que despois de assaltos duros
Do navegado Mar, as Náos se vejão,
Que do mais alto monte se festejão.

L.

Entende o campo ser aquillo vista
De socorro, e com pressa se arma, e valla,
Qual lavrador na herdade, onde conquista
Rio, que se crescer pode alagalla:
Para que d'algum modo lhe resista
Vendo o ar, que envolto com trovões estalla,
Com pá ferrada calla abaixo a terra,
E faz reparos com que a herdade cerra.

LI.

Já com tropel aquelles Campos pisa
De Mouros comarcãos multidão varia,
Já se mostra das Luas a divisa
Ao lume do divino Sol contraria:
Como Formigas a que o tempo avisa
Da boa conjunção, tam necessaria
Da loura Ceres, saem por carreiros,
A fazer para o Inverno seus celeiros.

LII.

E com impetu alçando estranha grita,
Arremettendo áquelles fracos vallos,
Cadaqual suas forças exercita,
Buscando meios como possa entrallos:
Mas tornão rebatidos, que milita
O valor que custuma conservallos,
Tanto melhor em damno do Inimigo,
Quanto mais conhecido era o perigo.

LIII.

Poz a sombra da noite escura, e parda
Aos cuidados humanos intervallo,
Co'as trevas em que o Mouro se resguarda,
E pára o curso do fugaz cavallo:
Mas tanto que de luz os montes barda
Lucifero, e no mundo faz aballo,
Vê que outra vez com gente de socorro
Os nossos cercão no cerrado corro.

LIV.

Mas elles, qual o Touro impaciente,
Terror da Sylva, dos Rivaes espanto,
Tanto que reprimido alli se sente
Dando bramidos de mortal quebranto,
Rompe as tranqueiras com furor ardente,
Desbaratando denodado, quanto
Diante se lhe oppoem, gritão das ruas,
Cadaqual recolhendo as cousas suas.

LV.

Taes contra os inimigos se arremessão,
Que temerosos logo as costas viram,
Azas levão nos pés com que se appressão,
Nem sentimento tem dos que suspiram:
Huns cattivando, a muitos atravessão,
E por então o alcance não seguiram
Longe os nossos, que o cego horror lhes tapa
Os caminhos, por onde o Mouro escapa.

LVI.

Abrio a confusão da noite o dia
Terceiro, e descobrio a sepultura
Deserta, dos que ao ferro a morte fria
Entregou na passada sombra escura:
O Campo em sangue tinto alli se via,
E corada de purpura a verdura
Na parte, onde ficou a caso aberto,
Que de corpos está quasi cuberto.

LVII.

Porém juntos n'hum corpo vê, que appontão
Mais de cem mil de pé, com mais quarenta
De a Cavallo, que o vallo erguido affrontão
Com representação de medo isenta:
Mas seus commettimentos pouco montão,
Nem tanta multidão esforço augmenta,
E póstos pelos nossos em fugida,
Deixando o Campo vão, e a doce vida.

LVIII.

Ó quanta maravilha está notando
Jámais ouvida, nunca imaginada,
Dos que no sangue enorme vão provando
Os fios, e o rigor da aguda espada:
Contempla do invencivel Dom Fernando
A virtude em perigos estremada,
E como já pelo valor do braço,
Como dos golpes, tremem do ameaço.

LIX.

O Mouro General de prazer falto
Vai chorando o successo lastimoso,
Qual o Pastor, a quem nocturno assalto
De Lobos, e choveiro tenebroso,
As Rezes espalhou, com sobresalto
O curral entra, e pasma do odioso
Silencio, e contar teme o desestrado
Caso ao Senhor, de hum frio horror tomado.

LX.

Recolhe Anrique os nossos cautamente,
Por vias de sanguino humor vermelhas,
De gloria cheios, quaes do Campo sente
Vir o Pastor as gravidas ovelhas:
Ou quaes do pasto de Hybla florescente,
Se recolhem nos antros as Abelhas,
A fabricar nas bem formadas cellas
Do favo o doce mel, e as ceras bellas.

LXI.

Trás tanta gloria vê confusamente
Huma nuve descer escura, e grossa,
Que prenhe de Corisco, e Raio ardente
Arma desolação á gente nossa:
No sonho fica triste, e descontente,
E já duvida alli, que a nuve possa
Denotar, quando vê que vai levando
Pelo ar envolto o Sancto Dom Fernando.

LXII.

Ó não mo leves, diz, que deixas triste
O Campo, e Portugal sem ornamento,
Torna-mo escura nuve, que consiste
Nesse Irmão todo meu contentamento:
Mas do penhor, que leva, não desiste,
E de alli voa c'o furor de hum vento,
Elle acorda c'o nome de Fernando
Na boca, e fica hum pouco imaginando.

LXIII.

Já neste tempo longe as trevas deita
A Mãi de Memno, que arma a noite fria,
E já no porto da famosa Seyta
O Infante Dom João co'as Náos surgia:
Que a gente que ficou no Reino feita
Por falta de Navios leva, e guia,
E de Anrique do novo mal sentido,
Foi com estas palavras recebido.

LXIV.

Não val esforço algum, quando a virtude
Da Maura multidão for opprimida,
Tam longe de socorro, sem que ajude
Huma esperança só, sendo rendida:
Fiz na sancta Conquista quanto pude,
Puz a barato minha propria vida,
E com tam pouca gente, e já cansada
Rompi mil esquadrões de gente armada.

LXV.

Muitos dias n'hum vallo fraco, e breve
Sustentei cada dia seu combate,
A Cidade rendida quasi esteve,
Vendo de tanto Mouro o disbarate:
Thé, que d'elRei de Fez socorro teve
De seiscentos mil homens por remate,
De pé, que os que a cavallo nos oppunhão,
Noventa e seis mil são, que lança empunhão.

LXVI.

Quem vio pequeno Ilheo no Mar profundo,
Que de todas as partes combatido
Das ondas, que c'o vento furibundo
Quebrão nas altas praias com bramido,
Que nos eixos gemer parece o Mundo,
Está contudo immoto, e não vencido,
Inda que o não divisão navegantes,
Que vão mais alto os Rolos espumantes.

LXVII.

Taes nos vira assaltados n'hum pequeno
Vallo, d'aquella multidão proterva,
Já caira tres vezes do ar sereno
O matutino orvalho na verd'herva.
E outras tantas batera o fero Peno
Os muros, que immortal valor conserva,
Sem que esperança tenhão já d'entrar-nos,
Nem que a tenhamos nós de restaurar-nos.

LXVIII.

E por não consumirem sede, e fome
Tres mil, que alli se achavão de pelleja,
Ao Mouro commetti, que a Seyta tome
Por contrato, e que livre o campo seja,
Vendo, que não tem gente que nos dome
Sem perda igual, aceita o que dezeja,
E leva em Arrefens o Infante claro,
Que desampara a si por nosso amparo.

LXIX.

Mas porque como perfido inimigo
Do contrato quebrou a Lei escrita,
Nenhuma obrigação fica commigo
De a Fé guardar, que menos exercita:
Já que nos dá lugar o tempo amigo,
Que á vingança parece-nos incita,
Dai vela logo contra Arzilla, donde
O Infante venha, ou tudo a ferro ponde.

LXX.

Sulcando o Campo amaro com galerno
Vento, que as proas prospero encaminha,
Deixou a cana o Mestre do governo,
Que á vista já de Arzilla o porto tinha:
Quando Phebe, a quem lume o Lume eterno
Empresta, pelo Ceo correndo vinha,
E passa a noite João desta maneira,
Por esperar do dia a luz primeira.

LXXI.

Quando as luzes, que agora apparecião,
Subitamente aos olhos se furtaram,
Os ventos que nos mastos assovião,
Os mares sobre as Gaveas levantaram:
Os Pólos com trovões estremecião,
Os ares com mil raios se inflammaram,
Concertão tristemente c'os atrozes
Bramidos, da confusa gente as vozes.

LXXII.

Arvore secca correm co'a tormenta,
Picando cadaqual a forte amarra,
Qual na Costa naufragio experimenta,
Qual pelas ondas através desgarra:
A Náo do Infante, que melhor sustenta
Os balanços, tomou do Algarve a barra,
Onde o lançou primeiro o vento esquivo,
E deixa sem remedio o Irmão cattivo.

LXXIII.

Ah quem me dera as lagrimas agora,
Que Niobe de Sypilo distilla,
E Symonides triste tristes chora
Com voz tam branda, que enternece ouvilla:
Para que aqui contada a Historia fora
Tam tristemente, como sei sentilla,
Inda que mal se sente aquella pena,
Que para tanta gloria em fim se ordena.

LXXIV.

Porém chora-se aquelle apartamento,
Aquella ausencia, aquella saudade,
Que sogeita o mais livre pensamento,
E como effeito traz a humanidade:
A morta vida, o vivo enterramento
N'huma cova d'estranha escuridade,
Que inda que o Sancto Nome isto lhe importa,
Chegar a tello por aqui, nos corta.

LXXV.

Sendo c'os seus entregue o claro Infante
A hum Mouro principal Çalabençalla,
Para Tanger, d'alli pouco distante,
Para passar a noite o passo aballa:
Hia escondendo o Sol a rutilante
Grenha, de Thetys na profunda Salla,
Que mais cedo com magoa s'escondera,
Se aquella eterna Lei quebrar pudera.

LXXVI.

N'huma Torre, que o muro levantava
Desta infiel Cidade, o Infante encerra,
Que d'alli por diante começava
Provar os mimos da inimiga terra:
Em mil partes a mente variava,
Hum pensamento agora lhe desterra
De se ver livre longe as esperanças,
Outro perto lhe traz mil confianças.

LXXVII.

Que se o animo lhe abate, e lhe deriba
O triste estado, em que se vê presente,
Na bondade de Anrique logo estriba,
Por todas vias seu remedio intente:
Ora os cansados olhos volve á riba,
Com suspiros, que d'alma sair sente,
E como que só lá o remedio tenha,
Hum pouco pára, e espera, que lhe venha.

LXXVIII.

Mas logo de seus males esquecido,
(Que nelle os communs tem mais larga prova)
Ao Campo, que deixou, passa o sentido,
De que não soube mais segura nova:
Ora consigo julga ser perdido,
Ora o contrario per razões approva,
Agora Anrique morto representa,
E entr'estas magoas taes, assi lamenta.

LXXIX.

Senhor, por cujo amor, e fé cattivo
Me fiz, por ganhar outra liberdade
D'alma, que será vossa, em quanto vivo
O sprito conhecer esta verdade:
Nesta prizão, e cattiveiro esquivo
Entre gente, sem cor de humanidade,
Fazei que alcance o pretendido effeito
Salvos os meus, pois he por seu respeito.

LXXX.

Çalabençalla, que do illustre preso
O cargo sobre si tomado tinha,
(Abrindo o dia) com maior despreso,
Do que com tal pessoa usar convinha:
Correndo-se da Torre o ferreo peso,
Manda tirar o Infante, que detinha
Entre as portas ao pé d'aquella Torre,
Por escarneo da gente, que concorre.

LXXXI.

Está feito spectaculo entre aquella
Turba infiel, que alli se ajunta em roda;
E por ver o milagre se desvella,
Que em gloria resultou d'Africa toda:
Qual lhe cospe no rostro, qual lhe pella
Os cabellos da barba, qual poem noda
Em sua Lei, e vida, com molestas
Palavras, juntamente deshonestas.

LXXXII.

Elle c'os olhos baxos consumindo
Mil solluços, e lagrimas, que apontão,
Co'a consideração, que confirindo
Está seu ser, co'aquelles que o affrontão:
Dentro sente, de fóra se está rindo,
E as cores já perdidas, que confrontão
C'o sentimento d'alma, e se trastornão,
Com segurança faz, que ao rostro tornão.

LXXXIII.

Qual nocturna Ave, quando a caso fica
No telhado Sol fóra, e dia claro,
Tanto que pelas outras se publica,
Em turmas descem vendo o desamparo:
Exercitão seu odio, qual a pica,
Qual a rasga co'as unhas, sem reparo
A triste está, com paciencia muda,
Pela noite esperando, que lhe acuda.

LXXXIV.

Tal o Infante se vê sem esperança
De aver, quem desta affronta o desallive,
Que para toda parte, que mudança
Os olhos fazem, vê quem della o prive:
Não ha piedade alli, tudo he vingança,
Hum desamor em todos, e odio vive,
Quem poderia crer tam cego engano,
Que em tantos homens hum não fosse humano!

LXXXV.

E volto para os seus, que em companhia
Para consolação, e allivio leva,
Animo companheiros, lhes dizia,
Que agora mais que nunca nos releva:
A luz mais aproveita na sombria
Noite, serve o calor, quando mais neva,
Nos perigos se espera a fortaleza,
E seu amor entr'estes Christo preza.

LXXXVI.

As injurias que vedes são mais bellas,
Do que podeis cuidar, e mais fermosas,
Que no Ceo nos estão tessendo dellas,
Os Anjos mil guirnaldas gloriosas,
As pedras, que nos lanção, nas Capellas
Hão de servir de cravos, e de rosas,
O cuspir, que nos causa pena, e magoa,
De suave borrifo, e cheirosa agoa.

LXXXVII.

Çalabençalla aqui lhe corta o fio,
E com elle caminha para Arzilla,
Que despois, que perdera o senhorio
Da forte Seyta, o tinha desta Villa:
Co'a gente que concorre vai sombrio
Todo Campo, nem podem dividilla,
Que antes, que para sua terra parta,
Quer ver o Infante, nem de o ver se farta.

LXXXVIII.

Qual o bravo Leão, que devastava
Os Campos de Massilia das maiores
Rezes, despois que em ala o debellava
A numerosa industria de Pastores:
Respira o Campo, e o Gado se alegrava,
Saem com clamor grande os lavradores,
E com a novidade estranha ufanos,
Estão juntos, contando á vista os danos.

LXXXIX.

Primeiro a Fama, como mais ligeira
Deste successo já certificada,
Sobre a Villa soou desta maneira,
Que inda está de temor acovardada:
Recebei gente a nova verdadeira
Da mais alta victoria, e sinallada,
Que quantas teve a vossa Mauritania,
Pois a pode alcançar de Lusitania.

XC.

Co' aquelle brado, e fortunado grito
Torna a cobrar o alento já perdido,
Qual da Leoa, como se acha escrito,
Recente parto sem vigor nascido:
Que no terceiro dia cobra sprito,
E desperta do somno a seu bramido,
Então conhece os pais, então começa
Abrir os olhos, levantar cabeça.

XCI.

Tudo se alegra, tudo se alvoroça,
Tudo em prazer, e festa se converte,
Que huma nova alegria o amargo adoça
Da mór tristeza, quando se diverte:
Não ha de idade juvenil, e moça,
Quem se não atavie, e se concerte,
Abrem-se as portas da soberba Villa,
E parece outra a renovada Arzilla.

XCII.

Como despois da larga tempestade
De choveiros, e vento sibilante,
Se hum dia trouxe ao Ceo serenidade
O Norte, que desfez a nuve obstante:
Abre logo as janellas a Cidade
A receber o Sol, que vê diante,
E cada qual aos raios, que elle espalha,
As joias, e vestidos assoalha.

XCIII.

Já pelos altos muros apparece
Do sexo feminil multidão junta,
Que mais segura o Campo reconhece,
E por Filhos, e Pais alli pregunta:
No meio deste goso inda estremece,
Inda se cobre d'huma cor defunta,
Que tem mais força a sombra da passada
Guerra, que a vista da victoria amada:

XCIV.

Como aquelle que embarca, vendo manso
O mar a vez primeira, e monção boa,
Se algum vento perturba este descanso,
Marulho se levanta arfando a proa:
Começa a trastornar-se c'o balanço,
Não lhe rege a cabeça, tanto enjoa,
E já fóra do mar posto na praia,
Inda a terra lhe foge, inda desmaia.

XCV.

Qual os olhos estende inda medrosa
Aos largos ares para a parte, donde
Soava na contenda perigosa
Dos golpes o Echo, que inda alli responde:
Qual das ameas lança a temerosa
Cabeça, hum pouco fóra, e logo a esconde,
Que inda teme das hervas se levante
A gente Lusa, que outra vez a espante.

XCVI.

Quando vir por hum alto alli vizinho
Calabençalla estão co'a preza vendo,
Quaes o vem receber logo ao caminho,
Quaes lançados do muro estão pendendo:
Como pequenos passaros no ninho
Quando a comida a Mãi lhes vem trazendo,
Que huns estendendo longe o bico alcanção,
Outros que vigor tem, fóra se lanção.

XCVII.

Com varios instrumentos, que acompanha
Dissona voz, o Capitão festejão,
E com summo louvor, gloria tamanha
Ás nuves sobem, porque d'alto a vejão:
He para todos a victoria estranha,
Que inda aquelle valor vencido envejão,
No qual mil pragas, e blasphemias quebrão,
E logo o seu com mór furor celebrão.

XCVIII.

Dest'arte as Filhas da Cidade santa
Opprimidas pelo horrido Gigante,
Cuja soberba catadura espanta,
Quantos a resistir se oppoem diante:
Despois que a funda o brio lhe quebranta,
E jaz sem vida menos arrogante,
Por festa ornadas vão de varias cores,
A receber David com mil louvores.

XCIX.

Mas hum Mouro ancião, que a idade larga
Descer do muro a baxo não deixava,
Confirindo consigo a dura carga
De victoria, que tanto lhe custava:
Dando a cabeça d'huma á outra ilharga,
Desta maneira a grave voz soltava,
Aos primeiros accentos, que soaram,
Por novidade, muitos escutaram.

C.

Ó louco desvario, ó cega gente
Leda com tantas causas de ser triste,
C'hum pequeno prazer estás contente,
Despois que tantos disprazeres viste:
Em sorte desigual, e differente
Quero saber onde esse bem consiste?
Que huma prisão de hum só te alegre, e anime?
E de tantos o fim te não lastime?

CI.

Vás co' essa festa, e canto deleitoso
Como Cysne no fim suave, e brando,
Do amado Pai, do Filho, e charo Esposo
As funeraes exequias celebrando;
Elle da propria morte dezejoso
As suas docemente modulando,
Tu nescia aquellas, que sentir devias
Mais, que se exequias foram de teus dias.

CII.

E se contudo cantas tanta morte
Dos que contra Christãos sangue offerecem,
Que a vida pondo alli com peito forte,
Louvores, e não lagrimas merecem:
Justamente festejas essa sorte,
Que por vivos per gloria se conhecem,
Mas se victorias cantas, vê que as pintas
Com tanto sangue; que estão todas tintas.

CIII.

Que inda que antigamente se pintava
A victoria com roupa branca, e fina,
Que a lugares sanguina cor manchava,
Manchada seja, e não toda sanguina:
Que Campo, e Monte d'Africa não lava
Sangue dos teus! que caza oje se assina,
Que não ficasse solitaria, e muda,
Sem que voz de homem soe, ou della acuda?

CIV.

De tantos mil, que a socorrer vieram,
Chega a Tanger verás os que tornaram,
Cobrem-se os ares de aves, que desceram,
E menos são que os córpos, que afferraram:
As ribeiras de Inverno, que cresceram,
Pasmão como em verão se anteciparam
Com tal crescente, que por maravilha
Dos vallos dos Christãos fezeram Ilha.

CV.

Ó valeroso Reino, que a louvar-te
Forçado sou, inda que em Lei contrario,
Ninguem pretenda desacreditar-te
Por causa de hum successo adverso e vario:
Se puzer a paixão, e odio á parte,
Julgará teu valor por temerario,
Que nos trances de guerra, que exprimentas,
Do Deos, que adoras, a Bondade tentas.

CVI.

Porque sendo de fraca natureza
Homens mortaes, e não de bronze duro,
E tam poucos em numero, despreza
Vosso animo os perigos tam seguro:
Que sem milagre da suprema Alteza
Poderdes escapar, nos fica escuro,
E fique em livros de immortal memoria,
Que acommetter vos basta por victoria.

CVII.

Já menos se ouve o som dos instrumentos,
E das vozes suspensas roto o fio,
Imperfeitos os ultimos accentos,
Desfallecendo vão pelo ar vazio:
Como quando adevinhão chuva, e ventos
As Raãs no lago, e marge d'algum Rio,
Que grande confusão juntas ergueram,
Se hum brado alli soou, emmudeceram.

CVIII.

Punha tregoas a noite á guerra esquiva,
Que o trabalho traz sempre c'o descanso,
Apparelhando a toda cousa viva
Em seu regaço, o somno leve, e manso:
Quando na Villa entrou com pompa altiva
Çalabençalla, que de lanço em lanço
Mostrando a preza nobre que levava,
Grandezas da victoria appregoava.

CIX.

Aqui posto em prisão pesada, e dura
Muito tempo passou o claro Infante,
Em esperanças vãas, de que pendura
O pensamento a todo mal constante:
Mas foge o dia, e torna a noite escura,
As horas correm sem parar instante,
E não vê liberdade, nem se trata,
Que por difficultosa se dilata.

CX.

Que he de tanto perigo. por ser chave
Seyta de Hespanha, a Mouros entregar-se,
Que posta em Tribunal a causa grave,
Saío ser necessario sustentar-se:
E para que o Infante não se aggrave,
Pretenda por dinheiro resgatar-se,
Que ficar Portugal pobre, he mais justo,
Que rico, a troco de tamanho custo.

CXI.

Pesai agora em singular balança
Do Lusitano Reino o illustre feito,
Contudo nelle custumada usança,
Quando Deos lhe appresenta seu direito:
Corta o sublime Rei por aliança
De affeito fraternal, e amor estreito,
Nem faz de gastos excessivos conta,
Quando a gloria de Deos padece affronta.

CXII.

Já neste tempo o Ceo determinava
Fazer no Infante larga experiencia,
Por ver quam valeroso se mostrava,
Na fragoa, e no rigor da paciencia:
Hum dia em Oração, que absorto estava,
Com mil favores da divina Essencia,
Ouvio na prizão triste onde jazia,
Huma suave voz, que assi dizia.

CXIII.

Esforça Infante, nem c'o pezo inclina
Dos males, que te estão apparelhados,
E quando os estranhares imagina,
Que elles por Deos te foram grangeados:
Tempo virá, que cedo determina
A suprema Bondade, que lembrados
Te sirvirão de goso, e gloria tanta,
Quanta he agora a dor, que te quebranta.

CXIV.

Em tempo breve te verás entregue
Ao peito mais cruel, que Africa cria,
Que athé tratar c'os teus te impida, e negue,
(Unico allivio, unica alegria:)
E se algum hora em ti piedade empregue,
Será para que os vejas noite, e dia
Em perpetuo trabalho, e os acompanhes,
Sem que em nada te isentes, nada estranhes.

CXV.

Por Camera adornada de aureo teito
Huma cova terás pesada, e escura,
Apposento medonho, horrido, estreito,
Que mais parecer tem de sepultura:
Huma pelle terás por brando leito,
Onde na noite temerosa, e dura,
Com pena os grilhões asperos tocando,
Te irás do somno breve despertando.

CXVI.

Mas terão termo em fim males tamanhos,
Que alma te soltarei da prisão triste,
Para que vás gosar commigo os ganhos,
Que por tantos trabalhos acquiriste:
O corpo hum tempo entre Infieis estranhos,
(Cuja grande crueza não desiste)
Por vituperio ficará retido,
Thé que seja despois restituido.

CXVII.

Não se alterou Fernando, antes com ledo
Aspeito, a voz aceita, e d'alma approva,
Guardando nella este intimo segredo,
Para tempo, que menos doa a nova:
Ó grande magoa! lá o espera cedo
Em Fez, hum peito cruel, que fará prova
Em sua paciencia, thé que a morte
(Aqui calou) a vida, e os males corte.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO SEXTO.

I.

Os roxos Orizontes do Occidente
Tocava o Sol, em nuve d'ouro envolto,
E no longe maior deixava ausente
Hum veo confuso, pelos ares solto:
Quando começa o Cerulo Tridente
C'huma alta sombra ennegrecer revolto,
E quanto a vista mais penetra, e nota,
Reconhecendo vai armada Fróta.

II.

Qual logo a cima sae a descobrilla,
Qual ás armas ligeiro logo acode,
Que como já defronte estão de Arzilla,
Ser sombra de inimiga Armada pode:
Quadaqual se apparelha a destruilla,
E d'alma o natural temor sacode,
Que a vista do perigo o rostro enfia,
Mas o animo assegura, e esforço cria.

III.

Já nesta indifferença divisavão
Seus temores os olhos de mais perto,
E com vento quieto as Náos chegavão,
A darem de seu trato pregão certo:
Quando os que mais ao vivo se affirmavão,
Levantando clamor ao ar aberto,
Com alvoroço exclamão, que tememos,
Se nossa Armada dezejada vemos?

IV.

Esta nova opinião lhes assegura
A divisa, que ao longe conheceram,
Que humas insignias sós, huma figura
Juntamente as bandeiras receberam:
Não he das Aves, a que em mór altura
Nidifica, que tanto engrandesceram
Os Romanos, despois que o illustre Mario
A prefirio, por symbulo ordinario.

V.

Nem he a Insignia o Animal faminto,
Que aos assaltos na noite alta procede,
Que, sendo já o Imperio quasi extinto,
As Aguias ferocissimas succede:
Nem he o habitador do Laberinto,
Que a Theseu por seu mal a vinda impede,
Cavallo, Javalli, Drago inhumano,
Tam celebrado já por Claudiano.

VI.

Nem menos he a Insignia Cynthia varia,
De cujo vario aspecto a gente inica,
Casos de sorte misera, e contraria,
Ou de alegre, e feliz se prognostica:
Como pelo de grande Luminaria
Nossos damnos, ou gloria verifica,
Se não fosse mais certa a conjectura
Do aspecto do Creador, que da Creatura.

VII.

Mas he a Insignia aquelle Lenho estreito
Que a todo humano arrimo deu seguro,
Cuja figura já tinha no peito,
Como em Mysterio d'algum bem futuro,
Serapis dos do Egypto Idolo aceito,
E por custume antigo, e rito escuro,
Aquelles que innocentes parecião,
Com semelhante letra se absolvião.

VIII.

Com este esperam temperar dos mares
O soberbo furor, quando se alteram,
E desfazer dos tenebrosos ares
Os volumes envoltos, que glomeram:
Co'este esperam tornar aos patrios Lares,
E com razão com este tudo esperam,
Pois entre a Terra, e o Ceo servio de ponte,
Sobre o profundo Rio de Acheronte.

IX.

Consigo Affonso o bem certificando,
Assentando já delle a segurança,
Ah Senhor, diz, quam bem nos iis mostrando,
Quam certa em vós está boa esperança:
Andou por me enganar o Infernal bando,
Mas vós tinheis-me dado confiança,
Eu não lhe cri, porque mentir professa,
A vós cri, verdadeiro na promessa.

X.

Ex quando humas com outras emproaram
As Náos, que o vento brando o consentia,
Com alvoroço todos logo entraram,
Grandes sinaes mostrando de alegria:
Com'nós muito apertados se abraçaram,
E mil saudades, cadaqual dizia,
Que como por Deos vão d'huma vontade,
Mais arde, e se affervora a charidade.

XI.

O Principe arrojado aos pés do charo,
E lastimado Pai ausencias chora,
Que o duro Inferno de bem tanto avaro
Traçava, para sempre o ter de fora:
Descuidos, que com sentimento amaro
Culpa, e como erros graves sente agora,
Desculpa o Pai com voz branda, e benina,
E a levantallo donde está se inclina.

XII.

Em tanto o Sol nas agoas do Oceano
De todo os raios bellos escondia,
Chamando os córpos a repouso humano,
Que o trato sóe quebrantar do dia,
Mas saber do successo o desengano
Affonso dezejando, lhe dizia,
Charo Filho, que iniga tempestade
Me poz em tanta ausencia, e saudade?

XIII.

Elle, que já de longe larga conta
D'hum successo tam novo, dar dezeja,
Assi começa em voz formada, e pronta,
Para que alli notorio a todos seja:
Despois que da tormenta a brava affronta
Passamos, quando já falta quem reja,
Que vence a tempestade a sciencia, e arte,
Demos acaso n'huma estranha parte.

XIV.

Sentimos, que inda a vista estes estremos
Não julga, as Náos romperem pela area,
E nosso ultimo fim quasi tememos,
Fingindo alguma praia aspera, e fea:
Quando a cerração cega abrir-se vémos,
E o vento bravo o sopro irado enfrea,
Descobre-se huma praia fresca, e leda,
E nella toda Armada emproada, e queda.

XV.

Eu, que não conheci a estranha Terra,
Dos mais practicos Mestres informado
Preguntei, que parage o sitio encerra,
E de que gente pode ser pisado:
E nisto cadaqual se engana, e erra
O que se tem por mais exprimentado,
E porque a praia alegre nos convida,
Nella desembarcar ninguem duvida.

XVI.

Pedro, que o mal de nossas almas cura,
A quem o mór segredo descobrimos,
Ou seja a caso, ou elle assi o procura,
Na Popa em alto somno ficar vimos:
Nós entre tanto ao longo d'agoa pura,
Pisando a branca area alegres imos,
Buscando hum prado, que assomava perto,
Pela cor, e flagrancia descuberto.

XVII.

Artificio parece da Natura
A cerca, que o resguarda em tudo airosa,
Onde pendendo a branca rosa pura,
Está co'a bella pudibunda rosa:
Outra inda no botão cerrada dura,
Para sair a tempo mais fermosa,
No qual a falta supra da vizinha
Que murcha cai, entre a pungente espinha.

XVIII.

Aqui nos detevemos por espaço,
Colhendo cadaqual a que lhe agrada,
A custo da melhor parte do braço,
Que do furto saía lastimada:
Logo saltamos dentro, e no regaço
Da floresta de verde tapisada,
Diversidade vimos de mil flores,
No fino olor estranhas, e nas cores.

XIX.

Em flor se mostra alli, por si perdido
O fermoso Narciso incautamente,
E por ter o castigo merecido
Junto nasce da liquida corrente:
Em flor tambem Hyacinto convertido,
Sua Historia nas folhas tem presente,
Amaranto em bellissima bonina,
E Adonis pena eterna da Erycina.

XX.

Dispostos per canteiros ordenados
Os bellos cravos, a flagrancia spiram,
Todos vermelhos huns, outros mesclados,
Quaes encarnados, quaes brancos se viram:
As violas da cor de enamorados
Quando por seu amor d'alma suspiram,
A Franceza Ortelãa, a Salva verde,
A Cecem, que tocada o cheiro perde.

XXI.

Esta fermosa, e linda praderia,
A quem jámais nenhuma se iguallava,
Das que celebra Assyria, e a India cria,
E o Rio Hydaspes brandamente lava:
Por dillatado espaço se estendia,
Que n'outra gentil cerca se acabava,
De rasos buxos a nivel nascidos,
Com mil enredos de invenção tessidos.

XXII.

D'outra parte outro lanço está de murta,
Em diversas figuras transformada,
A fermosa Orithia Boreas furta,
Sobre as ventosas azas vem guardada:
Acolá Paris tem a Armada surta,
E a mal regida Helena traz roubada,
Do gostoso principio ha aqui memoria,
Mas não do desestrado fim da gloria.

XXIII.

Lembra-me, que parei nesta figura,
E logo fiz discurso alli commigo,
Cegos, dice, de nós, quam pouco dura
Hum gosto vão, quamanho he seu perigo!
Nós tristes enlevados na doçura,
Que quando vem o gosto traz consigo,
Não vemos, que nos deixa o triste encargo,
De eterna pena, e não sufrido amargo.

XXIV.

Este conceito meu fez evidente
Hero, que alli para seu bem se ensaia,
Já d'alta Torre espera o amigo ausente,
Já tambem dece a recebello á praia:
Estreitamente o abraça, inda presente
Duvida tello, e em seus braços desmaia,
Elle morto, do mar bravo arrojado,
E ella sobr'elle, isto não vi pintado.

XXV.

Mais por diante em Touro se mostrava
Jupiter, de capellas coroado,
Sobr'elle pelo mar se assegurava
Europa com solicito cuidado:
Ella os pés recolhia, e levantava,
Temendo o impetu d'agoa occasionado,
Que o collo c'o temor lhe aperta, e abraça,
Elle ufano se ri c'o pezo, e traça.

XXVI.

Já d'Aguia generosa a forma toma,
Porém das unhas o rigor tempera:
E da fermosa Asterie os brios doma,
Que antes se lhe mostrou dura, e severa:
Já brancas plumas cobre, e Cysne assoma,
Não se perturba Leda, nem se altera,
A sopida alli gosa em fogo ardente,
Alli Deioda em celebre Serpente.

XXVII.

Defronte hum Laberintho se tecia
Curioso na vista, e mais na Historia,
Em braços de Dione alli se via,
Marte soberbo assás pela victoria:
Sobre elles logo a rede, que estendia
O celoso marido, tam notoria,
Os Deoses falsos, d'huma, e d'outra parte
Tocam palmas, e rindo estão de Marte.

XXVIII.

Por entre tam gostosa novidade
Fomos chegando a hum deleitoso posto,
Onde plantas de muita variedade
Pomos estão offerecendo ao gosto:
O cheiro he tal, de tanta suavidade,
O pomo de tal forma, e tez composto,
Que não se atreve a mão, que vai colhello,
E torna envergonhada de offendello.

XXIX.

Assi fomos caindo a hum valle ameno,
Por onde huma Ribeira cristalina,
Regando vai o florido terreno,
E alvas areas brandamente inclina:
Tam manso leva o curso, e tam sereno,
Que mal para onde vai se determina,
E o tom saudoso d'agoa, que corria
Motivo era de amor, e de alegria.

XXX.

Nella quasi inclinada se está vendo
De huma parte a viçosa verde cana,
Frescos Salgueiros d'outra estão pendendo;
Não ha ripa de Rio mais ufana:
Rouxinóes melodia estão fazendo,
Com que a pena maior hum triste engana,
Ave triste não vi, nem casta Rola
Alli gemendo seu pezar consola.

XXXI.

Pelo florido esmalte mil nativas
Fontes saudosamente estão fervendo,
Estas de branca area brotão vivas,
Aquellas viva pedra vem rompendo:
Quaes de pequenos montes fugitivas
Com ligeira corrente vão descendo,
Quaès vem por canos de artificio vario,
Em figuras de Jaspe, ou Marmor Pario.

XXXII.

Em Jaspe se levanta huma figura,
Á semelhança d'arvore crescida,
A corteza por cima aspera, e dura,
Direita em tronco, em ramos estendida:
No ventre se lhe mostra huma abertura,
Por ella sae huma criança á vida,
Bem conhecera logo o que advirtira,
Ser a Pellice, e Filha de Cynira.

XXXIII.

Em marmor Pario figurado estava
O moço Hermaphrodito, em cabo lindo,
Que por seu mal na fonte se banhava,
Quanto a Nympha appetece descobrindo:
Elle seguramente se mostrava,
Ella do doce furto se está rindo,
E já mettida n'agoa, e desprezada,
Com elle n'hum só corpo he transformada.

XXXIV.

N'outro lanço igualmente parecia
Amor em varias formas retratado,
N'huma c'hum véo os olhos encobria
Minino, e Velho já representado:
N'outra tambem dous rostros dividia,
Hum alegre, outro em lagrimas banhado,
Hum braço curto tem, outro estendido,
Por manjar gosta hum coração partido.

XXXV.

Eu pensando commigo estremo tanto,
De que nunca noticia, e fama tive,
Os passos suspendi parado, e em quanto
Todos a mi chegavão, me detive:
Foi causa principal de meu espanto,
Ver como em tal lugar gente não vive,
E como estão as cousas tanto ao vivo,
Que com ellas não possa o tempo esquivo.

XXXVI.

Não sei, dice, que cuide, e que imagine
De cousa para mi tam nova, e rara,
Tendo tantas razões, a que me incline
Para as difficuldades, que declara:
Se ser natural Ilha determine,
Quem gosa esta estranheza? quem prepara
Estas figuras, e o Jardim cultiva?
Estas fontes appura, e agoa deriva?

XXXVII.

Se fantastica, e vãa, para que intento?
Que ou ha de ser do Inferno, ou do Ceo traça?
O Ceo não faz igual contentamento,
Com este o Inferno só pouco embaraça:
Não falta quem me solte o pensamento,
E facilmente a duvida desfaça,
Que sitio pode ser sempre encuberto,
E a gente que o habita estará perto.

XXXVIII.

Ex que subitamente se levantão
Das sombras deleitosas Nymphas bellas,
Que tanto de repente nos espantão,
Que ficamos pendendo á vista dellas:
Os corações nos peitos se quebrantão,
Tornão-se ao rostro as cores amarellas,
Os córpos tremem, tanto obriga, e agrada
Huma belleza tal posta em sillada.

XXXIX.

Quaes se nos mostrão sem alheio ornato,
N'aquelle natural adorno, e graça,
Que fez a Natureza, por mais grato,
Que quanto a industria humana inventa, e traça:
Naquelle primo, e singular retrato,
Que para que nas cores satisfaça,
Á purpura as roubou, e á branca neve,
Do fino anil as linhas azuis teve.

XL.

Quaes com mais artificio se appresentão,
Por se accender de amor mais o cuidado,
E hum fino veo de branca seda inventão,
Sobre o cristal quasi ao desdem lançado:
Em cima do hombro esquerdo alli o assentão,
Por baixo do direito vem tomado,
Porque tenhão que ver quando dezejão,
Que dezejar os olhos, quando vejão.

XLI.

Quaes por garbo melhor, e honesto asseio,
(Que he nisto grande embuste a differença)
Solto das nuves d'ouro o grato enleio,
Cair as deixão sem remate, e trença:
Abertas vão a partes pelo meio,
Co'a viração, que as trata sem offensa,
Descobrindo, e cobrindo juntamente,
Hum bem presente agora, agora ausente.

XLII.

Parece cada qual huma pequena
Montanheta de neve coroada,
Que do Sol bello na manhàa serena,
Foi para maior graça visitada:
Ella está branca, e pura, e o Sol lhe ordena
Por cima outra côr d'ouro acrescentada,
Mas esta dura pouco, inda que bella,
Que a neve acaba, dura sempre aquella.

XLIII.

Logo em varios deleites occuparam,
Assim os passos como o pensamento,
Estas alegres jogos começaram
D'invenção nova, e d'amoroso intento:
Humas passeão, outras se assentaram,
Em practicas íguaes ao sentimento,
Outras páram suspensas, e cuidosas
Co'a mão na face, mas em tudo airosas.

XLIV.

Outras, no rigozijo peregrinas,
Que ardia então a calurosa sesta,
Se vão banhar nas agoas cristalinas,
Com ledo movimento, e alegre festa:
Outras, das Rosas, Flores, e Boninas
Tecem mil ramilhetes na Floresta,
Quaes para serem bellas sobre bellas,
As cabeças adornão de Capellas.

XLV.

Isto bastava a encher-lhe as esperanças
De lhes rendermos alma em sacrificio,
Mas outras sobre a fresca relva, em danças
Curiosas, entendem no arteficio,
Assi de braços, como de mudanças,
Quebros de corpo, fervido exercicio,
Quaes igualmente coros dividindo,
Os passos vão com musica seguindo.

XLVI.

Louvores excellentes canta hum Coro,
Do moço cego juntamente alado,
Que a tantos causa foi de amargo choro,
Nas mãos com arco, e com aljava ao lado:
Outro o poder da Mãi, e antigo foro,
Que nos peitos humanos tem ganhado,
E como celebrada em tempos era,
De Cypro, Idalio, Paphos, e Cythera.

XLVII.

O primeiro, que a vista incauto empresta,
Logo trás ella o coração perdido,
Foi Bernardo, e os affeitos manifesta
C'hum grito, que de todos foi ouvido:
Ah, diz, quam deleitosa parte he esta,
Que terreno entre todos escolhido,
Que aventuras, que goso aqui se ordena,
A quem sente de amor a doce pena!

XLVIII.

Feliz seja mil vezes a tormenta,
Causa de hum bem jámais imaginado,
Bem dizem, que quem males exprimenta,
Lhe espera hum fim ditoso, e alegre estado:
Bem se enganava, o que consigo assenta,
Contra nós ter-se o Inferno conjurado,
Pois aqui nos guiou, e quando seja
Mais presto a paga vio do que dezeja.

XLIX.

Igual empreza he esta, igual fortuna,
Que a que vamos buscando incertamente,
Por huma leve gloria, que importuna
Espritos vãos á louca, e cega gente:
E pois em parte estamos opportuna
Para doce repouso, e differente
De quantos ha por outras, descansemos,
E do intento de Arzilla não curemos.

L.

Isto dizia o nescio, e não sabia
Cego já c'os deleites, e offuscado,
Que estes o Inferno astuto offerecia,
Inda por mór perigo, que o passado:
E quem nelles emprego aqui fazia
De outros maiores ha de ser privado,
Com que Deos ab eterno só convida
A quem desprezar soube estes da vida.

LI.

Nisto arrimada a hum tronco de viçosa
Hera enlazado, vimos, que tocava
Hum Laud, huma Nympha tam fermosa,
Que entre todas as mais se avantajava:
E c'huma voz tam branda, e amorosa,
Que os ares parecia que inflammava,
Interrompendo a vezes a armonia
Do saudoso instrumento, assi dizia.

LII.

Se a vida he breve, e o tempo avaro foje,
Nada se leva, tudo cá nos fica,
Quem ha tam descuidado, que se enoje
Estando a Terra de prazeres rica:
O siso he lançar mão dos gostos oje,
Que amanhãa vem a morte, e as mãos applica
A quanto não gosou a idade verde,
E só então se conhece o que se perde.

LIII.

Em quanto ferve o sangue, e o vigor dura,
As paixões, e appetites tem viveza,
Gosemos o melhor da fermosura,
Que deu para se dar a Natureza:
Que peito ha tam isento de brandura,
Que não conheça o dom de huma belleza?
Quem pode resistir a hum doce, e brando
Quebrar de olhos, que as almas vai roubando?

LIV.

Entre tudo o que cá no Mundo agrada,
Esta sorte só coube á fermosura,
Ser cousa mais querida, e mais amada,
Por quem tudo se arrisca, e se aventura:
Venus de apaixonados celebrada,
Seu nome, e fama eternizar procura,
E com razão se fez tal conta della,
Que tudo merecia por ser bella.

LV.

Bem ouvistes o caso dos Troianos,
(Inda oje entre nós vive esta memoria)
O porfiado cerco de dez annos,
Que deu motivo á celebrada Historia:
Os destorsos, incendios, mortes, danos,
Em que em fim se desfez aquella gloria,
Todo mundo revolto, e tudo ordena
Huma amorosa pretenção de Helena.

LVI.

A Corintho levai o pensamento,
Onde o nome de Lais se conhece,
Cuidado singular, commum tormento,
De quem tanta belleza olhar merece:
O mais altivo, e nobre entendimento
A liberdade d'alma lhe offerece,
Demosthenes o diga, em Letras claro,
Não de dezejos, mas do preço avaro.

LVII.

Que forte foi no mundo conhecido,
Que foro á fermosura não pagasse?
Tendo, que por covarde fosse tido,
Se contra ella valente se mostrasse:
Vede Marte ferós embravescido,
Quantos combates amorosos passe,
E já c'o furto deleitoso ufano,
Não faz caso das redes de Vulcano.

LVIII.

Vede Hercules famoso, cujos braços,
Que a Leões ferocissimos domaram,
E teveram por riso os ameaços
Das Serpentes Lernéas, que mataram:
De sorte nos suavissimos abraços
Da bellissima Omphale s'enredaram,
Que domador de Feras não parece,
Mas como branda cera s'enternece.

LIX.

E vós a quem ventura trouxe a parte,
Onde os deleites ha, que se dezejão,
Bens a olho escolhei, que não reparte
Avara mão, mas todos vos sobejão:
Eu fico, que daqui vos não aparte,
Lembrança d'outros, que maiores sejão,
Se huma vez os gostais, que vos detendes,
Se quanto amar se pode á vista tendes?

LX.

Isto dizendo com passeo airoso,
Pelo sombrio bosque se escondia,
C'hum fingimento, e furto cautelloso,
Como que em parte cara se vendia:
Já representa hum pejo vergonhoso,
Já se facilitava, e promettia,
Se a não seguem se pára, e vai detendo,
E se a seguem se appressa, e vai correndo.

LXI.

Já no pé de alabastro, e bella planta,
Se magôa de industria, e se confrange,
Ora meio caida se levanta,
E finge, que o temor cego a constrange:
Já se trespassa toda, já se espanta,
Como que alguem co'a mão a toca, e abrange,
Que invenções, e melindres semelhantes
São feitiços das almas inconstantes.

LXII.

Nisto já perto della hia Bernardo,
Custumado a que nesta empreza insista,
O peito me passou pungente dardo
De exemplo perigoso tanto á vista:
Hum pensamento cego diz, que tardo,
Outro me diz, me vença, e lhe resista,
N'hum mesmo instante fujo, e logo sigo,
Reprovo, e approvo logo meu perigo.

LXIII.

Lembrou-me a confusão, que alli teria,
Se fezera discurso o Pai primeiro,
Quando o pomo a molher lhe offerecia,
E lhe lembra o preceito verdadeiro:
Desagrada á molher se não comia,
A Deos se come, antes estava inteiro,
Já partido se vê, facillitando,
O que consigo vai difficultando.

LXIV.

Em quanto assi me vejo indifferente,
Nestes embates, e balanços varios,
Olhei, como se avia a minha gente,
Nova em conflictos tanto extraordinarios.
Vejo em todos hum pallido accidente,
A paixão mesma, effeitos não contrarios,
E notei, que respeito me guardavão,
E meu primeiro transito esperavão.

LXV.

Estavamos assi quasi rendidos
Da vista, e voz suave da Serea,
Que a todos trastornou logo os sentidos,
Que o mais forte de nós mal se refrea:
Quando trás huns suspiros, e gemidos,
D'alma soltos de sentimento chea,
Grandes brados alli perto soaram,
Que de novo outra vez nos alteraram.

LXVI.

Os olhos para aquella parte démos,
Donde para nós vinha o tom pesado,
Por pouco espaço assi nos detevémos,
Quando chegou a nós Pedro appressado:
Devida reverencia lhe fezémos,
Mas elle co'a paixão de seu cuidado,
O coração de zelo ardente fragoa,
Rompeo nestas razões d'espanto, e magoa.

LXVII.

Filhos, como de mi vos apartastes
Tanto sem tino para tantos danos?
Que logo em minha ausencia exprimentastes,
Deixando-vos levar de taes enganos?
Sentistes-me adormido, e me deixastes,
O somno he pezo de cansados annos,
E nelle cáe, o que melhor vigia,
Mas quem de mi se aparta mal se guia:

LXVIII.

Podéreis trabalhar por despertar-me,
Estas silladas eu as descobrira,
Mas inda a tempo o Ceo quiz ajudar-me,
Que sem favores seus inda dormira:
Huma luz nova veio alumear-me
Do Arco celeste, que vigor me inspira,
Vede, que sorte, vede que ventura,
Hum pé no mar, em mim outro affigura?

LXIX.

Despertei logo, e vendo as Náos sem gente,
Os males receei, que vejo agora,
Tornai Filhos em vós, que não consente
Em taes dezejos, quem a CHRISTO adora:
Se a vida he breve, se ligeiramente
Corre o tempo, nem sempre cá se mora,
Por hum gosto tam breve não se impida,
Hum gosto eterno de huma eterna vida.

LXX.

E se tanto a belleza vos sogeita,
Que sempre estraga a idade fugitiva,
Cujo sogeito o mais curioso engeita,
Qual flor, que enxovalhou a mão esquiva:
D'outra mais estremada, e mais perfeita,
Tornai a liberdade, e alma cattiva,
Amor, amor d'aquella fermosura,
Que nunca o tempo acaba, e sempre dura.

LXXI.

Esta, como principio nunca teve,
E fim per natureza desconhece,
Tambem nunca tributo ao tempo deve,
Por ser hum ser, que sempre permanece:
Esta só debuxando ao vivo esteve
Tudo o que bello, e grato nos parece,
E se por ella só nos não perdemos,
He porque menos cremos, do que vemos.

LXXII.

Hum conselho tomai muito acertado,
Que em semelhantes casos aproveita,
Nunca seja de vós considerado,
O gosto na figura em que se aceita:
Mas naquella, que leva já gosado,
E julgareis, quam pouco vos deleita,
Que por isso se pintão as Sereas,
No rostro bellas, e na cauda feas.

LXXIII.

Nem tenhais por ventura, e sorte boa
Chegar onde vos guia o humano imigo,
Que onde alma indignamente se affeiçoa,
Lugar he de temor, e de perigo:
E bens dados debalde, ou a pessoa
He suspeita, e cautella traz consigo,
Ou elles são tam vis de qualidade,
Que na venda haverá difficuldade.

LXXIV.

Nem de exemplos useis vituperados
Em lei de qualquer livre entendimento,
Só para doce fabula inventados,
Que a sensuaes enleve o pensamento:
E se aquelles por fortes são julgados,
Não teveram porem conhecimento,
Que era de hum forte a mais famosa empreza,
Executar consigo a fortaleza.

LXXV.

Em quanto ferve o sangue, e a verde idade
Acha paixões, com quem ande em batalha,
Sabei vencer, e usar desta verdade,
Que a manhãa vem a morte, e tudo atalha;
Ninguem pode alcançar felicidade
Se contra os appetites não trabalha,
E pois sem mi viestes ao perigo,
Delle agora sabei fugir commigo.

LXXVI.

Isto dizendo, logo as costas vira,
Nós após elle quasi envergonhados,
O proprio pejo, e asco nos retira,
Dos gostos vãos alli representados:
Qual das Nymphas trás nós chora, e suspira,
Qual mil queixumes diz enamorados,
Mas voz, que já soara docemente,
Silvo agora parece de Serpente.

LXXVII.

Só Bernardo enlevado em seu deleite,
Inda que a Pedro lastimar se ouvia,
Por hum vão parecer, e falso affeite,
Deixava o que melhor lhe parecia:
Esteve duvidoso se regeite,
Se vá seguindo nossa companhia,
Mas affagos, e mimos lisongeiros,
Enganão desenganos verdadeiros.

LXXVIII.

Eu vi quasi voltar, estando attento,
O triste moço já deliberado
A dar de mão a seu contentamento,
Para perpetuo amargo alli provado:
E logo, como quem segue outro intento,
C'os olhos para trás ficar parado,
Que a Maga Cyrce, que seu damno traça,
Com magoas amorosas o embaraça.

LXXIX.

Mas nós com pressa tal nos embarcamos,
Como quem de Leões bravos fugia,
As velas sobre os mastos levantamos,
Com branda viração, que então corria:
Não longe do lugar nos apartamos,
(E por longe nenhum se julgaria)
Quando o Echo ouvimos de mortaes estremos,
E Bernardo na praia conhecemos.

LXXX.

Amigos, diz, e as vozes acompanha
C'os braços, e continuo movimento,
Como assi me deixais em terra estranha,
Sem mostrardes hum leve sentimento?
Que, pois minha cegueira foi tamanha,
Que me deixei levar de hum pensamento
Causado de huma vista, a vós convinha
Desatardes o nó, que me retinha.

LXXXI.

Confesso, que o conselho vivo, ardente,
Com que Pedro vos torna ao proprio centro,
Ás portas me bateo forçosamente
Dest'alma triste, que cerrei por dentro:
Mas agora, que já vejo presente
Meu damno, em mi de novo outra vez entro,
Agora reconheço arrependido,
Porque apparencias vãas andei perdido.

LXXXII.

Bem vejo, quam custosa a quem vai fora
De tal perigo a volta lhe seria,
Porem julgai se em vós piedade mora
Quanto esse não voltar me custaria:
Quiz mandar socorrello sem demora,
Quando tudo o que agora apparecia
Tanto ao vivo, cuberto d'agoa vimos,
E com temor, e espanto nos partimos.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO SEPTIMO.

I.

Poz o Principe fim á nova Historia,
Enchendo a todos de sobejo espanto,
E aquella julgão por maior victoria,
Que esta de Arzilla, que lhes custa tanto:
Que inda fazendo alli da Ilha memoria,
Dos deliquios de amor, lascivo canto
Das Nymphas, só com ser imaginado,
Lhes fere os corações hum vão cuidado.

II.

Já das profundas ondas a luz nova,
Vinha alegrando o Mundo escuro, e triste,
O Mar de côr cerulea se renova,
Contudo a noite negra inda resiste:
Quando Affonso começa a fazer prova
Do esforço, que nos seus inteiro assiste,
Tocam arma, e com animo, e constancia
Cadaqual vai buscando sua stancia,

III.

Este das ricas peças de aço fino
Armado todo ao risco se appresenta,
Qual nos hombros o pezo Zazerino,
Qual fortissimas laminas assenta:
Aquelle cobre o couro peregrino
De Ante fera, ao mais duro golpe isenta,
Tambem ferve nas Náos bellico trato,
Para terror do Imigo, e proprio ornato.

IV.

Pelas mais altas vergas tremolando
Estão mil Estandartes, e Bandeiras,
Nas cores differentes declarando
As tenções dos Senhores verdadeiras:
Humas esforço, e brio estão mostrando,
Outras tambem d'amor são mensageiras,
Que magoas d'alma, que d'amor suspira,
Pois tambem suspirou, nem Marte as tira.

V.

Qual toda está da côr candida, e pura,
Que o animal, que pasce do ar despreza,
Que quem de formas varias se affigura,
Mal pode ser amante da pureza:
Denotando na côr o que a procura
A sobeja alegria desta empreza,
Que á Deosa Ceres (por alegre auspicio)
Nesta cor lhe fazião sacrificio.

VI.

Qual vai da cor, de que Perseo se paga,
Na fermosa Ethyopisa, que o cattiva,
Que a graça, e luz dos olhos não lhe appaga,
De estado tam cruel, a sorte esquiva:
E como he cor a quem nenhuma estraga
Sendo ella a que da sua a todas priva,
Denota segurança nos perigos,
E firmeza immudavel contra imigos.

VII.

Outros, que só para notar nasceram,
Lhe chamão de infortunios nunciadora,
Que esta cor, de que as velas mostra deram,
Foi da morte de Minos causadora:
Outros cor de maldade lhe oppuseram,
Porque della a monstrosa Sphynge fora,
E das Harpyas o maior veneno,
Desta cor se chamou, dira Celeno.

VIII.

Qual vai da cor, de que se adorna, e cobre
O Ceo, quando sem véo se mostra ao Mundo,
Que nos olhos ceruleos se descobre
Do Rei, que teve em sorte o Mar profundo.
Esta denota hum pensamento nobre,
Levado a qualquer feito sem segundo,
Que sempre aspira a cousas soberanas,
Divinas commummente mais que humanas.

IX.

Entre os que bebem desse Egypcio Rio,
Rico ornamento desta cor usava
O Sacerdote de Isis, que foi Io,
Quando mudada n'outro ser andava:
Para que o coração devoto, e pio
Erguesse ao Ceo, que a côr o stimulava,
E porque teme, quem cousa alta emprende,
De sospeita, e temor tambem s'entende.

X.

Qual vai da bella côr, que a rosa empresta
Ás faces da Donzella delicada,
Antes que ousado pé lhe entre a Floresta,
E de atrevida mão seja tocada:
Co'a muita semelhança, que tem esta
Co'a carne humana, chamão-lhe encarnada,
Cor he de amantes miseros, que moram
Transformados no ser do bem que adoram.

XI.

He côr daquelles, que a vontade propia
A hum falso parecer sogeita e rende,
Seguindo aquelle bem, qual Elytropia
Os caminhos do Sol seguir pretende:
Ou suba ardendo aos climas d'Ethiopia,
Ou desça, quando já menos se accende,
E como Salamandra se sustenta
Do mesmo fogo seu, que o atormenta.

XII.

Qual vai da cor, que a Purpura vomita
Primeiro dom de Alcides, presa a rogo
Da bella Nympha, que traz n'alma escrita,
Que rendido de amor satisfez logo:
Esta, porque a do sangue humano imita,
De vingança cruel accende o fogo,
Desta teme o Leão, que nada teme,
Co'esta se sobresalta o Touro, e geme.

XIII.

Outro cor de covardes a intrepreta,
Que tinta desta côr o estribo tinha
Diana, e a Deosa da amorosa seta,
Quando na alegre caça s'entretinha:
Por se não descobrir a dor secreta
C'o sangue, se a picou pungente espinha,
E co'elle desmaiada, e esmorecida,
De seguir deixe a caça, já seguida.

XIV.

Qual vai da alegre côr, de que tapisa
O Campo por Abril a Primavera,
De que as pennas o passaro matisa,
Que em imitar a humana voz s'esmera:
He côr d'enamorados, que divisa
O dezejo do bem, que inda s'espera,
Que tanto que de verde as plantas vemos,
Esperança de flor, e fruito temos.

XV.

Outro a chama esperança já perdida,
O que pelos Antigos se provava,
Que a vela nos altares encendida,
N'hum verde ramo aberto posta estava:
Era sinal d'estar já consumida
Tanto que áquelle verde a luz chegava,
E c'os mortos, que já nada esperavão,
Fermosas Esmeraldas sepultavão.

XVI.

Rompia o Sol nos Orizontes altos
Co'a Lampada do mar inda orvalhada,
E sente Arzilla novos sobresaltos
Co'a vista horrenda da inimiga Armada:
Affonso custumado a taes assaltos,
A quem a mór presteza sempre agrada,
Lançar em terra gente determina,
E co'esta voz os animos lhe inclina.

XVII.

Já companheiros meus á vista estamos
D'aquella tanto dezejada praia,
Que por perigos taes buscando andamos,
Quaes contra nós do Inferno a enveja ensaia:
O que resta do muito que acabamos
O mais he, mas se o spirito desmaia,
Anime-se, que tanto he já passado,
Que por menos o mais será julgado.

XVIII.

Contrastar-nos théqui o humano Imigo,
Podia conjurando o mar, e o vento,
Agora no presente, e mór perigo,
O mais que pode, he ter damnado intento.
O bom successo está no esforço antigo,
D'hum peito Portuguez de medo isento,
E no favor do braço soberano,
Que acode em seu serviço a todo humano.

XIX.

Nisto ordem que por elle dada estava,
A famosos Varões em paz, e em guerra,
Cadaqual das Náos altas se lançava
Em leves Barcos, por tomarem terra:
Com força singular, com furia brava,
O que he mais Principal do remo afferra,
Que onde ha maior nobreza, ha mór cubiça
De interesse immortal, com que se atiça.

XX.

Sette legoas do Estreito, pela Costa,
Que o mar Herculeo para o Sul estende,
Dentro n'hum seio de arrecife posta,
Com alto muro Arzilla se defende:
Enseada a naufragios tam disposta,
(Por mil bancos de area com que offende,)
Que altos Navios nunca Porto cobram,
E os pequenos a vezes se çoçobram.

XXI.

Correm tanto as areas, que levantão
As ondas desiguaes com qualquer vento,
Que os que alli são mais practicos s'espantão,
Como podem chegar a salvamento:
Os Naturaes naufragios tristes cantão
De mil Armadas, de inimigo intento,
E s'estes baixos forem bem passados,
Tradição tem que serão logo entrados.

XXII.

Aqui c'os rolos horridos lutavão
Os pequenos bateis, com força, e manha,
Mas quanto mais contra elles contrastavão,
Tanto esta empreza achavão mais estranha:
Quanto mais para a terra se chegavão,
Tanto mais furioso o mar se assanha,
Que esta Fera onde a terra está mais alta,
Alli se ensoberbece, e ás nuves salta.

XXIII.

A confusão he tanta, que não sabe
Que via o mais exprimentado siga,
Que onde via não ha, nem força cabe,
Nem nova industria val, nem arte antiga:
A qualquer onda temem, que se acabe
Com seu damno o temor de gente imiga,
E agora julgão ser mór segurança,
Tormenta em alto mar, que aqui bonança.

XXIV.

Affonso, que vigia da alta proa
O successo, que cáe a seus soldados,
Ouvindo o clamor dissono, que soa,
Sinal, que quasi estão desanimados:
Determina ajudallos em pessoa,
Não consentindo vellos arriscados,
E por suprir co'a pressa tanta falta,
N'hum Vergantim pequeno da Náo salta.

XXV.

O Principe trás elle se arremessa,
Que nada com seu pai lhe faz espanto,
Segue Dom João Coutinho a mesma pressa,
C'o filho charo o Conde de Monsanto:
Dom Affonso não fica, que professa
Não faltar em perigo, e rigor tanto,
E porque Ondas no Escudo lhe notaram,
Cavalleiro das Ondas lhe chamaram.

XXVI.

Salta logo o invencivel Dom Fernando,
Lustre de Guimarães, e de Bragança,
A quem vai Ruy de Mello acompanhando
Com não menos presteza, e segurança:
Não vai o ardente orgulho dilatando,
(Que jámais consentio breve tardança)
E succedendo vai nas mesmas vezes,
Dom Anrique famoso de Menezes.

XXVII.

Mettem remos, e vela, e tam ligeiro
Abre caminho o concavo Navio,
Que em breve, o que no mais era primeiro,
Alcançou do lugar o senhorio:
Muitos os remos são, elle rastreiro,
As mãos, que o regem, de vergonha, e brio,
O mesmo mar parece lhe abre a vea,
E torna em valles a montuosa area.

XXVIII.

Quiz a ventura, ou isto o Ceo lhe tinha
Guardado, por remedio em tal perigo,
Que alli por onde o leve lenho vinha,
Foi dar n'hum calle de segredo antigo:
Sonda Affonso a parage, mas da linha
De immensas braças, nada achou consigo,
Lugar na profundeza he sem segundo,
Onde a experiencia diz não se achar fundo.

XXIX.

Aqui corre agoa mansa, e o mar não brama,
Seguro o Barco vai, que aqui tem dado,
Affonso então com brados altos clama,
Dando novas d'hum bem pouco esperado:
A todos por seu nome d'aqui chama,
Que obriga muito, quando he declarado,
E porque de o seguirem desconfia,
Estas razões formadas lhes dizia.

XXX.

Segui-me amigos nesta via estreita,
Onde agoa corre mais humilde, e mansa,
Esta he a mais segura, e mais direita,
Por esta a praia, que buscais, se alcança:
Aqui fica do mar logo desfeita
Essa soberba vãa, aqui se amansa,
E se temeis perigo ao fraco lenho,
Bem vedes, que caminho aberto tenho.

XXXI.

Cadaqual co'esta voz assi desperta,
Que novo alento, e vigor novo cobra,
De novo com mais força o remo aperta,
E para alli forçado o Barco dobra:
Dest'arte deram na Carreira certa,
Que hum nobre exemplo maravilhas obra,
E seguindo o de Affonso, que os ensaia,
Lançaram todos anchora na praia.

XXXII.

Como quando o Pastor no Inverno frio
Buscar pretende pasto melhorado
Para outra parte, alem d'hum grande Rio,
Pára nas ripas delle triste o Gado:
Parece-lhe a outra terra n'hum desvio
Longe, está c'o temor d'agoa assombrado,
Mas se hum Touro fez váo, logo se abranda
O medo, e passão todos d'outra banda.

XXXIII.

Já neste tempo a terra se cobria
De gente, de impio zelo, e de odio aceza,
Que a defender a praia concorria,
Primeiro ensaio da famosa empreza:
Suster-se o impetu grande não podia,
Que como agoas, que saem d'alta preza
Levando pedras, plantas arrancando,
Dest'arte se arremessa o negro Bando.

XXXIV.

Nem tantos o Monte Hybla enxames cria
De abelhas, que de Flores o despojão,
Nem tantas caem com a entrada fria
Folhas no Outono, e as arvores enojão:
Nem tantos donde o Sol acaba o dia
Choveiros tristes Hyadas arrojão,
Nem tanta Ave do Strymon congellado
Pensa as neves c'o Nilo temperado.

XXXV.

A todos instimula hum odio imigo
De eterna dor, que nunca se consume,
Este leve lhes faz o mór perigo,
E os arma contra nós já por custume:
Lembrança tem daquelle tempo antigo,
Em que se viram no mais alto cume
De gloria, que jámais Africa ganha,
Gosando os Campos fertiles de Hespanha.

XXXVI.

Lembrão-se, que Senhores já se viram
De bens, que para sempre tem perdidos,
E como d'esperança tal cairam,
Não sofrem de nós serem possuidos:
Isto sentem, por isto só suspiram,
Nem se verão jámais arrependidos,
Armando mil silladas, mil enganos,
Por vingança dos seus, com nossos danos.

XXXVII.

Que lingua poderá metter á conta
Os dardos, que das mãos arremessaram,
E os muitos, que com fina aguda ponta
Sem resistencia alguma, atravessaram:
Com menos settas na travada affronta
A luz Phebêa os Parthos offuscaram,
Ou fronte a fronte estejão resistindo,
Ou com temor, e manha vão fugindo.

XXXVIII.

Com este assombramento ferreo, escuro
Perdendo a cor, o mais covarde enfia,
Porém o coração mais forte, e duro
Está por vãa julgando esta profia:
Que encontros taes n'hum animo seguro
Nunca são de vigor, nem de valia,
Antes, quanto maior vehemencia trazem,
Com maior resistencia se desfazem.

XXXIX.

Esta dos nossos no alto muro acharam,
Que de seus peitos levantado tinhão,
E rebatidos para trás tornaram
Com outro impetu igual ao com que vinhão:
Bem como no profundo mar se armaram
Ondas, que contra a rocha alta caminhão,
E no ponto, que nella o encontro deram,
Desfeitas outra vez ao mar vieram.

XL.

Mas o soberbo, e bravo Tenebronte
Dos seus vendo de longe a covardia,
Com medonho terror posto defronte,
Estas palavras horridas dizia:
He possivel, que gente vos affronte
Infame, e vil em minha companhia?
Que assi desanimeis á minha vista?
Que aja quem vos despreze, e vos resista?

XLI.

Não conheceis o temeroso brio
Daquelle, que jámais teve segundo?
Não vedes quantos rendo ao senhorio
Deste braço cruel e furibundo?
Não sabeis, que tirei a desafio
O mais forte Varão, que houve no Mundo?
Levanto o Mar ao Ceo, a Terra escallo,
Não poderei fazer na gente aballo?

XLII.

Cego, que ser mais forte não sabia,
Que o Mar, e Terra hum forte peito humano,
E que fazer mais facil lhe seria
Dano nestes, que neste fazer dano:
Mas da soberba antiga lhe nascia
Ter confiança neste falso engano,
Soberbo foi, soberbo está presente,
E soberbo ha de ser eternamente.

XLIII.

Este Vassallo foi de muita estima
D'hum Senhor, lá das partes do Oriente,
Potente Rei do mais suave clima,
Que gosa no universo humana gente:
Nuve que offusca, vento que lastima,
Não corre aqui, só Zephyro clemente
Encrespa as agoas, spira na Bonina,
Habitão Seres a região divina.

XLIV.

Aqui gosava este soberbo a vida
Em deleites d'estranha suavidade,
Sendo a pessoa mais ennobrecida
Do Reino, e de maior autoridade:
A sciencia era tam alta, e tam subida,
Que facilmente alcança a magestade
Dos maiores segredos, na belleza
Não fez igual jámais a Natureza.

XLV.

Mas pouco soube conservar o Estado
A que tinha subido por ventura,
Que c'os muitos favores alterado
Contra o seu proprio Rei se arma, e conjura:
Assentar-se no Solio, e regio Estrado,
E ficar no governo igual procura,
Mas c'os sequases teve seu castigo,
Ficando de seu Rei eterno imigo.

XLVI.

Vio-se da gloria, que n'hum ponto ganha
Caido para sempre n'hum momento,
E desterrado para parte estranha,
Onde oje mostra seu furor violento:
Pelle traz d'hum Dragão, que na montanha
De Tartaria mattou, por ornamento,
Outro Animal enfreia, de figura
Estranha, e d'espantosa compostura.

XLVII.

Cobre de conchas este o corpo horrendo,
O collo inquieto traz sempre arrogante,
O stridor, que c'os dentes vai fazendo,
Causa temor ao animo inconstante:
Pela boca lhe sáe fogo ardendo,
A cauda a hum gram Cypreste he semelhante,
Fumo das ventas fetido vomita,
A luz dos olhos a do Sol imita.

XLVIII.

Ante elle a perdição, e estrago corre,
Tudo por onde vai se lhe somette,
Mas o forte Fernando, que discorre
O Campo, e a todas partes acomette:
Vendo como no encontro este lhe occorre,
Com furor desigual logo arremette,
Dizendo a vozes altas, fero Imigo,
Ufano estou, por me encontrar contigo.

XLIX.

Não sabes, que conheço essa arrogancia,
Essas carrancas vãas, que em vento param?
Que não tem mais vigor, nem mais sustancia,
Que aquella, que covardes lhe causaram:
Se vens exprimentar minha constancia
Com temores, que a muitos assombraram,
Espera, que es Leão para hum covarde,
Mas vil formiga, para quem te aguarde.

L.

Ó quanto pode hum animo arriscado
Que nada teme, d'hum varão constante!
Ex Tenebronte fero amedrentado
Está tremendo, como fraco Infante:
As costas logo vira accelerado,
E Fernando no Campo está triumphante,
Os nossos animados co'esta gloria,
Seguindo vão contr'elles a victoria.

LI.

Vendo Affonso, que deixa o fero Imigo
O campo a salvo sem maior aballo,
E que em quanto não tem ordem consigo,
A gente reparada d'algum vallo:
Não he cautella boa, antes perigo
Ir outra vez trás elle a provocallo,
Contra a gente no alcance desmandada,
Dest'arte persuadia a retirada.

LII.

Animosos soldados, não vos faça
Hum bom successo tanta confiança,
Que a quem o campo vos desembaraça,
Vades a provocar á espada, e lança:
Quando o perigo não vos ameaça,
Nem vós o stimuleis com segurança,
Que facilmente vos vereis vencidos,
Se provocardes os que vão fugidos.

LIII.

Em quanto estamos sem seguro abrigo,
Tudo he temeridade, e desconcerto,
E repairar primeiro acerto antigo,
Para colheita de qualquer aperto:
Despois de fortes rompereis commigo
Com maior segurança, e mais concerto,
Por meio destes inimigos bravos,
Sogeitos á penosa Ley d'escravos.

LIV.

Todos á voz primeira refrearam
Aquelle desigual comettimento,
E por obedecer logo pararam,
Que nisto trazem sempre o pensamento;
Como contra o Troiano conjuraram
Os mares c'o furor do irado vento,
E da maior braveza descairam,
Tanto que os brados de Neptuno ouviram.

LV.

Estas razões porém pouco acabaram
Com dous mancebos na amisade antigos,
Que mostrar entre si deliberaram,
Quanto fossem de fama, e de honra amigos:
Termos de merecer novos traçaram,
Que não se pagão dos communs perigos,
E posto que arriscar-se a vida entendem,
Nada lhes difficulta o que pretendem.

LVI.

Hum se diz Azevedo, outro Soares,
Ambos d'hum sangue, e d'huma mesma idade,
Ambos d'hum mesmo clima, ambos d'huns ares,
Ambos d'hum coração, d'huma vontade:
Ambos de mil virtudes singulares
Dotados, porque mais o feito agrade,
E antes que a praia Affonso tomar queira,
O Soares fallou desta maneira.

LVII.

Amigo meu cá n'alma se me imprime
Hum dezejo de gloria tam sobejo,
Que me move, a que pouco a vida estime,
O que farei, se dura este dezejo:
Espero, que este intento me sublime,
S'algum feliz successo oje lhe vejo,
E quando for contraria nisto a sorte,
Só intentallo cabe ao Varão forte.

LVIII.

Pretendo, se pusermos em fugida
Os inimigos, evidencias certas,
Seguir no alcance, e que ninguem me impida
Pelas Portas entrar, que vejo abertas:
E se for venturoso na saida,
Celebrar-se-ha meu nome, e mil offertas
Porei nos Templos, se ficar cattivo
A Deos livre serei, se morto, vivo.

LIX.

Que he contra os Infieis tam justa a guerra,
Que inda que o Varão forte arrisque o feito,
Se com zelo Christão o amor desterra
Da vida, a Deos será serviço aceito:
Mas desenho gentil, que o peito encerra,
Não pode ter sem vós honrado effeito,
E se trances, e mortes offereço,
Estas com vosco tem valia, e preço.

LX.

Pullava o coração ao companheiro,
E d'huma nobre enveja stimulado,
Sentindo está, porque não foi primeiro
Naquelle pensamento tam louvado:
Mas pretende não ser o derradeiro
Na entrada, por ficar co'elle igualladó,
E sem dar mais razão o amigo abraça,
Como que da mercê se satisfaça.

LXI.

Agora, que a sazão viram presente,
D'outros temida, delles dezejada,
Recompensando a passo diligente
De todo Campo a certa retirada:
Vão proseguindo temerariamente
Os impetus da furia começada,
E sós tamanha sombra aos Mouros fazem,
Como que inda a primeira forma trazem.

LXII.

Tal quando obedecendo ao senhorio
Da Lua varia, lá do intimo seio,
Pelo meio d'algum estreito Rio,
O curso da maré subindo veio:
Se a descair começa de seu brio
No principio do curso, ou já no meio,
A corrente porém d'agoa primeira,
Inda vai por diante na carreira.

LXIII.

Ao lado de Soares morto cáe
De Fatima Melique eterna pena,
A lhe vingar a morte ufano sáe
Albaialdos, e á morte elle o condena:
Pouco o esforço lhe val, que não desmáe
Çulema aos golpes, que Azevedo ordena,
O corpo sem cabeça a Tarfe deixa:
Por seu corpo a de Çaide ao ar se queixa.

LXIV.

Como dous segadores na Ceara,
Que sazoado tinha o ardente Estio,
Que de sua arte dando mostra clara,
A reto cortão sem fazer desvio:
Cadaqual se avantaja, nenhum pára
Levando ao cabo o começado fio,
Os cabellos d'hum lado, e d'outro a molhos,
Ceres amortecida alegra os olhos.

LXV.

Já tinham assombrado a grande Porta,
Que só para colheita aberta estava,
Quando a morte, que grandes brios corta,
Contra o forte Azevedo conjurava:
Que vendo Abdalla tanta gente morta,
Sendo a causa menor do que cuidava,
Por detrás lhe deu golpe tam pesado,
Que entre as Portas caio atravessado.

LXVI.

Consigo prohibio serem cerradas,
Inda que foi de muitos pretendido,
E do Soares foram logo entradas,
Que vingar quer o amigo amortecido:
Cáem porém sobr'elle taes lançadas,
E a ultima de Homar nunca vencido,
Que acompanhou na sorte o charo amigo,
Ficando a desventura sem castigo.

LXVII.

Não ficarão contudo sem memoria
Desterrado da morte o sentimento,
Que o resonante grito de tal gloria,
Desperta o trasportado esquecimento:
A pezar seu esta será notoria
Pelo Globo, que cobre o Firmamento,
E cantar-se-hão em tanto seus louvores,
Que o Mar der Pesces, der a Terra Flores.

LXVIII.

Do Erebo tenebroso a noite escura
Saindo vinha, onde co'a luz s'encerra,
A sombra dillatando, que mistura
O Ceo c'o Mar, e c'o Ar confuso a Terra:
As Cidades tambem co'a espessura,
C'o valle raso a levantada serra,
E c'o doce repouso, que trazia,
Hum silencio geral em tudo avia.

LXIX.

Vendo sazão Eudollo, que traçava
Hum geral damno a toda Armada, e Gente,
Os Capitães á Junta convocava,
Para que modo certo alli se assente:
Cadaqual o lugar logo buscava,
Que primeiro se quer achar presente,
E juntos já com voz de imperio cheia,
Da propria gloria trata, e affronta alheia.

LXX.

Bem vejo, que os ardîs, que usei thégora
Dos gostos vãos na Ilha imaginados,
D'algum Deos grande, que esta gente adora,
Foram desfeitos, e desbaratados:
Mas s'algum Sprito em mi potente mora,
Outros hei de intentar mais arriscados,
Que a machina quiçá, que a dous faz guerra,
C'o terceiro balanço irá por terra.

LXXI.

Pretendo nesta noite accommodada,
Que pelos ares corre secco vento,
Armar hum grande incendio a toda Armada,
Com que seja assolada n'hum momento:
Haverá confusão desordenada,
(Que acodir ha de ser primeiro intento)
Vós tende as armas promptas entretanto,
Dareis sobr'elles, fugirão d'espanto.

LXXII.

Nisto co'a Furia, que a seu lado assiste,
Logo d'entr'elles desapparecia,
E descendo ao Abismo escuro, e triste,
Na Fragoa hum funeral ramo accendia:
D'alli torna outra vez, que não desiste
Thé pôr por obra o intento, que trazia,
E hum vaso pelos ares derramando
Do Lethes, grande somno foi causando.

LXXIII.

Cairam d'improviso suspendidos
Quantos n'aquelle quarto vigiavão,
Só ficaram nas Popas advertidos,
Os Sanctos, de que as Náos se appellidavão:
Despois que vio Eudollo, que opprimidos
N'hum carregado esquecimento estavão,
As Náos e'o ramo ardente foi tocando,
E o fogo em vivas chammas atteando.

LXXIV.

Da terra fulgurar viram primeiro
O rapido Vulcano, e no perigo
Cuidando, que seria o derradeiro,
Começa Affonso a vacillar consigo:
Mas, como sempre está d'animo inteiro,
Rompe o segundo intento do Inimigo,
Mandando, que ninguem na ordem s'altere,
Antes em sua Stancia persevere.

LXXV.

Elle em tanto caminha com ligeira
Esquadra, e posto já na praia anima
Os Soldados valentes de maneira,
Que cadaqual o risco muito estima:
Não buscão pelo mar certa carreira,
Nem curão de bateis, tanto os lastima
Sua Armada abrasar-se, a nado acodem
Por verem se appagar o incendio podem.

LXXVI.

Porém Affonso usando d'outro meio
Mais poderoso, em terra debruçado,
Os olhos ergue c'hum Christão receio
Ao Ceo, que está d'estrellas matisado:
Ah Senhor, diz, neste apertado enleio
Usai do poder vosso custumado,
Que mais exprimentei da parte minha,
Quanto mais contra mim o Inferno tinha.

LXXVII.

Já n'huma cerração escura, e cega,
Pedi serenidade, e vós ma destes,
Pois vossa condição nada me nega,
E nas miserias nossas estais prestes:
Minha necessidade o rogo emprega
Contrario da mercê, que me fizestes,
Cerração peço agora, abrão-se os Ares,
E chovão mares d'agoa, sobre Mares.

LXXVIII.

Ó fé bastante a remover os Montes,
Reter os Rios na maior corrente!
Já se vão engrossando os Orizontes,
E já cerrar-se o Ceo c'o mar se sente:
Cáem das nuves arrojadas fontes,
Onde se affoga o bravo incendio ardente,
Em pago de tam alta maravilha,
Todo Campo arrojado a Deos se humilha.

LXXIX.

Mas não se vio despois pequeno estrago,
Que as mais das Náos com damno algũ ficaram,
E a que passou primeiro o ardente trago,
Perdida de seu numero choraram:
A gente se lançou no grande Lago,
E a nado quasi todos se salvaram,
E s'esta sem remedio em chammas arde,
Pouco val o remedio, que vem tarde.

LXXX.

Que com tanto furor foi atteando
A salitrada area de repente,
Que já quando agoa veio carregando
Pelos ares o fogo hia eminente:
Antes para se ir mais apoderando
Ella pasto lhe deu, Affonso sente
A desgraça que tanto o lastimara,
Como se toda Armada perigara.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO OCTAVO.

I.

Já pelos altos muros s'estendia
A Maura gente, a resistir constante,
E o novo Sol no fino aço firia,
Que o representa ao longe rutilante:
Entre todos galharda apparecia
Zara, c'hum elmo os raios do prestante
Rostro encobrindo, qual a nuve obscura
Do bello Sol assombra a fermosura.

II.

E pondo os olhos no concerto airoso,
Da Lusitana gente, affeiçoada
Ás grandezas do Reino valeroso,
(Historia por Abdalla recontada:)
E mais entregue ao nome deleitoso
Do Principe Dom João, nome que agrada
Por ser de graça cheio, e n'hum sugeito,
Que d'esperanças já lhe enchera o peito.

III.

Mostra-me Abdalla, diz, o Rei sublime,
Que por cattivo seu já conheceste,
E para que esta vista mais estime,
Mostra-me o Filho, que m'engrandeceste:
Que hum fogo n'alma, que se não reprime,
De longe ardendo vem, tu mo accendeste,
Para arriscar com elle em Campo a vida,
E n'alma se sorrio da voz fingida.

IV.

Que outra tenção a move, e d'outro Pharo
A luz seguindo vai, que a leva, e guia,
Que a fama deste Principe tam raro,
Nas almas, como a vista effeitos cria:
Abdalla lhe responde, o firme amparo,
Que estea a Lusitana Monarchia,
Aquelle he, porque a todos appareça,
Que leva sobre todos a Cabeça.

V.

O Principe, qual Choupo em vara verde,
Se ajunta á mão do Pai, que mais s'estima,
Digno sugeito, que as grandezas herde
Do tronco singular, a que se arrima:
O mais lugar, que o campo á vista perde,
Cobrem fortes Varões, correndo á cima
Grandes Senhores vão, como primeiros,
Despois Fidalgos, logo Cavalleiros.

VI.

Mas inda que a belleza convidava
Das armas, das emprezas differentes
Dos guerreiros, que Abdalla lhe mostrava;
A fazer quaesquer olhos mais contentes:
Zara porém no Principe parava,
Que nelle via cousas excellentes,
A que mais obrigada se rendia,
Que a quantas pelo Campo estranhas via.

VII.

E em quanto nelle attenta com a vista
Toda embebe o cansado pensamento,
Huma flamma invisibil a conquista,
Com que Amor lhe abrasou o peito isento:
Quer divertir-se, para que resista
A tam subita dor, e sentimento,
Mas quanto isto procura mais consigo,
Tanto s'entrega mais a seu perigo.

VIII.

Qual misera avezinha, a quem armado
No campo tinha o moço diligente,
Que entre o ramo de industria levantado,
A varinha inviscou occultamente:
Tanto que ella com vôo accelerado,
Fazendo pouso presos os pés sente,
Com as azas forceja, e em vão se cansa,
Que mais s'enreda, e já de fraca amansa.

IX.

A vezes furta os olhos cautamente
Para outra parte, e logo nelle os prega,
Torna a fazer-se força, e já consente,
Agora se retira, e já s'entrega:
Já se dezeja ausente, e já presente,
Nestas indifferenças alma emprega,
E se aquieta hum pouco, a sobresalta
Cuidar, que he vista sua pena, e falta.

X.

E como a vista enamorada altera,
Quando em meio se vê difficuldade,
Fugir intenta a pena tam severa,
Inda que a outra maior se persuade:
Para outra Stancia passa, e persevera
Nesta imaginação, e saudade,
E quanto divertir-se mais pretende,
Amor a envolve, e seu cuidado accende.

XI.

De cinquo grandes Portas rodeado
O muro Arzilla tem, de que se ajuda,
Na principal hum Lynce está pintado,
Celebre em fama pela vista aguda:
N'outra se mostra hum Cervo retratado,
Como que ao que sentio attento acuda,
Domestico animal sobr'outra assoma,
Como que o faro custumado toma.

XII.

N'outra, que desce lá para Occidente,
Que a gente mais custuma ir frequentando,
A forma tem d'hum Simio, que contente
Hum saboroso pomo está gostando:
Aquelle Animal n'outra, que presente
Consigo sempre a caza vai levando,
Cuja concha scabrosa, aspera, e dura,
Da bella Venus pisa a planta pura.

XIII.

N'huma parte do muro levantada
Huma Torre se mostra, em grande altura,
Que de tres Balluartes adornada
Forma huma apparatosa compostura:
Lá no meio a Mesquita celebrada,
Fortaleza tambem forte, e segura,
E com tanto artificio armada fica,
Que com todas as ruas communica.

XIV.

Inda fermosa a face está da guerra,
Tudo em concerto vai de parte a parte,
Inda o furor no bravo peito encerra,
Nem sabe a que armas favoreça Marte:
Inda co'a gente estranha folga a terra,
Em quanto por Varões insignes n'arte
Se repartem fileiras, e por conta,
Forte esquadrão se forma, e se confronta.

XV.

Sentio Bellona lá donde s'encerra
Este apparato, e a grave Tuba entôa,
Cujo horrendo clangor, que a paz desterra,
Os largos ares talha, e o mundo atrôa:
Arma, arma, tudo sôa, tudo guerra,
Sôa o mar guerra, guerra a terra sôa,
Dos valles repulsando nos outeiros,
Respondem guerra os Echos derradeiros.

XVI.

Aquelle, que nas redes de Vulcano
Preso se vio, armado de vingança,
Os olhos fogo, o rostro deshumano,
Arroja ás nuves a sanguina lança:
Deixou sinal (prognostico de dano)
Nos ares, que cortara, á semelhança
Do que escreve no mar a taboa leve,
Mas aquelle he de sangue, este agoa escreve.

XVII.

Esta influe no mais covarde peito
Fervor, sanha, furor, colera, e ira,
E no coração forte á gloria feito,
Maior esforço, e mór valor inspira:
Qual de Thelepho a lança, que sogeito
Já quasi á morte sem remedio espira,
Pela chaga outra vez entrando aberta,
O vigor lhe restaura, o alento esperta.

XVIII.

Quando lá pelas Portas cinquo abertas
Sae ao Campo tropel de gente armada,
Que com sobejo orgulho, e mostras certas
De valor, se arremessa arrebatada:
Bem como pelas bocas descubertas
Faz o Nilo no mar soberba entrada,
Tam furioso, e bravo, que parece,
Que o mesmo mar lhe deve, e lhe obedece.

XIX.

Não quiz aquelle dia Tenebronte
Vir ao Campo por dar aos Filhos gloria,
Sabendo, que á sua vista menos monte
Qualquer valor, que pretender memoria:
Dezeja cadaqual o Campo affronte,
E que por elles sós se aja a victoria,
E despois que presentes os avisa,
Para a Batalha, a todos dá divisa.

XX.

Ao mais velho de duas appresenta
Emprezas altas, hum famoso Escudo,
Aquella hum Basalisco representa,
De cujos silvos foje, e treme tudo:
Outra hum Falcão soberbo, que affugenta
As Aves, e o contorno deixa mudo,
Nem sofre, porque só Senhor pareça,
Que alguma nidifique, e a casa teça.

XXI.

Este era de seu Pai o mais querido,
E o que nos olhos traz sempre diante,
Tam alto na statura, e tam crescido,
Que em toda Africa he tido por Gigante:
Não ha Lei, que não tenha escarnecido,
Nem Ceo, nem Deos conhece de arrogante,
E s'algum Deos conhece, he sua espada,
Delle só nos perigos adorada.

XXII.

Menos soberbo foi o fulminado
Encelado, que nas entranhas fundas
Do Monte Etna, movendo cada lado
Faz ondear as flammas furibundas:
E menos Polyphemo desamado
Da bella Galatéa, que as profundas
Cavernas, discantando seu tormento,
Commovia c'o rustico instrumento.

XXIII.

Com a divisa logo o Pai incita
O segundo intractavel triste Mouro,
Que a que leva no Escudo d'aço escrita,
He Grypho em cima d'huma barra d'ouro.
Este, dizem, nas partes onde habita
O guarda, como seu proprio thesouro,
São muitos, e crueis, e avaramente
O querem defender da pobre gente.

XXIV.

Ao terceiro conforme á Natureza
Infame, e condição, que lhe conhece,
Por semelhante, e quasi igual empreza
Huma torpe lhe deu, como merece:
Ao quarto sente natural braveza,
E hum Javali spumoso lhe offerece,
Que quando já ferido se retira,
Pelo matto parece a propria ira.

XXV.

O quinto leva (por razão secreta)
Hum glotão Avestruz, que tudo traga,
O sexto a porfiada borboleta,
Que a luz da vela por enveja appaga:
E porque aos mais seu brio não someta
O menor sem divisa, n'alta fraga
Hum Usso recostado os pés lambendo,
Por sua, se durara, ficou tendo.

XXVI.

Ai que destorso, que espantoso estrago
Estes fazendo vão com braço urgente!
Deixando por detrás hum grande lago
De sangue, da mais fraca, e inutil gente:
Porém cedo terão seu justo pago,
Inda que agora lhes pareça ausente,
Mas em tanto, ai dos tristes, que lhes cáem
A lanço, que jámais com vida sáem.

XXVII.

Por todas partes discorrendo andava
Hum Brito valeroso, em sangue infido
A lança tinta, quando s'encontrava
C'hum Mouro d'armas brancas guarnecido:
Abentaful Azarque se chamava,
Por galhardo, e valente conhecido,
Da Mài unico filho se dizia,
E de sua velhice amparo, e guia.

XXVIII.

Esta na deleitosa Primavera
De seus gostos, na flor de sua idade,
Quando gosar no Matrimonio espera,
Compridos annos de felicidade:
Roubou-lhe o Companheiro a morte fera,
Deixou-lhe para sempre a saudade,
E por allivio só huma esperança
De ver retrato seu, e semelhança.

XXIX.

Vio este Filho charo, que nascido
O Pai defuncto ao vivo representa,
Em cuja vista de seu bem perdido
Ella a memoria, e viva dor sustenta:
Mas cedo arrimo tal verá caido,
Que o forte Brito já se lhe appresenta,
A lança despedio, que á sorte encarga,
E o Mouro atravessou por huma ilharga.

XXX.

Bem quiz com seu valor estranho, e vivo
Sustentar-se na sella, onde esmorece,
Que não val coração, nem brio altivo,
Quando a vida co'as forças desfallece:
O corpo desampara o fugitivo
Sprito, o lugar buscando, que merece,
E no aballo mortal, do esquerdo lado
Lhe salta o Stoque ricamente ornado.

XXXI.

Para o tomar o vencedor se inclina,
Que he peça de valor, e curiosa,
Mas foi cubiça de tal tempo indina,
Que pudera sair-lhe bem custosa:
Vio o do Grypho o caso, e determina
Vingar de Azarque a morte lastimosa,
E tendo conjunção tam sazoada,
De repente lhe deu grande lançada.

XXXII.

Não foi mortal, porém foi perigosa
A firida, e curar-se logo intenta,
Que justamente a vida dezejosa
De prestar, se conserva, e se accrescenta:
A cura, que vem tarde, he duvidosa,
O mal, que se dilata, mais se augmenta,
E neste tempo, que foi dando volta,
Hum Sousa vê, que a voz contr'elle solta.

XXXIII.

Para diante vão os esforçados,
Inda que estar defronte a morte vejão,
E a magoa das firidas faz ousados
Os que a gloria gosar dellas dezejão:
Qualquer achaque volta os acanhados,
Que a seu salvo, e sem risco só pellejão,
E se quereis exemplo o tendes perto,
Que d'huma lança o peito levo aberto.

XXXIV.

Demos nesta canalha, que se rende,
Que os enchamos d'espanto, e temor frio,
Que bem sei, que essa espada talha, e fende,
Que em antigo valor tem dado o fio:
O rigor da Batalha não me offende,
Responde o Brito, por me faltar brio,
Mas chaga semelhante cura pede,
Que he mortal, se o remedio se lhe impede.

XXXV.

Com que posso sair desfallecido,
Falto de sangue, e de meu proprio alento,
Se qualquer golpe meu será perdido,
E em mi o do Inimigo mais violento:
Descobrirei meu mal, e guarecido
Tornarei logo a meu honrado intento,
E vereis as proezas, que então faço,
Maiores, que as passadas de meu braço.

XXXVI.

Nisto hum para trás volta, outro apartado
Avante passa pelo Campo aberto,
Hum logo com antidotos curado
Por hum docto Varão, e n'arte experto:
Outro de sua chaga descuidado,
Tendo por tempo o mal dentro encuberto,
E lavrando o veneno occultamente,
Caio de mortal subito accidente.

XXXVII.

Por outra parte, as armas exercita
A troco de mil mortes hum guerreiro,
Que dos Maiores seus o lustre imita,
Fernando exemplo de armas verdadeiro:
Á Virtude, e valor todos incita
Com feitos, que o lugar terão primeiro,
E n'hum quarto do Escudo que matisa,
Quiz agora tomar nova divisa.

XXXVIII.

O passaro retrata solitario,
Que nunca a ramo d'arvore se acolhe,
E com humilde vôo de ordinario
Nos tectos de edificios se recolhe:
Já Dom Anrique Symbulo contrario
Ao Grypho, hum Cano d'agoa clara escolhe,
Que liberal ao Campo communica,
E nenhuma represa, nem lhe fica.

XXXIX.

A sequiosa lança em sangue ceva,
Por onde a caso vai Dom João Coutinho,
E no campo do fino Escudo leva
A Figura gentil d'hum puro Arminho:
Ninguem a Rui de Mello ha que se atreva,
E por todos abrindo vai caminho,
He da espadana a empreza peregrina,
Que se vai co'a corrente, e toda inclina.

XL.

Dom Alvaro de Castro não s'escusa
Do perigo maior, que sempre aceita,
A divisa do parco Animal usa,
Que pasce do ar, e outro manjar regeita:
Dom João seu charo Filho não recusa
Achar-se na contenda mais estreita,
E por insignia leva o Pellicano,
Que abre por bem alheio o peito humano.

XLI.

N'outro quarto o das ondas mostra, e pinta
Contra o menor empreza differente,
E porque da presteza sinaes sinta,
Hum Delphin lhe offerece diligente:
Não receia, que o braço lhe desminta
Os grandes golpes, que nenhum consente
Dos inimigos, corta a fina Espada
Pela gente infeliz, e desmaiada.

XLII.

Sette Hectores são estes, e bastantes
A pôr a todo o Mundo açamo, e freio,
No trabalho das Armas tam constantes,
Que cuidão começar, se estão no meio:
Ó nobres Corações de gloria amantes,
Chegai ao cabo a empreza sem receio,
Que o bom principio em Armas pouco monta,
Se o brio antes do fim padece affronta.

XLIII.

Mas tempo he já, que claro o Mundo veja
O valor dos Guerreiros escolhidos,
E que a contenda averiguada seja
Dos que são por divisas conhecidos:
Muito encontrar-se cadaqual dezeja,
Que imigos são por fama, e arrependidos
Não serão deste odioso pensamento,
Thé que huns dos outros ajão vencimento.

XLIV.

Temos a conjunção tam dezejada
Presente, a hora chegou, e o tempo certo,
Todos á vista estão, muito lhe agrada
Verem seus Inimigos já tam perto:
A forma das divisas variada
Lhes faz o odio mais vivo, e descuberto,
Que cadaqual tem grande sentimento,
De ver contraria empreza a seu intento.

XLV.

Não sofrem dilação, sangue procura,
E morte cadaqual de seu contrario,
E despois que na sella se assegura,
Se offerece ao successo d'armas vario:
Palavras gasta em vão quem dellas cura,
Tratar de golpes he curso ordinario
Daquelles, que não tem conhecimento
Dos segredos, que alcança o entendimento.

XLVI.

Baste saber, para que mais não trate,
Que despois que altamente se provaram,
E por espaço no aspero combate
Mil encontros crueis executaram:
Os nossos já por ultimo remate,
(Assalto do valor) deliberaram
Romper contr'elles com dobrada furia,
Por vingar c'hum encontro tanta injuria.

XLVII.

O forte Dom Fernando determina
Sair com novo sprito, e retirado
Hum pouco pelo Campo airoso ensina
O Cavallo bem destro, e custumado:
Logo pára direito, e a vista inclina
Para seu inimigo declarado,
E como já dos outros nada cura,
Co'este ensaio contr'elle se aventura.

XLVIII.

Como bravo Leão, que levantando
O primeiro furor na madrugada,
Da boca está da cova speculando
O Touro, que anda fóra da manada:
E logo vai com impetu passando
Pelo meio da gente alborotada,
Nem dos Pastores teme a grande grita,
Na presa os olhos, que o vigor lhe incita.

XLIX.

Tal contra o do Falcão salta animoso,
Que já sofrer tardança não podia,
Quiz rebater-lhe o golpe temeroso,
E o golpe em vão o Barbaro desvia:
A lança passa, e o coração fumoso
Rompendo as armas, mortalmente abria,
Caio aquella machina, e em redondo
O Campo aballa c'o pesado estrondo.

L.

Qual da rustica mão, e agudo corte
Carvalho, no Hêmo getico offendido,
Ou c'o furor do arrebatado Norte,
Ou das raizes já desfallecido:
O Monte mesmo teme o peso forte,
Fica o vizinho bosque estremecido,
Que silvas leve, com que estrago saia,
Quando assombrando vem par'onde caia.

LI.

Causou nos mais Irmãos morte tamanha
Terror grande, que os animos offende,
E foi para os contrarios gloria estranha,
Que em chammas altas seu fervor accende:
Já do Grypho cruel victoria ganha
O forte Anrique, que a seus pés o rende,
E d'hum golpe lhe corta a mão direita,
Dando sobr'elle thé que a morte aceita.

LII.

Contra a torpe immunda Ave o Arminho assoma,
E pelos genitaes a espada embebe,
Do Javali vingança o Mello toma,
E no peito a mortal chaga recebe:
E porque tanto não digira, e coma
O glotão Avestruz, já se apercebe
O do Cameleão, e por vingança,
Pela boca lhe passa, e corre a lança:

LIII.

Treme o da Borboleta, vendo o dano,
Que alli recebem seus Irmãos á vista,
E contra elle se assanha o Pellicano,
Que por entr'ambos olhos o conquista:
De pressa o Usso verá seu desengano,
Que o Delphin lhe fará, que não resista,
E com liberal mão, e pouco escassa,
Todo corpo o das Ondas lhe traspassa.

LIV.

Que subito terror, como congella
O sangue a todos a que a vida agrada!
Tanto que pelo Campo corre aquella
Nova, para elles triste, e desestrada:
Cadaqual na fugida se desvella,
Pois sendo a força mór desbaratada,
Não ha quem resistir aos nossos possa,
Que he grande, e vai triumphante a força nossa.

LV.

Affonso concebeo grande esperança
Tamanho amparo já posto por terra,
Donde pendia toda confiança,
Que podia ser isca desta guerra:
As portas se abrirão com segurança
Alegre, diz, co'a Torre que se cerra
A Mesquita será por nós entrada,
E em Sanctissimo Templo consegrada.

LVI.

Nas mãos hum Arco o Principe excellente
Tinha, e levado de seu proprio brio,
Huma setta lhe poz, que a corda sente
Despidir-se ligeira sem desvio:
Caminho abrindo vai pelo ar patente,
E tomando o mais alto senhorio,
De sorte se inflammou d'hum raio a seta,
Que a todos pareceo vivo Cometa.

LVII.

Presagio gritão todos de victoria,
Viva o Principe, viva, acrecentando,
Dure c'os tempos a feliz memoria,
D'hum sprito illustre, que nos vai honrando:
O Pai, todo enlevado nesta gloria,
Mil abraços lhe esteve á vista dando,
Colhendo c'hum successo novo, e raro,
Mil esperanças de seu Filho charo.

LVIII.

Já neste tempo desapparecião
Do Campo os inimigos apertados,
Que envoltos de tropel se recolhião,
Por não serem nas costas assombrados:
Todos confusamente estremecião
Dos golpes nunca vistos, e estremados,
Daquelle tam prezado Cavalleiro,
Que na divisa humilde foi primeiro.

LIX.

Não d'outra sorte fogem, que no immenso
Lago, que a Lua com marés governa,
S'algum Delphin sobr'agoa vêm suspenso,
Scrutando do profundo a parte interna:
Turbão-se os Pesces c'hum temor intenso,
E fogem para a mais alta caverna,
Nem sobem, sem que o vejão dobrar longe,
E que em gyros á Náo, que vem lisonge.

LX.

Não menos animoso se mostrava,
O que firma das Ondas a mudança,
A cuja vista só se acovardava
A mais avantajada confiança:
Os olhos poz no Campo, e divisava
Hum Mouro na apostura, e segurança
Gentil em armas, e gentil na fama,
Pela empreza o conhece, Hali se chama.

LXI.

O stimulo da gloria lhe esporea
O coração de seu alevantado,
E como Aguia Real, que vendo a prea
Esperta mais o vôo accelerado:
E ou na Lebre fugaz de temor chea,
Ou empolga no Gamo amedrentado,
Sobr'elle dá, que atravessado expira,
Co'alma na boca, e n'alma com Zaphyra.

LXII.

E os olhos todo pallido pregando
No vencedor, com voz amortecida
Lhe diz, hum só favor peço, e demando,
Em justo cambio desta triste vida:
Este meu coração, que está clamando
Por ir ao centro seu nesta partida,
A Zaphyra mandai, porque Zaphyra
Por este coração chora, e suspira.

LXIII.

Mas o valente Heróe, que já não cura
Das tristes magoas, que elle em vão despende,
Morrei, lhe diz, embora, e foi ventura
Acabardes ás mãos de quem vos rende:
Tem-me tirado as armas a brandura,
E nada me enternece, antes me offende
Vossa amorosa teima, nem me obrigo
Com petições tam frias de inimigo.

LXIV.

Caio a noite escura sobre o mundo
Confundindo o que acerta, e ordena o dia,
Calou c'os Pesces logo o mar profundo,
Calou tambem a terra, e quanto cria:
Scintillava contudo com jocundo
Raio a fermosa Cynthia, e promettia
Feliz successo a toda nova empreza,
Que intentasse valor, e fortaleza.

LXV.

Mas deu o tempo Marte sanguinoso,
A quem por Venus bella o fez enfermo,
E torna Zara a seu termo amoroso,
Por ver se em seu amor acha algum termo:
Vio em tudo hum silencio saudoso,
Sentio o Campo d'almas vivas ermo,
Que o cego Irmão da morte suspendidos
A todos em geral tinha os sentidos.

LXVI.

Sair ao Campo assenta, e delibera,
E ver a Tenda de seu bem confia,
Communicar com elle alegre espera
Segredos, que alma a seu obgeito guia:
Não teme a soidade, nem se altera,
Que a mór difficuldade Amor desvia,
Nem teme avesso á sua honestidade,
Antes crê, que com ella mais lhe agrade.

LXVII.

A Luzel communica este segredo,
Que outros seus já de longe conhecia,
Sáe com passo vagaroso, e quedo,
Por huma porta occulta que sabia:
Caminha resoluta, e perde o medo,
Que a deliberação, que a commovia,
Tanto o spirito mais lhe assegurava,
Quanto mais do perigo perto estava.

LXVIII.

Mas Eudollo, que lanço não perdia,
Para impedir hum bem, que fora grande,
Com Megera em seus tratos entendia,
Que já presente está para que a mande:
A forma de repente confundia,
E faz imaginar que o Principe ande
Junto da Tenda passeando a caso,
Chegando já tam doce, e alegre praso.

LXIX.

Sobresaltou-se Zara c'o successo,
Nem sabe como o preze, e como o estime,
Nas feições conheceo seu bem expresso,
Que Amor lhas retratou pintor sublime:
Já se aventura a commetter excesso,
Já chegando-se vai, já se reprime,
As primeiras razões consigo forma,
Já deixa estas, naquellas já conforma.

LXX.

Quando o vulto enganoso foi saindo,
Para a banda do mar com passo lento,
Tambem trás elle vai Zara seguindo
Mais apressada hum pouco em seu tormento:
Aquella novidade confirindo
Não pode imaginar-lhe fundamento,
Quer pedir-lhe a razão, porque lhe foje,
Mas emmudece, e teme que o enoje.

LXXI.

Tinhão chegado já perto da praia,
Onde anchorado hum barco estava em nado,
E o Principe fingido, que s'ensaia
Para este intento, nelle salta ousado:
Zara após elle, e subito desmaia,
Que attentando para hum, par'outro lado,
Só se achou, e com sua propria magoa,
Sogeita ás duras Leis do vento, e d'agoa.

LXXII.

Sentio correr ligeiro o barco leve,
Sem se ajudar de remo, nem de vélla,
Sentio fugir-lhe a terra em tempo breve,
E pasmou de se ver tam longe della:
Olha, busca, não acha quem releve
Tamanha dor, o sangue se congella,
Pallida a cor se torna, os olhos fontes,
De amantes graciosos Orizontes.

LXXIII.

De quem se ha de valer em tanto aperto
A triste, em companhia d'altos mares,
Que já com furioso desconcerto
Arremessavão dentro ondas a pares:
Valer-se-ha do commum seguro acerto
Das queixas, e abrandar espera os ares
Se lastimas dicer, mas ventos, e agoas,
Sempre se mostrão surdas para magoas.

LXXIV.

Rompeo nestas razões com voz amara,
E co'ellas serenara o mar, e o vento,
Se só naturalmente se assanhara,
E não por infernal encantamento:
Ó bravos conjurados, se me ampara
Minha miseria agora, e meu tormento,
Tende piedade alguma destas magoas,
Que he bem, que aja piedade em ventos e agoas.

LXXV.

Se altivos sois, não vos mostreis irosos
Contra dous fracos miseros suggeitos,
Lá vos cortão Navios poderosos,
Sejão por vós embora estes desfeitos:
Varões navegão nelles animosos,
Que oppõem contra a braveza vossa os peitos,
Mas sendo hum batel fraco, e huma Donzella,
Delle que honra tirais, que gloria della?

LXXVI.

Mas collijo de vosso brio altivo,
E verdadeiro espero achallo cedo,
Que me assombrais com esse termo esquivo,
Só por me pordes, como a fraca medo:
Mas não seja o furor tanto excessivo,
Que dure muito em vós este segredo,
Que se assi por meu mal perseverardes,
A vida perderei sem ma tirardes:

LXXVII.

E vós fermosas Nymphas, lá nas covas
Onde viveis de cristalino assento,
Ouvi desta miseria as tristes novas,
Que já desesperada vos presento:
N'hum peito feminil, que duras provas
Faz a fortuna! tende sentimento
De meus temores, e amargoso trago,
E os ventos refreai c'hum brando affago.

LXXVIII.

Mas que engano foi este? foi engano
D'alguma vãa fantasma, que me cega,
Que para me levar a eterno dano
Á braveza do vento, e mar me entrega:
Ou eu quiz confundir o desengano,
Que esta imaginação d'amor me nega
As cousas conhecer, e se contenta
Daquillo só, que forma, e representa.

LXXIX.

Não era desvario, e fantasia
Cuidar, que em alta noite, e solitaria,
Fóra da Tenda o Principe estaria?
(Successo, e novidade extraordinaria:)
Mas quem me diz a mi, que não faria
Este milagre amor, e a sorte varia
Me daria favor em meu cuidado,
Por ver em que suggeito era empregado?

LXXX.

Tudo podia ser, e ser podia,
Que na entrada do barco eu o perdesse,
E o Principe na praia ficaria,
Para que meu intento conhecesse,
Mas tam cruel, tam aspero seria,
Que vendo minha dor me não valesse!
Difficuldades mil sobr'isto vejo,
Nem determinar posso o que dezejo.

LXXXI.

Só me vejo n'hum tumulo mettida,
Onde mui cedo morte indigna espero,
Indigna morte d'hum amor nascida,
Brando no prometter, no dar severo:
Isto diz já com voz desfallecida,
Porque o peso de seu tormento fero,
Lhe opprimio com tal somno o pensamento,
Que lhe fez menos fero seu tormento.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO NONO.

I.

Tanto que no alto Abismo s'encerraram
As sombras, que envolveo a noite varia,
E c'os raios do Sol se divulgaram
Os destorsos da sorte temeraria:
Ah quantos gritos subito soaram,
Do sexo feminil queixa ordinaria
Em semelhantes trances, tudo he pranto,
Lagrimas, confusão, miseria, espanto.

II.

Por cima das mais lagrimas nadavão
As que de Azarque a triste Mãi vertia,
E entre todos os mais sobrepujavão,
Os suspiros, que d'alma despedia:
Mil amigas razões a consolavão,
Ella porém nenhumas admittia,
Que como a causa he grande, a dor, e a queixa,
Para consolações lugar não deixa.

III.

Da companhia foge, e vai buscando
O Filho, que era sua companhia,
Com louco desvario preguntando
Por seu Azarque, a quantas cousas via:
Ora a vozes por elle vai chamando,
Mas longe estava, e não lhe respondia,
Ora co'a força deste sentimento,
Os sentidos trasporta, e o pensamento.

IV.

Tal a Ovelha a quem lá fóra em desvio
Ou Fera, ou seu Pastor por justo ganho
O Cordeiro mattou, agora ao Rio,
Agora forma queixas ao rebanho:
Ora o campo, que vê mudo, e vazio
Corre mil vezes, e tudo acha estranho,
O curral odioso lhe parece,
E o silvo do Pastor já desconhece.

V.

Não menor sentimento concebia
Do fero Tenebronte o peito irado,
Pelo fim lastimoso, que sabia,
Fora nos Filhos seus executado:
A mente em mil discursos revolvia,
E todos parão n'hum mortal cuidado
De vingança cruel, ardendo augmenta
Hum Mongibelo, e em chammas arrebenta.

VI.

Agora como mar instabil brama,
Que c'o vento quebrou na brava roca,
Agora em seu favor o Inferno chama,
De Spritos desleaes enchendo a boca:
Agora contra o Ceo blasphema, e clama,
E c'os braços parece o alcança, e toca,
E com palavras horridas despreza
O poder alto da suprema Alteza.

VII.

Agora, diz, verei se o Deos, que adorão
Estes Christãos os livra de meu braço,
Que se no seu favor, e ajuda escorão,
Seu destorso verão em breve espaço:
Já tremem de meus brados, já descorão,
Já se me rendem só porque ameaço,
Mas Deos, que não sofreo soberba tanta,
Castigo lhe ordenou, com que o quebranta.

VIII.

Subita nuve o levantado muro
Com desusado assombramento offende,
E de repente lá do centro escuro
Hum temeroso raio os ares fende:
Tenebronte se altera, que seguro
Zombava de temor, que nunca o rende,
Quando por terra cáe já sem substancia,
Desfeita em cinza a perfida arrogancia.

IX.

E como para Mãis, para Donzellas,
Foi esta hora a desgraças grangeada,
A maior parte, e mais aspera dellas,
Foi na triste Zaphyra executada:
Esta Dama bellissima entre as bellas,
Por sua gentileza celebrada,
Lustre de Arzilla, desposada estava,
E o charo amante em partes a iguallava.

X.

Ao valeroso moço punha freio
Amor, que da batalha o retraia,
Mas a lembrança de honra com receio
De ficar infamado lhe acudia:
Neste amoroso, neste honrado enleio
Os assaltos passou do triste dia,
Thé que por si cortou, chora, e suspira,
E parte alegre em nome de Zaphyra.

XI.

Mil esperanças vãas finge consigo,
Como tudo o que finge hum cego amante,
Já cuida que vem fóra do perigo,
E que apparece a seu Amor diante:
Já, que vem com despojos do inimigo,
E será mais gentil, se triumphante,
Mas desvarios são, e fantasias,
As que forma de suas alegrias.

XII.

Huma attrevida mão, lança homicida,
Ó morte indigna, ó magoa, que lastima!
Sem piedade lhe tirou a vida,
Que outra, que nella vive tanto estima:
Chega a Zaphyra a nova entristecida,
Suspende-se, não crê, porque reprima
A dor primeira, para que se ensaia,
Mas logo se trespassa, e se desmaia.

XIII.

Torna em si para logo sair fóra
De si tanto, que nunca mais se veja,
Não se lastima, não suspira, e chora,
Só suspirar, e só chorar dezeja:
A lembrança no bem, que morto adora,
Inda tem para si, que vivo seja,
Nestas tristes Ideas jaz confusa
Aquella alma, que a causa, e Amor escusa.

XIV.

Mas despois que a dor já a esforça, e alenta,
Que alenta a dor, e esforça, o rostro abraza
D'hum vivo ardente fogo, e representa
Huma tragedia muda pela caza:
Logo hum não esperado feito intenta,
Despois que da cabeça o ornato arraza,
Descompõe os cabellos d'ouro, e deixa
O effeito para a noite, e segue a queixa.

XV.

Já quebrantada a gente Mauritana,
Dentro dos muros se defende, e guarda,
Não acommette já soberba, ufana,
Antes toda encerrada o assalto aguarda:
Que tendo exprimentada a Lusitana
Virtude, d'outro encontro se resguarda,
E co'as artes de Eudollo conhecidas
Pretende conservar o estado, e vidas.

XVI.

Os Capitães mais nobres de consulta
O vão buscar á sua antiga cova,
E como o temor grande difficulta
O risco, trastornados lhe dão nova:
Dizem, que o Portuguez ufano insulta,
E faz de seu valor singular prova,
E que esperam naquelle dia assalto,
E lhes valha em tamanho sobresalto.

XVII.

Sáe Eudollo da cova acompanhado,
E brevemente se metteo na Torre,
Em sua industria tanto confiado,
Que cuida, que os liberta, se os socorre:
Nisto Homar entre todos affamado,
Por quem alli governo, e mando corre,
Olhando o Mago com seguro assento,
Estas razões lhe diz, e o faz attento:

XVIII.

Illustre Eudollo, cuja insigne fama
Sobre as Estrellas já vôa ligeira,
Este he o tempo agora, que te chama
Com tal empreza á gloria verdadeira:
A tuas obras huma immortal cama
Armando vai o tempo de maneira,
Que ficarás eterno, e esta só falta
Por remate do muito, que te exalta.

XIX.

Tu fazes para trás tornar o Rio,
Por mais solto, e feróz, que se desmande,
Tu do soberbo vento o irado brio,
Quando brama, farás que em circulo ande:
Tu do espantoso incendio em secco Estio
A braveza farás com que se abrande,
Tudo te he plano, e sem difficuldade,
Tanto que se affeiçoa essa vontade.

XX.

Faze agora c'hum fraco, e leve aceno,
Que hum subito terror, e grave espanto,
Perturbe aquelle spirito sereno
Destes Christãos, que nos opprimem tanto:
E deixem com infamia este terreno,
Trocado o goso seu em triste pranto,
E os que vemos agora andar tam bravos,
Vejamos feitos de repente escravos.

XXI.

Eudollo hum pouco grave, e carregado,
O credito acceitando lhe responde,
S'outra cousa não tem determinado
A Providencia, que humas nos esconde:
Tanto trabalharei neste cuidado,
Que os veja aqui desbaratádos, onde
Estão triumphando já de vossas vidas,
Como que lhas tenhaes offerecidas.

XXII.

E nisto sóbe á mais suprema parte
Da Torre, donde o Mar, e o Ceo divisa,
E logo a vista pelo Ceo reparte,
Os Orizontes nota, os rumos gisa:
Mostrar quer a grandeza de sua arte,
E de tudo o que vê aos mais avisa,
Dizendo, os sinaes certos, que no ar sáem,
Em nosso favor prosperos não cáem.

XXIII.

Ave não posso ver, que no Oriente
Com ledo, e fausto curso azas estenda,
Não falta funeral para Occidente,
Que ora o vôo desate, ora o suspenda:
Mas que Corvos são estes de repente,
Que vem fugindo, porque os não offenda
Aquelle esquadrão forte, e guarnecido
De brancos Cysnes, que os tem já rendido?

XXIV.

Os Corvos opprimidos, que se rendem,
Image nossa são segundo alcanço,
Os brancos Cysnes os Christãos s'entendem,
Que acharão na victoria seu descanso:
Mas já que occultamente se defendem
Com favor d'algum Deos, e em vão me canso,
Taes maldições direi, que revogados
Serão a puro encanto os proprios Fados.

XXV.

E querendo romper com voz isenta
Contra nós, com razões no Inferno achadas,
Nestas formaes palavras arrebenta,
D'outro mais forte Spirito forçadas:
Que fermoso arraial se me appresenta!
Que fileiras tam justas, e ordenadas!
Que ordem tão bem achada, que concerto!
Seguir tal ordem verdadeiro acerto.

XXVI.

Ditosos todos quantos dentro encerra
Este acabado circulo, que vejo,
Quam enganada, e cega vive a Terra,
Que para vos lograr não busca ensejo:
Marchai, e o fim vereis da justa guerra,
E eu cumprindo verei este dezejo,
Não temais, que não ha quem vos resista,
Com valor entrareis á escalla vista.

XXVII.

Cobrio hum frio espanto os circunstantes,
Que por tempo os suspende, e os emmudece,
Mas logo n'huma mesma ira constantes,
O castigo lhe dizem, que merece,
Desculpa-se elle com razões bastantes,
Que força foi do Ceo, que não conhece,
E perturbado assenta alli consigo,
C'o Baptismo fugir de seu perigo.

XXVIII.

Os Capitães com tanta novidade
Entregues ao temor descendo foram,
E com razões, e sua autoridade
O tempo, que passou d'ausencia coram:
E logo de seu cargo, e dignidade
Exercitando as Leis, contra os que adoram
Á CHRISTO, em defensão tudo aparelhão,
Dão ordem, mandão, forção, e aconselhão.

XXIX.

Homar despois que a todos como forte
Com larga narração esforça, e anima,
Trazendo-lhe á memoria o damno, e morte,
Da Mulher, Filha, Mãi, que mais lastima:
Do cativeiro a desestrada sorte,
Perda da Patria, que he de tanta estima,
Acode a hum pensamento, que o altera,
Por ver se a dor d'hum mal outro tempera.

XXX.

Xarifa bella Moura, espelho claro,
Em que se vê já nunca descontente,
De firmeza, e d'Amor exemplo raro,
Não sofreo do perigo achar-se ausente:
Elle, que mais receia ao penhor charo
Avesso algum, do que o seu proprio sente,
Vendo de certo damno os ameaços,
Assi lhe diz c'os ultimos abraços.

XXXI.

Xarifa minha, nome, que mais quero,
Que se o mundo por meu se me offereça,
Vejo das Armas o rigor tam fero,
E minha sorte em tudo tanto aveça,
Que como nenhum bem, nem gosto espero,
Temo que algum desastre me aconteça,
Em vós, meu doce amor, meu só cuidado,
Por me vir o tormento assi dobrado.

XXXII.

Nem por vão me tacheis este receio,
Que me desculpa, como d'amor nace,
Que hum leve argueiro, que dos ares veio,
Lastima os olhos, se não morde a face;
Qualquer morte que virdes, será meio,
Que vos torne inquieta, e me embarace,
Pôr-vos por tanto em salvo determino,
Por me salvar a mi, do que imagino.

XXXIII.

Ella, como sogeito semelhante
De igual amor, responde perturbada,
Duvida faz na fé d'hum firme amante,
Apartar-se da vista, que lhe agrada:
O bem, que se ama, está melhor diante,
E a segurança, que he mais acertada,
Nos olhos seus a tem, outro respeito
Delle sempre ha de ser menos aceito.

XXXIV.

Nunca corre perigo minha vida,
Salvo o correr co'a vossa juntamente,
Nem de mi pode a morte ser temida,
Em quanto á vista vos tever presente:
Se temeis, que desmaie esmorecida
Se mortes veja, que ha de ser ausente?
Ouvindo mortes, sem saber qual seja?
Pois a vossa ha de ser a que não veja.

XXXV.

Isto diz, e de Homar triste se aparta,
Lagrimas para magoa derramando,
Qual nuve, que despois que d'agoa farta
A terra, que a estava dezejando:
Dá lugar á bella Iris, que se parta,
Que nella o Sol esteve affigurando,
E se o liquido humor alli perece,
A bella Iris tambem desapparece.

XXXVI.

D'outra parte o famoso Affonso ordena,
Dar hum só, que lhe escuse outros assaltos,
Que a tardança seu animo a condena,
Os Mouros vendo já d'animo faltos:
Aballa-se o Arraial, e com serena
Ordenança se chega aos muros altos,
Ó quanta maravilha, que promette!
Tudo porá por terra se acommette.

XXXVII.

Mas tanto que ficou á vista posto,
Do posto singular d'altas proezas,
Inda que convertido estava em gosto
O temor, que acompanha estas emprezas:
Affonso com seguro, e alegre rosto,
(Que desconhece em tal sazão tristezas,)
A vontade em perigos sempre inteira
Dos seus quiz avivar desta maneira.

XXXVIII.

Amigos meus, que sempre n'alma trago,
Grangeando-vos bens de eterna fama,
Em tempo estamos, que tereis o pago,
D'aquelle, que a esta empreza vos inflamma:
Vereis a vossas mãos estranho estrago,
Vereis o sangue vil, que se derrama
Destes, em cujo cativeiro injusto,
Mil almas caem d'hum Senhor tam justo.

XXXIX.

Ponde os olhos naquelles altos muros,
Que alli suprema gloria vos espera,
Rompereis por crueis assaltos duros,
Mas durão pouco, a gloria persevera:
Em pouco espaço vos vereis seguros,
Julgando quanto ganha o que s'esmera
Em semelhantes casos d'honra tanta,
Que he vento o vil temor, que nos espanta.

XL.

Confesso, que o perigo he grande á vista,
Mas tudo facilita hum forte peito,
Se acommetteis não ha quem vos resista,
Em breve tudo tornareis sogeito:
Esforço, e força pede esta conquista,
Só nella os esforçados tem direito,
O Campo de batalha tendes perto,
E o vencimento della tambem certo.

XLI.

Inda dicera mais, mas não sufria
O furor, que pullava nos soldados,
As compridas razões, que lhes dizia,
Nas quaes estavão bem certeficados:
Mas tanto que o sinal, que se pedia,
Os deixou de obediencia libertados,
Como se azas aos pés se lhes puseram,
Com ligeireza tal o encontro deram.

XLII.

Qual sobe já pela tendida lança,
Para este effeito com industria posta,
Qual com mais ligeireza, e confiança,
Vai por escada, que á muralha encosta:
Qual pelo muro vai com segurança,
Como verde hera, que c'os nós disposta,
De quebra em quebra, e pedra em pedra trepa,
Mas no melhor a mão se lhe decepa.

XLIII.

Porém não foi dos Mouros a presteza
Menos solta, pois era mais segura,
Com furor bravo igual á fortaleza,
Cadaqual rebater o seu procura:
Não val aos nossos natural firmeza,
Que no risco maior immota dura,
Por tres vezes subir acommetteram,
Por tantas outra vez se recolheram.

XLIV.

Tal foi subindo a rapida corrente,
C'o fluxo da maré no Ulisseo Estreito,
Das Náos deixando as proas a Occidente,
Thé chegar a seu proprio, e certo leito:
E d'alli vem descendo de repente
C'o natural refluxo, e o mesmo effeito
Executa caindo, as Náos virando,
Que estão co'as proas a Oriente arfando.

XLV.

Vendo Fernando, que era necessario
Ser elle o que primeiro o muro entrasse,
(Inda que o feito julgue temerario)
E facil o subir aos mais ficasse:
He possivel, que hum fraco, e vil contrario,
Diz em voz alta, tanto se animasse
Contra vós, sendo eu vosso companheiro!
Segui-me todos, que eu serei primeiro.

XLVI.

E cuberto do Escudo vai subindo,
Como quem por hum campo chão passea,
Mil chuveiros sobr'elle vem caindo,
Com nada se perturba, nem se enlea:
A tudo sem temor vai resistindo,
Alguma sancta guarda o remedea,
Mas tanto que seguro acima chega,
Que vidas de repente á morte entrega!

XLVII.

Bem como Hyrcana Tigre, que da cama
Ouvindo o murmurar dos caçadores,
Para o conflicto se desperta, e chama,
A pelle variando de mil cores:
Tempera as unhas, abre a boca, e brama,
E c'os olhos no amor de seus penhores,
Hum salto deu, e deste unico salto
Algum ficou de vida, e sangue falto.

XLVIII.

Com isto deixa livre d'embaraço
Aquella parte d'armas tam pejada,
E o movimento d'hum, e d'outro braço,
A muitos poz na meta dezejada:
Hia já por davante largo espaço,
O guerreiro feróz, sem curar nada
D'algum favor alheio, quando sente
Vir por hum lado a vencedora gente.

XLIX.

Mas elle tal caminho vai abrindo
Por entre aquella espessa sylva armada,
Que os que no seu alcance vão seguindo,
Não achão, que cortar co'a fina espada:
Aqui matando vai, alli firindo,
Aqui destorsa malha, alli cellada,
E tantos corpos já com morte abate,
Que pára sem achar vida que mate.

L.

Como Leão, que deu nocturno assalto
No rebanho de Ovelhas desgarradas,
Que humas fugindo vão c'o sobresalto,
Outras ficão pòr pasto condemnadas:
Despois que em muito sangue se vio falto
Já da fome, e co'as jubas carregadas,
Vencido do sobejo mantimento
Ficou co'a boca erguida a tomar vento.

LI.

Já clamor se levanta desusado,
E reboliço de femineo pranto,
Que adevinha successo desestrado,
E fere as nuves altas entretanto:
Como bicho domestico encovado
Do terremoto instante o duro espanto
Conhece, e co'a caterva, que se excita,
Pelos forros da Caza corre, e grita.

LII.

E desta ira levado dentro salta
Fernando, a toda Arzilla amedrentando,
Nem outro encontro lhe fezera falta,
Se alli mais gente o fora acompanhando:
Que Homar, a quem mais isto sobresalta,
De toda parte as forças ajuntando,
Deu sobr'elle de sorte, que forçado
Lhe foi tornar aos muros retirado.

LIII.

Qual o Lobo na noite escura, e varia,
No medroso curral entra faminto,
Deixando a parte muda, e solitaria,
Onde ficou do sangue humilde tinto:
Despois que vio a empreza temeraria,
Por causa do terror, e laberinto
Dos cães, e dos Pastores, vai furtando
O corpo, a vezes para trás olhando.

LIV.

Que voz bastante, que subido canto
Poderá celebrar os grandes feitos,
Que aqui causa serão de eterno pranto,
E fama eterna, a valerosos peitos?
Por huma parte Abdalla faz espanto
Aos que nunca o temor tornou sogeitos,
D'outra parte Fernando se assinalla,
Em feitos, que nenhum Antigo igualla.

LV.

E sentindo o destorso estranho, e raro,
Que Abdalla deixa na ordinaria gente,
Acode a tempo dezejado amparo,
Como raio, que cae de repente:
Não lhe val de aço fino algum reparo,
Que já desfallecer o alento sente,
E s'outro golpe desce, não duvida,
Que só co'a sombra o spirito despida.

LVI.

Mas deteve, com voz interrompida,
A mão, que o vencedor armado tinha,
Dizendo, ó não me acabes huma vida,
Que o menos, porq̃ a quero, he porq̃ he minha:
Mas como já de longe era devida
A certa fermosura, e me convinha
Guardalla como sua, ó não ma offendas,
Se he justo, que d'amor o preço entendas.

LVII.

E porque julgues se he bem empregada,
E se com razão fujo o trance esquivo,
Olha que neste Escudo retratada
Verás a imagem bella, de que vivo;
E só, porque a não deixes lastimada,
Deves usar de teu animo altivo,
Que aquelle, que ao rendido tira a vida,
Não he vencedor, não, mas homicida.

LVIII.

Aqui parou Fernando, e lá no sprito
Encendido, tirou do intimo seio
O retrato da Mãi, e do infinito
Filho, que a nos salvar ao mundo veio:
Por esta, diz, piedades exercito,
Esta só pode ser, por cujo meio
A vida te darei, se nella creres,
Enveja de Anjos, gloria das molheres.

LIX.

Abdalla, como já sendo cattivo,
Grande noticia do Mysterio teve,
Senhora, diz, ardendo em fogo vivo,
A vós gloria, louvor, e honra se deve:
Se vosso amor me val sempre excessivo,
Esta pena terei por branda, e leve,
Que vosso Filho adoro, e a morte fria
Outra vida lhe deu, que não pedia.

LX.

Hia inclinando o Sol no mar salgado
O carro ardente, e quasi s'encobria,
Mas o peito d'Affonso perturbado,
Hum cuidado de novo revolvia:
Andar via o conflicto inda alterado,
Via acabar-se pouco a pouco o dia,
Os olhos poz no Ceo, e bem quisera
Ser então Josué, se ser pudera.

LXI.

Mas nisto, d'alta Torre onde assistia
Megera, já d'Eudollo desprezada,
Vendo ao triste successo, que temia,
A conjunção, e a hora já chegada:
No cavernoso Abismo s'escondia,
Quasi corrida, quasi envergonhada,
As Furias de repente se ajuntaram,
E como em mal commum a visitaram.

LXII.

E logo a noite do aposento escuro
Saio, as negras azas estendendo,
E breves tregoas poz no assalto duro,
Que todos forão logo recebendo:
Huns deixão parte do ganhado muro,
E livremente ao Campo vem descendo,
Outros em tão geral desconfiança,
Inda não crêm á timida esperança.

LXIII.

Bem como Idalias aves, que escondidas
Por medo do Dragão, que no ar sentiram,
(Que anda esperando as innocentes vidas)
Se já cair para outra parte o viram:
Inda temem contudo as homicidas
Unhas, inda de todo não respiram,
E se a sair do abrigo se aventuram,
Inda olhão para trás, nem se asseguram.

LXIV.

Esperava Zaphyra, que cubrisse,
(Triste esperança) a sombra grande a Terra,
Para que ella remedio descubrisse
Á grande dor, que dentro n'alma encerra:
Que tanto que do amante a morte visse,
Pazes faria logo a tanta guerra
Co'a morte sua, e vendo a noite chama
Zayda, sempre a seus gostos util Ama.

LXV.

E diz-lhe, que quer ver a sepultura
De seu Esposo, e logo o determina,
A furto sáe, e ao Campo se aventura,
Na feição, traje, modo, peregrina:
Com a mesma miseria se assegura,
Qu'esta a vezes melhor o animo affina,
E como tem o maior bem perdido,
Que perda ha, na qual possa ter sentido.

LXVI.

Despois que lá se vio co'a morta gente,
Huma tocha accendeo, de que se ajuda,
Começa a revolvella diligente,
E d'hum lado par'outro a vira, e muda,
Inda a muitos doer-se, e gemer sente,
Algum diz, que lhe valha, e que lhe acuda,
Mas ella passa avante, thé que a sorte
A poz junto da sua amada morte.

LXVII.

Não conheceo, mas ao passar diante,
Parece que por ella alguem puxava,
Logo se perturbou no mesmo instante,
Sem mais poder mudar-se donde estava:
Fez volta, e acha passado o charo amante
Por hum troço de lança, que appontava,
Sobr'elle se lançou, e muda abraça
Este tronco, par'ella inda com graça.

LXVIII.

E logo em tenras lagrimas banhada,
C'hum suspiro, que d'alma arrancou triste,
Nestes queixumes sólta a voz cansada,
Que cansado a seu mal o sprito assiste:
Esta era, Hali, esta era a dezejada
Hora, em que tam entregue consentiste,
Quando ser meu Esposo promettias?
Estas eram as vodas, e alegrias?

LXIX.

Nisto parou aquelle amor perfeito?
Nisto aquella esperança, que me davas?
Tudo vejo por terra já desfeito,
Salvo a fé, a que vivo me obrigavas:
Morto te guardarei este direito,
E com zelo maior do que esperavas,
Mas se estais vivo amor? ai que respira,
Despertar quer do somno, em que caira.

LXX.

Somno he isto meu bem, não morte crua,
Que ser tam atrevida não podia,
Possivel he, que tal vida possua!
Não he, porque eu já viva não seria:
Vive corpo sem alma? não, da sua
Esta vida, que tenho, dependia;
Ah consequencia vãa, todo está frio,
Eu sou a que me engano, e desvario.

LXXI.

De ti posso queixar-me, doce amigo,
Pela vida, que incauto aventuraste,
Pois imaginar posso, que o perigo,
Pelo em que me deixavas, só buscaste:
Em balança puseste amor commigo,
E d'outra parte a gloria, mas achaste
De mór preço, e valor a gloria leve,
Que quanto sempre amor com todos teve.

LXXII.

Não sei, quem te moveo, a sorte minha,
Seguir as Leis do riguroso Marte,
Pois á brandura, e partes não convinha,
Que a natureza em ti larga reparte:
Se militar querias, tambem tinha
O glorioso Amor seu Estandarte,
Já te dice eu, e esta memoria encerra
O peito, sigue Amor, outros a guerra.

LXXIII.

Entre todos c'o dedo eras notado
Lindos moços de Arzilla em galhardia,
Polido em traje, cortezão, dotado
De aviso, de primor, e cortezia:
Gentil, de Damas unico cuidado,
O sangue do melhor, que Africa cria,
A verde idade a graça acrecentava,
Que indignamente em armas s'empregava.

LXXIV.

E se tanto porém pode contigo
O dezejo, que só na morte pára,
Ao Campo me leváras do Inimigo,
Eu armado Varão representára:
Ao lado te seguira, e no perigo
Os golpes com fervor te desviára,
E quando desviallos não pudera,
Eu propria a recebellos me oppusera.

LXXV.

E se contudo, achando-me presente
Ao triste, e lastimoso sacrificio,
Cairas morto (como estando ausente,)
De Sposa, e amante fiel fezera officio:
Hum leito nestes braços differente
Teveras, amoroso beneficio
Te fezera na chaga, eu ta apertara,
E com lagrimas minhas a lavara.

LXXVI.

Ao menos esses olhos, que eram lume
Destes cansados meus, em mi pregaras,
Faltando a voz, que a vezes se consume
Co'a pena, e por acenos me fallaras:
Podendo, ultimas mandas por custume
Deras, e as minhas ultimas levaras,
Ultimas mandas minhas, não da vida,
Porém da morte, a meu amor devida.

LXXVII.

Esta, inda que a Fortuna, e sorte imiga,
Por me não dar allivio então me nega,
Sazão terá, que he bem na morte siga,
A quem da vida fiz total entrega:
Nem quero, que ser divida se diga,
Em que me estás, a quem seu gosto emprega,
Nada se deve, he para mi subida
Gloria, a morte seguir, fugir a vida.

LXXVIII.

Vivi contente em quanto vida teve,
Em quanto, digo, amor, vida tevestes,
Vivi contente, que este tempo breve,
Para tratar com vosco vós mo destes:
Mas agora he razão, que a morte leve
Os despojos d'huma alma, onde fezestes
Vosso thesouro, pois levou dessa alma
Os despojos a morte, em grande palma.

LXXIX.

Nestes queixumes pára, e por vingança,
De seus cabellos corta o rico véllo,
E a Zayda diz, co'as Damas, certa uzança,
Desse ornato parti, que já foi bello:
Direis a cadaqual, que a esperança
Maior he vãa, e pende de hum cabello,
Mas descuidada andei, que me detenho?
Se acompanhar meu bem na morte venho.

LXXX.

Se pode ser, que com meu proprio alento,
Lhe torne a infundir alma se he saida?
Bello acerto, ditoso pensamento,
Que me canso, se em mi lhe tenho a vida:
Mas quero seguir antes outro intento,
Est'alma por aqui anda perdida,
Irei no alcance della, espera, espera,
Não sejas tam cruel, e tam severa.

LXXXI.

Mas érro no que sigo, que aproveita
Dar vozes por huma alma? desconhece,
Minha alma ha de ir buscalla, então respeita
A companhia, e facil lhe obedece:
Mas, como ha de sair? aqui me aceita
Este ferro de lança, que apparece,
Mais dicera, mas já no peito abria
Franco lugar, por onde alma saía.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO DECIMO.

I.

Fugião do Ceo roscido as menores
Luzes, co'a luz maior escurecidas,
De novo recebendo as proprias cores,
A seu estado as cousas reduzidas:
Abaixavão-se os valles, e os maiores
Montes se levantavão, guarnecidas
As humidas cabeças d'alva neve,
Que descalva o calor em tempo breve:

II.

Quando subitamente os temperados
Atambores, tocando despertaram
Os animos, na noite inda alterados,
Que o somno, e seu descanso desprezaram:
Os Pifaros por cima concertados,
Em consonancia igual pelo ar soaram,
Por suprir do passado encontro a falta,
Os muros de repente o Campo assalta.

III.

Foi para os Mouros este assombramento
Tam sobejo, que alguns determinaram
Com algum pacto bom, e firme assento
Entregar-se, e hum sinal branco arvoraram:
Por se reconhecer aquelle intento,
Nesta furia maior todos pararam,
Quando hum Mouro galhardo, e grave sáe,
E prostrado ante os pés d'Affonso cáe.

IV.

E logo com voz clara, e tom formado,
Estas palavras, e razões profere,
Alto Rei, cujo Imperio o Sol dourado
Deixa, quando no mar os raios fere:
E cedo o verá longe dillatado,
Como do valor vosso he bem se espere,
Cujas obras o Reino Mauritano
Experimenta com tamanho damno.

V.

Homar Principe insigne, e valeroso,
A quem da guerra o pezo he commettido,
Do successo das armas receoso,
Nunca de Capitães bem conhecido:
Quer dar á vossa empreza hum córte honroso,
Com que fique sem damno seu partido,
E com vosco, ditosa sorte, a gloria
De huma segura, certa, e sãa victoria.

VI.

Permitti, que despeje livremente,
(O que fará sem nisso aver detença)
De munições a Villa, e armada gente,
Segura, e sem temor d'alguma offensa:
E que a de paz, e natural se isente
Do rigor, que da guerra ás Leis pertença,
A fazenda não chegue adversidade,
Fique sem detrimento a liberdade.

VII.

E se tam liberal, e honrosa offerta
Não aceitais, vos lembra como amigo,
Que a fortuna da guerra he sempre incerta,
E póde ser d'entrambos o perigo:
E pois a conjunção vedes aberta,
Que dezejara vosso brio altivo,
Acerto he não perdella, que passada,
Tanto lastima, como agora agrada.

VIII.

Elle entre muros altos não se altera,
Delles rebate vossa confiança,
Vós no Campo ao rigor, e Lei severa
Dos ares, sem repairo, e segurança:
Elle socorro cada dia espera,
E vós tam longe ainda da esperança,
Por Gloria hum, pela Patria outro pelleja,
Vede pois qual razão mais forte seja.

IX.

E se quereis ainda vos conceda,
Seja certa a victoria duvidosa,
Não negareis, por mais que bem succeda,
Que vos ha de ficar assás custosa:
E quando outro maior respeito exceda
Esta verdade pouco cautellosa,
Consolação será de seu tormento,
O certo termo de arrependimento.

X.

Affonso conhecendo a conta, e preço,
Em que podia ter tal embaixada,
De vosso Capitão, diz, agradeço
A vontade por vós denunciada:
O conselho, que dá, por bom conheço,
Que a guerra nos successos, foi julgada
Por varia sempre, mas inculca, e prova,
Cousa, que para mi nunca foi nova.

XI.

E com razão recea adversa sorte,
E com razão remedio achar dezeja,
Que o Capitão, que se prezar de forte,
Necessario he tambem, que sabio seja:
Se pretende dar nisto honroso córte,
Temo nos seus meu córte agudo veja,
Que toda Africa dentro achar tomara,
Para que de hum só golpe a degollara.

XII.

Bem sei do cauto Rei ser justo intento,
Não arriscar, se possa, huma só vida,
Que só de huma só morte o sentimento
Parece a gloria da victoria impida:
Mas quando o Rei tever conhecimento,
Que a gloria tem na morte conhecida
Seus Vassallos, o impedir-lha monta,
Para elles gloria não, mas grave affronta.

XIII.

E s'entre muros altos senhorea
Dos meus o brio, e singular braveza;
Cedo lhe mostrarei, que experto crea,
Estar meu Campo igual co'a Fortaleza:
E se quem fóra está, damno recea,
E quer abrigo á fraca Natureza,
Como Arzilla d'aqui tenha mais perto,
Recolher nella os meus será mais certo.

XIV.

Jacta-se a razão ser, que o força, e move,
Mais forte, que a que tem força commigo,
Prova he certa, quam pouco hum Mouro prove
O deleite da gloria de hum perigo:
Inda que outra maior minh'alma approve,
Gloria de hum Deos, que adoro, Deos que sigo,
E como nella só tenho o sentido,
Jámais poderei ver-me arrependido.

XV.

Com isto se despede o Mouro triste,
Os infortunios n'alma adivinhando,
A quem nunca jámais arte resiste,
Nem força, quando o Ceo os vem traçando:
Affonso, que animoso a tudo assiste,
Todo Campo c'os olhos alegrando,
Olhos senhores, com que alento dera
A gente, que menor fervor tevera.

XVI.

He tempo, diz, soldados animosos,
Que de vosso valor deixeis memoria,
Já que nestes perigos duvidosos,
Cortei pelos desvios desta gloria:
Não são os inimigos poderosos
A pôr impedimento na victoria,
Nem meçais estes muros pela altura,
Mais alto he quem subillos se aventura.

XVII.

Nem esta empreza he nova, começada
O dia foi, que encontra a sorte imiga,
E pois então não foi nelle acabada,
Divida pagareis, que vos obriga:
Verdade he, que por vós não ficou nada,
Faltou dia, em que o effeito se consiga,
Mas quiçá se mais pressa alguem se dera,
Que com menos ao mar o Sol viera.

XVIII.

Elles, que refreados esteveram,
Do coração os saltos reprimindo,
Em subito furor se desfezeram,
Como de si com impetu saindo:
E tam pouco em chegar se deteveram,
Que já pelas escadas vão subindo,
E os olhos cadaqual no imigo duro,
Trabalha por ficar senhor do muro.

XIX.

Como na grande Herdade de Inglaterra,
Junta de bravos Touros a manada,
Onde ver a gostosa, e nobre guerra
De seus Allões, aos Cortezãos agrada:
Em quanto o açaimo as fortes presas cerra,
A furia tem consigo represada,
Mas tanto que o Senhor os larga, e assulla,
Cadaqual em seu Touro salta, e pulla.

XX.

Já sobre os muros andão vencedores,
Á vista os valerosos Lusitanos,
Fazendo aos inimigos mil temores,
Dando contudo, e recebendo danos:
Aqui tremer, aqui perder as cores,
Aqui gemer são proprios desenganos,
A morte, que as miserias acrecenta,
Desestradas tragedias representa.

XXI.

Não se isentou do Imperio riguroso,
Com que tudo sogeita a morte fria,
Aquelle Homar valente, e tam famoso,
A cujo Imperio tudo obedecia;
Corre por todas partes animoso,
Onde menos esforço, e alento via,
Animando com voz, e braço forte
A quantos desanima o agudo córte.

XXII.

Mas os Fados, que já determinavão
Somettello ao rigor do foro humano,
Para aquella parage o desviavão,
Onde assiste o mais forte Lusitano:
Com reforçados golpes se provavão,
Mas da mão poderosa sente o damno,
Que o forte Dom Fernando não descansa,
Thé que a seus pés rendido, e morto o lança.

XXIII.

As portas neste tempo se arrombaram,
Com artificios mil de ferro, e fogo,
E logo de tropel todos entraram,
Por avivarem mais o marcio jogo:
Os imigos com isto desmaiaram,
E não bastando lagrimas, nem rogo,
Mettendo a fio vão da espada esquiva,
Os vencedores, toda cousa viva.

XXIV.

A força da mais brava, e forte gente
Se recolhe na Torre, e na Mesquita,
Onde se defendia ousadamente,
Que a desesperação o animo incita:
Mas o valor dos nossos excellente,
Que nos móres perigos s'exercita,
Acommetteo com tanta fortaleza,
Que poz no cabo esta arriscada empreza.

XXV.

Mas ai, que se aparelha grande morte,
Digna de ser chorada eternamente,
He magoa ver o fio, que se córte,
E de tal corpo hũa tal vida ausente:
Quem dirá, que se chega a ultima sorte
A Dom João Coutinho? quem não sente
Huma perda geral? insigne vida,
Tam depressa cortada, por temida.

XXVI.

O primeiro, que fez famosa entrada,
C'hum Montante nas mãos, que volta, e gira,
Foi este illustre Heróe, aberta estrada
Deixa por onde vai, nem se retira:
Quanta arma de seus golpes destorsada!
Quanta alma triste suspirando espira!
Mas ai, que de hum recanto se arremessa,
Huma lança mortal, que o atravessa.

XXVII.

Sobe a gosar ó invencivel alma,
Huma Coroa, com que o Ceo te espera,
Não de temporal Louro, nem de Palma,
Mas de gloria, que sempre persevera,
Nós com nossa esperança, em tanto em calma
Andamos, thé da morte a Lei severa
Da vida nos quebrar as liberdades,
Tu, já segura estás de adversidades.

XXVIII.

Mas, já sôa o terror das rigurosas
Armas dos que a cerrada Torre escallão,
E sôa o das façanhas espantosas
Dos imigos, que quasi se lhe igualläo:
Rompem-se malhas, antas poderosas,
Encontros bravos o contorno aballão,
Á pujança dos nossos triumphante,
He quasi a resistencia semelhante.

XXIX.

Mas todos pouco a pouco desfallecem,
Que o sangue derramado os desengana,
Alguns por honra as vidas offerecem,
Encargo duro desta sorte humana:
Outros, que seu destorso reconhecem,
A quem a perda da honra menos dana,
Que interesse da vida amada, e chara,
Sogeitão-se, e o perdão logo os ampara.

XXX.

Mas como se igualläou a desventura,
Das mortes d'huma, e d'outra Fortaleza,
Quem representar póde esta figura,
Que he grande a dor, difficultosa empreza?
Mas hum gentil Espirito pouco dura,
Nunca a fortuna uzou de singeleza
Com grandes almas, acertado espanto!
Aqui morreo o Conde de Monsanto.

XXXI.

Não vos sofreo esse animo valente,
A ficar fóra do maior perigo,
E tanto que vos vio nelle presente,
Quebrando foi as forças o inimigo:
Sem vós o Mundo fica descontente,
Que perde hum lustre grande, e hum ser antigo,
Mas fica vossa fama, e esta só basta,
Que he retrato, que nunca o tempo gasta.

XXXII.

Huma consolação de vossa morte
Podeis levar, se morte se allivia,
Que vosso imigo pelo fino córte
O Principe passou, que após vós hia:
Do lado de seu Pai, buscando a sorte
De seus Vassallos, cauto se desvia,
E sem lhe lembrar Sceptro, e Magestade,
Julga por varonil a verde idade.

XXXIII.

Como Leão pequeno, a quem sustenta
Com manjares cruentos a Mãy fera,
Como as jubas descer experimenta,
As unhas apontar logo se altera:
Já brioso da Mãy o trato isenta,
Nem como fraco pela caça espera,
Os Campos longe busca, a cova deixa,
E já delle os Pastores formão queixa.

XXXIV.

Já nas armas havia algum descanso,
Tudo era cattiveiro miserando,
Quando da Torre n'hum escuso lanço
Vio o Principe hum velho venerando:
E chegando-se vai benigno, e manso,
Para ver o que espera, elle aguardando,
Que estava a conjunção, por terra posto,
Mostra o gosto de o ver, no alegre rosto.

XXXV.

E desatando a voz, todo embebido
No Principe, assi diz, elle ouve attento,
Eudollo sou no mundo conhecido
Por meu alevantado entendimento:
Mas da minh'arte estou arrependido,
Trocou-me vosso Deos o pensamento
Por hum estranho caso, e na Lei sua
Tanto ei de trabalhar, que o Ceo possua.

XXXVI.

E pois chegais a ver-me neste estado,
Quero mostrar-vos mil cousas futuras
De toda vossa vida, e Reino herdado,
Manifestas, e vistas por figuras:
Pelos vossos o que ha de ser ganhado
Em Africa, successos, e aventuras,
Casos por toda idade engrandescidos,
Que vos farão famosos, e temidos.

XXXVII.

Acompanhai-me, que a morada he perto,
Lá vereis os segredos, que vos digo,
Sereis levado por caminho certo,
Seguro, e sem receio de perigo:
O Principe ficou consigo incerto
Hum pouco, mas formou logo consigo
Hum dezejo de ver, e de ouvir quanto
Lhe prometteo, e segue Eudollo em tanto.

XXXVIII.

Já na spaçosa fonte do Oceano
Os seus cabellos d'ouro o Sol banhava,
A quem o Pai Nerêo, com rostro humano,
Alegre recebia, e visitava:
Vinha tambem o coro soberano
Das Maritimas Nymphas, que o cercava,
C'os cavallos Tritões se determinão,
Huns lanção feno, outros o carro empinão.

XXXIX.

Co'a noite recolhida a gente lassa
A descansar de tam terribel hora,
Affonso hum temor subito trespassa,
Com a falta do Principe, que chora:
Esta nova por todos corre, e passa,
Huns dos muros a dentro, outros a fora,
Buscão com diligencia, mas que monta,
Que cadaqual em vão se cansa, e affronta.

XL.

Vai enganando a dor co'a esperança
Do dia o Pai, que nunca desconfia,
Que já tem concebido confiança,
Para dia melhor d'hum triste dia:
No Ceo postos os olhos, e a lembrança,
Delle, diz, que o penhor perdido fia,
E pois lho tem tam livremente entregue,
Que assi lho restitua, e não lho negue.

XLI.

Nisto c'o grande companheiro entrava
Na cova Eudollo, que o engrandecia,
Cuja boca entre dous montes estava,
Por cem degraos á salla se descia:
Huma tocha no meio alumeava,
Com artificio tal, que sempre ardia,
E a luz, que dava, era tam clara, e pura,
Que se via figura, por figura.

XLII.

Que aqui com gratas cores, e excellentes,
Nas paredes, em quadro fabricadas,
Estão Cidades, Villas, Campos, Gentes,
Casos, e Historias d'Africa pintadas:
E tanto ao vivo, e natural presentes,
Como se fossem oje retratadas,
Sendo a primeira mão para que espante,
Não menos, que do antigo, e velho Atlante.

XLIII.

Então tomando o Principe do braço
Eudollo, e passeando pela salla,
Callando-se primeiro pouco espaço,
Olha para elle, e deste modo falla:
Esta memoria Principe vos faço,
Porque acho, que nenhum se vos igualla,
Em partes d'alma, altivo pensamento,
Brandura, animo, ser, entendimento.

XLIV.

Tudo o que pode dar a Natureza,
Em vós com larga mão lança, e despeja,
E se oje em flor se mostra esta belleza,
Virá sazão, e tempo em que se veja:
Lá virá nos trabalhos a firmeza,
Virá prudencia, que governe, e reja,
Magnanimo sereis, e generoso,
Liberal sobre tudo, e grandioso.

XLV.

A vida será varia, e trabalhosa,
De grandes sobresaltos sempre cheia,
Que a maldade de muitos envejosa
Intentar vossa morte não receia:
Usareis da virtude cautellosa,
Que a segurança á vezes muito enleia,
Mas dos perigos publicos, e certos
Vos asseguro, e não dos encubertos.

XLVI.

Tambem sereis nas armas venturoso,
Pelo Reino Estrangeiro entrando ufano,
Que estando vosso Pai pouco gostoso,
Dareis de vosso esforço o desengano:
Tres dias ficareis victorioso
No Campo, sem que alli recebais dano,
Tornando a Portugal com fama, e gloria,
Por tam illustre, e celebre victoria.

XLVII.

Mostrareis a grandeza desse peito,
Que nem com Sceptros se ennevoa, e cega,
Guardando a vosso Pai o seu direito,
Do Reino, que vos deixa, e vos entrega:
Não ficando da empreza satisfeito,
Lá dos Campos de Touro, o intento emprega,
Em se passar a França, mas tornando,
Largareis livremente Sceptro, e mando.

XLVIII.

Tambem ao sancto Matrimonio atado
Sereis com nós, que Amor aperta, e liga,
Colhereis delle fruito sazoado,
Tal que do Reino a successão consiga:
Mas ai, como me sinto perturbado,
Não sei como este caso conte, e diga,
Apparelhai-vos para triste Historia,
E já d'oje fazei della memoria.

XLIX.

Encheo-vos esperanças, e dezejo,
C'hum Filho o Ceo, que vossa gloria arrea,
Mas na Villa a quem cerca, e rega o Tejo,
Hum dia alegre por seu mal passea:
Arremessa o cavallo, vendo ensejo,
Ó spectaculo duro, quem te crea!
Debaxo fica, e todo se desmaia
Amortecido na infelice praia.

L.

Ó cega confusão de quem se fia
Em bens caducos, que não tem firmeza!
Aquelle, que em belleza, e galhardia,
(Modelo singular da Natureza)
Dos mais bellos a fama escurecia,
Já tem perdida a côr, e a gentileza,
Este, a quem era Portugal estreito,
D'hum pobre Pescador aceita o leito.

LI.

Vejo cobrir-se Portugal de luto,
Reinar huma geral tristeza escura,
Não se vê neste tempo rostro enxuto,
Nem coração alheio de amargura:
D'aqui começareis pagar tributo,
A mil paixões, que he dor, que sempre dura,
Cuidar hum Rei por termo derradeiro,
Que todo acaba sem deixar herdeiro.

LII.

Ficou suspenso o Principe com tanto
Pezo, como foi nelle carregando,
Mas para o divertir deste quebranto,
As pinturas Eudollo vai mostrando:
Não vos causem, lhe diz, estas espanto,
Estoutras cousas ii considerando,
Que aqui vereis ao vivo retratados,
De nossa Africa os Campos dillatados.

LIII.

Vereis mais as Cidades, e Lugares,
Rendidos ao poder dos Lusitanos,
E quantos o hão de ser, com singulares
Proezas, e successos soberanos:
Alli levanta os muros Seyta aos ares,
Não por ardís entrada, ou por enganos,
Mas á força de braço do primeiro,
Invicto João, e celebre guerreiro.

LIV.

Logo Alcacer Ceguer, que rota sente
De vosso Pai o peregrino córte,
Arzilla agora, e c'o temor presente,
Fugir Tanger intenta a mesma sorte:
Tempo, que vossas glorias accrecente,
Virá despois de vós, que Azamor forte,
As ameas, que vedes levantadas,
As offereça aos vossos inclinadas.

LV.

Ex acolá Saphi tam populosa,
Deste contorno comarcão Senhora,
Tambem vê nos seus muros a famosa
Insignia, que do Mundo he vencedora:
Esta fará cóvarde, e temerosa
Toda parte, onde a fama triumphadora
Batendo as leves azas appellide,
O gram Nuno Fernandes de Ataide.

LVI.

Este com forte venturoso braço,
Os lugares sogeita, e disbarata,
Que assentados se mostrão no regaço,
Que o Campo fertilissimo dillata:
Tributo pagarão, por largo espaço,
Os moradores com quem pazes trata,
E de sorte os enfreia, e os avassalla,
Que só tem d'Africanos traje, e falla.

LVII.

Este emulando co'a Cidade nova,
A gloria de Marrocos tam temida,
Hum pensamento temerario approva,
Com que de muitos poz em risco a vida:
Mas com tal vigilancia encobre a nova,
Que podia chegar-lhe da partida,
Que amanhece sobr'ella de repente,
Dando espanto, e temor a tanta gente.

LVIII.

E pregando nas Portas da Cidade
Cadaqual por memoria a dura lança,
Satisfeitos de tal felicidade,
Deram volta com muita segurança:
Parece-lhes alguma tempestade,
Repentina aos de dentro, e na bonança
Acudindo ao perigo já passado,
O feitio perderam do cuidado.

LIX.

Que com tanto concerto se recolhe
O Capitão tam destro, como astuto,
Que inda que a sombra dos imigos olhe
Vir caindo caminha resoluto:
Não ha Mouro, que em sangue a lança molhe,
E brama por levar o ferro enxuto,
E d'huma parte, e d'outra vigiando,
De todo Nuno os vai desconfiando.

LX.

Mas esta gloria em fim caduca, e breve,
Vejo acabada, e desaparecida,
Chega tempo em que a morte avara leve,
Quantos despojos Nuno alcança em vida:
Jacte-se embora o Mundo, e vão se enleve
Em grandezas, que nunca a sorte impida,
Que eternizar com seu dezejo queira,
Que lá terão sua hora derradeira.

LXI.

Vinha triumphante com rendosa preza,
De gados, e de gente, que cattiva,
Confiado na sua Fortaleza,
Sem temer astres da Fortuna esquiva:
Ioto Dama de unica belleza,
Como em concha scabrosa perla altiva,
No meio desta gente, que caminha,
Em lugar mais decente airosa vinha.

LXII.

As lagrimas, que os olhos seus vertião,
Sobre as faces coradas, e fermosas,
O matutino orvalho parecião,
Que vem caindo nas purpureas rosas:
Os suspiros, que d'alma lhe saião,
Envoltos em palavras lastimosas,
Eram causa de tenro sentimento,
A todo coração, que lhe hia attento.

LXIII.

De quando em quando, em voz baixa, e perdida,
Entre os beiços de purpura, culpava
O descuido, e tardança conhecida
Do amante, que a servia, e regalava:
Porém tornava logo enternecida,
E consigo outra vez o desculpava,
Quando o Mouro com gente lhe apparece,
Que como Capitão arma, e guarnece.

LXIV.

Não se atreve a romper, que não podia
Iguallar-se ao poder, que vê diante,
Mas com manha, e cautella atrás seguia,
Que he officio, seguir, de hum triste amante:
Sustentando esperanças vai c'o dia,
E nellas já tam firme, e tam constante,
Que vendo a Ioto, diz, tem confiança,
Que o dia he grande, e a sorte faz mudança.

LXV.

Queimava o Sol os campos de maneira,
Que não sofrendo Nuno a calma ardente,
As armas desaperta, e da viseira
O rostro desafronta, que arder sente:
Por se não descomporem da fileira,
Sofria o alcance a Lusitana gente,
Quando se chega o Mouro, e c'hum suspiro,
Que Ioto aceita, fez unico tiro.

LXVI.

Ó mão aveça, para mal tam certa,
Melhor entorpeceras no arremeço,
Pois que rompendo a parte descuberta,
Avias de causar tamanho aveço:
Corre a lança cruel, e deixa aberta
Chaga mortal, e tira o lustre e preço,
Á grande vida, cáe de improviso
Nuno, e o spirito voa ao Paraiso.

LXVII.

Desta sorte acabou aquelle raro
Lopo Barriga, cujo illustre nome
He justo a Portugal seja tam charo,
Que no lugar mais alto sempre assome:
Foi dos que rege, e guia firme amparo,
Obras fez de que o Mundo exemplo tome,
Olha, e vê, como vai livre, e seguro,
Por meio dos imigos pelo muro.

LXVIII.

Algubel forte Villa se defende,
(De assaltos, que lhe dá) com valor tanto,
Que entralla por espaço em vão pretende,
Subir ao muro a todos causa espanto:
Mas elle, que o temor dos seus entende,
Só vai subindo, só pelleja, em quanto
Co'a vergonha de exemplo tam subido
Os vai em si tornando, e he socorrido.

LXIX.

Acolá preso o levão, que de ousado,
Aos perigos maiores se aventura,
De vinte e cinquo Mouros vai cercado,
Bastantes a ir a presa bem segura:
Mas d'hum, que hia mais perto, e descuidado,
(Lanço de seu esforço, e da ventura)
A lança toma, huns poz logo em fugida,
Outros lhe vão nas mãos deixando a vida.

LXX.

Mas n'outra parte o vejo estar cattivo,
Vituperios, e affrontas padecendo,
E d'hum Senhor cruel ao jugo esquivo,
Ao tirannico Imperio obedecendo:
Mas quem o pode alli julgar por vivo,
Que o sangue em fio vejo estar correndo,
E já purpura a branca vestidura
He divisa de sua desventura.

LXXI.

Esta manda a seu Rei, para que veja
Seu triste estado, e tenha sentimento,
Para que resgatado a tempo seja,
Que possa ter algum pequeno alento:
He possivel que hum Sprito insigne esteja,
Por seu Rei em tam aspero tormento,
E que por tanto tempo se dillate,
(Ó galardão do Mundo!) seu resgate?

LXXII.

Ex Mazagão theatro soberano,
Onde as móres proezas representa
Bellona fera, e Marte deshumano,
Que quantos pelo mundo a fama augmenta:
Aqui cercado o esforço Lusitano,
Contra o bravo Xarife se sustenta,
Que com todo poder, que Africa encerra,
Promette assollar tudo, e pôr por terra.

LXXIII.

Já se iguallão c'os muros levantados
Os Montes altos, que de longe trazem,
Imitando os Gigantes conjurados,
Que escada para o Ceo de montes fazem:
Mas se lá forão raios fabricados,
Que esta soberba vãa descendo abrazem,
Tambem raios na terra se forjaram,
Que subindo esta machina arrasaram.

LXXIV.

Ó quanto Heróe assinallar-se vejo,
Neste espantoso, e singular conflito!
A todos celebrar co'a voz dezejo,
Mas não posso, que he numero infinito;
Porém commigo cá me corro, e pejo,
Se passar em silencio hum grande Sprito,
Almeida, que por arte em que se assina,
O segredo desfaz da occulta mina.

LXXV.

Nem a vós (grande stimulo me obriga)
Bartholomeu de Vasconcellos calló,
Que inda que outro diverso intento siga,
Vosso esforço, e valor me faz aballo:
Aquelle antigo lustre, aquella antiga
Gloria, que não mudou largo intervallo
De tempo, na virtude peregrina
De vossas obras oje bem se affina.

LXXVI.

E tanta confiança em vós se tinha,
Que o cerco do inimigo levantado,
Per carta sua a celebre Rainha
Vos entrega de novo este cuidado:
Que tal amparo, e arrimo ter convinha,
Se désse volta o Barbaro indignado,
Enchendo-vos o peito de esperanças,
Com mil promessas de honras, e bonanças.

LXXVII.

Mas nunca Reis com premio verdadeiro
Remuneram serviços de esforçados,
E tam tarde lhes chega, que primeiro,
Para os lograr, os annos são passados:
Vejo a Força do Rio de Janeiro
Entrada, e mil despojos alcançados,
Insigne feito, e celebre victoria,
De premios digna, e de immortal memoria.

LXXVIII.

Era tempo, que o Mundo já possue,
Do Sol mil gyros vossa Era contando,
E quinhentos no circulo conclue,
Outros cinquenta e cinquo acrecentando:
Quando em Lisboa vosso Rei instrue,
Bastante armada, e Capitães formando,
A vós o pezo entrega desta empreza,
Como de maior brio, e fortaleza.

LXXIX.

Não se attreve a mandar, que o mór perigo
Tenteis, que vos receia adversa sorte,
Porque hum forte lugar tem já consigo,
A resistencia, a todo assalto forte:
Mas que exploreis o sitio do inimigo,
E que aviseis de quanto ao caso importe,
Para vos socorrer com tanta gente,
Que o risco com partido igual se intente.

LXXX.

Mas vosso valor grande acompanhado
Da ventura, que nisto o favorece,
Não consente lhe seja dilatado
Aquelle bem, que a vista lhe offerece:
Sente o governo em Seytas alterado,
E que huma só cabeça desconhece,
Não perde conjunção, ousado aballa,
Navios, Armas, Entra, Rende, Escalla.

LXXXI.

Causou espanto á França esta excellente
Proeza, a Portugal espanto, e gloria,
Nem esta ao mundo só vos fez presente,
Que em muitas vossa fama era notoria:
De tres dias chegado do Oriente,
Ireis no alcance do Pirata Soria,
O quanto mar contemplo navegado!
Quanto sangue em conflictos derramado!

LXXXII.

Cabo de Gué contempla destruido,
Sendo assaltado de infinita gente,
Mas animosamente defendido,
Na memoria andará sempre presente:
Por vezes foi com rogos commettido,
Entregue á Força o Capitão valente,
Mas inda que o movia hum só bem que ama,
O credito a morrer o força, e chama.

LXXXIII.

Em fim nas duras mãos da esquiva morte,
Despois de grande estrago, entrega a vida,
E deixa á vista a misera Consorte
Cattiva, e quasi em ponto de perdida:
Ó triste condição da humana sorte,
A que males estás offerecida!
Que tragedias inventas desusadas,
Que nem puderam ser imaginadas!

LXXXIV.

Que estê gozando a triste docemente,
Do conjugal amor o penhor charo,
E que roubado o veja de repente
Com lastimoso fim, e trance amaro:
Ó dura obrigação de honra inclemente,
Quanto bem deixas d'alma ao desamparo,
Por huma breve gloria, que procuras!
Quanta gloria d'amor cega aventuras!

LXXXV.

Olha, e verás os muros arrasados,
A melhor defensão posta por terra,
Os defensores mortos, e acabados,
Fim lastimoso da infamada guerra:
Mas se casos ouviste celebrados,
Onde o maior valor a fama encerra,
Spectaculo será neste trabalho
Alvaro sempre insigne de Carvalho.

LXXXVI.

Este só c'hum montante n'huma praça,
A porta derradeira assi defende,
Como que tanto damno só refaça,
E possa consiguir o que pretende:
A qualquer inimigo, que ameaça,
Só co'a sombra, e temor sogeita, e rende,
Nenhum delles chegar se atreve perto,
Por não ficar aos golpes descuberto.

LXXXVII.

Aquelle mais ousado, e que se assanha,
Com furor mais crescido, longe pára,
D'alli faz lança de arremesso estranha,
Que elle ou rebate a tempos, ou repara:
Menos de astes cercado, e o corro banha,
Com menos sangue o Touro, que assaltara
A turba ufana, elle porém bramando,
Co'as mãos irado a terra está cavando.

LXXXVIII.

D'huma Torre a bellissima Mecia,
Se bella está sem côr, que he grande a magoa,
C'o espanto do successo, que alli via,
Avivava d'amor a ardente fragoa:
Na cansada memoria conferia
A perda grande, e os olhos cheios d'agoa,
A voz fraca, razões lhe persuade,
Que pudera aceitar outra vontade.

LXXXIX.

Ah Senhor, diz, não vos mostreis valente,
Contra mi só, só contra mi sois forte,
Menor fica, vós vivo, o mal presente,
Nada remedeais com vossa morte:
E se tratais partido co' esta gente,
Salvais minha honra, cousa de mais porte,
E se acabais, ficando eu triste viva,
Olhai que o menor mal he ser cattiva.

XC.

Mas ai, que quando cuida, que lhe agrada,
E finge recolher-se o amante á cima,
Passado o vio cair d'huma lançada,
Que se abre hum coração, outro lastima;
Desce a voltas confusa, e perturbada,
E sobre o corpo amado desanima,
Tudo o Principe attento vai notando,
E n'alma para sempre conservando.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO UNDECIMO.

I.

Por largo espaço hum Campo dillatava
Estendida planicie, e aberto seio,
E pelo meio hum Rio caminhava
D'agoa emprestada já vazio e cheio:
Aqui co'a vista o Principe ficava,
Queria preguntar, mas hum receio
Temeroso o detinha, em fim rebenta
Nas palavras, que a dor lhe representa.

II.

Ó não me passes em silencio agora
Eudollo as maravilhas, e altos feitos,
Que vejo neste Campo, que orna, e cora
Sangue gentil de Lusitanos peitos:
Bem imagino alguma infelice hora,
Rota vai a batalha, vão desfeitos
Os fortes esquadrões, mas no perigo
Vejo grandezas do valor antigo.

III.

Eudollo então, como sentido, e triste,
Assi começa carregando a fronte,
Já que tanto destorso, e estrago viste,
E mal s'esconde o que se tem defronte:
Prepara hum coração grande, que abriste
Caminho a grandes casos, quando os conte,
Que a representação da amarga Historia
Me suspende os sentidos, e a memoria.

IV.

Estende os olhos, e verás pregado,
N'huma alta Cruz hum corpo sem figura,
Por mil partes aberto, e mil chagado,
Para Christãos de estranha fermosura:
Hum Sacerdote o mostra levantado,
E com palavras cheias de amargura,
A todos animando a dar a vida,
Já por elle morrer nenhum duvida.

V.

E prostrados por terra n'hum momento
Os corações, e as almas inclinando,
C'hum Christão, e devoto sentimento
Por seu favor, e ajuda estão chamando.
Qual lhe entrega somente o pensamento,
E co' esse muito mais lhe está fallando,
Quando da parte da inimiga gente,
Hum grande clamor se ouve de repente.

VI.

Tal levanta algum'hora o mar Tirreno,
De fera tempestade sacudido,
Tal pelo cume rompe do terreno,
Que aballa, e move Encelado opprimido:
Não faz porém aballo no sereno
Animo d'esforçados, que batido
D'aquelle estrondo, os corpos, que arrojara
A devação, com vigor novo ampara.

VII.

Mas quem sustentará valor, e brio,
Contra trovões de bronze, que forjaram
Polvora, e fogo, a cujo senhorio
Ás forças os mais bravos sogeitaram?
Solta-se a furia, contra quem desvio,
Nem resistencia val, quantos deixaram
A luz vital em noite eterna escura,
Dando aos corpos o vento sepultura?

VIII.

Com primicia em sacrificio dada,
He Gregorio, apellido de Noronha,
Que a furor tam soberbo não lhe agrada,
Outrem primeiro, que elle o peito ponha:
Na sorte o segue João Brandão d'Almada,
Que he justo a muitos nisto s'anteponha,
Pois no mundo foi sempre merecida,
Honrosa morte, d'huma honrada vida.

IX.

Mas não lhes faltará justa vingança,
Que em seu favor espritos altos vejo,
A quem vai dando certa confiança,
C'o geral damno o fervido dezejo:
Olha, e verás com quanta segurança
Se aballa, e ábrindo vai honroso ensejo,
Aquelle esquadrão forte de guerreiros,
Que tomaram por nome aventureiros.

X.

Se como esforço os leva, e o nome os guia,
Benevola lhes for nisto aventura,
Bastão sós a pôr freio á Berberia,
Que avantajar-se cadaqual procura:
Rompem com ligeiro impetu á profia,
Nem inimigo algum no encontro dura,
Que ou lugar deixão, postos em fugida,
Ou no mesmo lugar o sangue, e a vida.

XI.

Como soberbo Rio, que assanharam
As vizinhas correntes do alto Monte,
Co'as agoas, que o furor lhe accrecentaram,
Vai combatendo a levantada Ponte:
Já lhe deu hum balanço, já quebraram
Valentes traves, já não tem defronte
Impedimento, e por caminho certo,
Respira vencedor, em campo aberto.

XII.

Tal vai triumphando este esquadrão famoso,
Fazendo estrago, em quanto acha diante,
C'o perigo maior mais animoso,
Na maior resistencia mais constante:
Hum grito se levanta generoso,
Que victoria pregoa, e neste instante
Desmaia o inimigo, elle se anima,
E vai no alcance, porque mais o opprima.

XIII.

Se attentas bem verás, que vai ficando,
Por onde passa hum sitio atrás vazio,
Por falta dos que vai desbaratando,
E o cobre de recente sangue hum Rio:
Bem como silva espessa, onde ateando,
Engano do Pastor no ardente Estio,
O fogo bravo descuberta deixa
A terra, que do fogo ao Sol se queixa.

XIV.

Não se attreve a esperar o encontro duro,
Muley Hamet, inda que bravo, e forte,
Que despois do destorso Rei seguro
Ficou, sendo o Moluco entregue á morte:
He tamanho o temor, que rompe o muro
Da vergonha Real, e o fino corte
Bota da espada, a quem gente acompanha,
Que do Portuguez braço o golpe estranha.

XV.

Nem panico terror incauto, e cego,
Que nacesse d'alguma fantasia,
Foi este, que fez nelles tanto emprego,
Antes do alheio esforço, e valentia:
Tanto foi penetrando o dissossego,
Pouco a pouco gerando covardia,
Que como n'outra stancia não pararam,
Só nos muros de Fez se asseguraram.

XVI.

Outros inda passaram mais avante,
Julgando por vizinho alli o perigo,
Que estar no Campo o Portuguez triumphante,
Bem assentado o tem todos consigo:
Por todo este contorno circunstante,
A nova da victoria do inimigo
Correo ligeira, e já certeficados,
Inda ficão porém desconfiados.

XVII.

Como, quando assombrou com tempestade,
O Mundo, o vento Sul, e já cansado,
Tornou o Ceo mostrar serenidade,
Inda contudo o mar fica alterado:
Inda a bonança pouco persuade,
A paz se mostra n'hum soberbo estado,
E as agoas açoutadas, que inda trazem
As Náos em gyros, mil espantos fazem.

XVIII.

Com este sobresalto extraordinario,
Vendo o Moluco a perdição á vista,
Assentou ser conselho necessario,
O exercito animar a que resista:
E com atrevimento temerario,
(Quem cuidará, que enfermo, e fraco assista
Ao pezo da batalha perigoso,)
N'hum cavallo feroz salta animoso.

XIX.

E levantando a voz com mais esprito,
Que o furor commummente aviva, e esperta,
Se offereceo ao numero infinito
De Vassallos, que o medo desconcerta:
Com este autorisado illustre grito,
Algum mais esforçado a espada aperta,
Mas, como o temor já vencido avia,
Tudo se perturbava, e confundia.

XX.

Fez este no Moluco tanto aballo,
(Spectaculo covarde,) que opprimido
Da paixão caio morto do cavallo,
Co'a nova causa o mal favorecido:
E sem se conhecer nisto intervallo,
Foi logo na liteira recolhido,
Por Mançorico hum Elche seu privado,
E com muito segredo alli guardado.

XXI.

Não se ouviram suspiros, nem lamento,
Nem a tristeza d'alma ao rostro veio,
Que se guardou lá dentro o sentimento,
Por não redundar fora em goso alheio:
Por quam pequeno, e fraco fundamento
Cessaram grandes obras, cego enleio
De causas escondidas, que huma morte
Não conhecida tantas vidas corte?

XXII.

Já neste tempo, os olhos lança, e nota,
O squadrão valeroso entrava ousado,
Não valendo contra elle malha, ou cota,
Nem fortaleza de aço bem forjado:
Que a espada Portugueza não se bota,
No poderoso Escudo, e Arnês provado,
E como resistencia não se achava,
A liteira do Rei morto assombrava.

XXIII.

Cinquo Estandartes, que de verde coram,
Em sinal de victoria, e d'esperança
Animosos Alferezes arvoram
Com galhardia, brio, e confiança:
Olha, e verás como os que Christo adoram
Á força do rigor da espada, e lança,
Dous delles tem rendidos, e a victoria
Se vai manifestando co' esta gloria.

XXIV.

Que falta mais? hum breve, e curto espaço,
Que facilita a venturosa sorte,
Para que nelle hum valeroso braço,
Do Moluco a cabeça inutil corte:
E aquelle terror d'Africa, ameaço
De Portugal, com tam ditosa morte,
N'huma aste levantada se publique,
E a dezejada nova verifique.

XXV.

Mas o Inferno d'enveja stimulado,
Como com tanta gloria se alterasse,
Ou desse a alguma furia este cuidado,
Ou na lingua d'algum a voz formasse:
Ter, ter, soou no Campo hum grande brado,
Para que este esquadrão se retirasse,
Elle parou n'aquella estranha furia,
Sentindo a obediencia, como injuria.

XXVI.

Como quando despois, que o grande Imperio
Soltou d'Eolo os ventos, e passaram
Da cavernosa cova a este Hemispherio,
Se por elle outra vez s'encarceraram:
Este mandado tem por vituperio,
Sentindo o pouco damno, que acabaram,
E da Porta ferozes indignando
O pezo, inda lá dentro estão bramando.

XXVII.

Tanto que este furor, que hia fervendo,
C'o sangue quente suspendeo seu brio,
Logo ouve confusão, cadaqual tendo
C'o damno recebido o animo frio:
Os feridos desmaião conhecendo
Ser desvario não fazer desvio,
Outros, porém, que gloria, e honra dezejão,
Inda vão por davante, inda pellejão.

XXVIII.

Tal, quando o temeroso incendio abrasa
As brenhas c'o furor do irado vento,
E altos carvalhos com violencia arrasa,
Tornando em cinza o tronco mais isento:
Se hum choveiro caio na grande brasa
D'alguma nuve grossa, n'hum momento
Cessa o furor, e só nas partes arde
Mais espessas, onde agoa chegou tarde.

XXIX.

E vendo já o Mauritano bando
Desfallecer a sombra Portugueza,
Que nas espaldas lhe hia carregando,
Com tanto temor seu, tanta fraqueza:
Novo fervor co'a multidão cobrando,
Tornou tentando a perigosa empreza,
Com impetu tam bravo, e tam ligeiro,
Como para fugir fora o primeiro.

XXX.

Quantos a vida chara aqui perderam,
Dos Portuguezes animosamente,
Quantos aqui tambem chara a venderam,
Que barata, o valor o não consente:
Eterna fama, e gloria mereceram,
Que nisto pára hum nó mortal presente,
Ao córte da inimiga espada entregue,
Em defensa do Rei, da Lei, que segue.

XXXI.

Cáe sem vida aquelle valeroso,
Alvaro Pirez Tavora excellente,
Passado d'hum pelouro riguroso,
Despois de mortes mil na Maura gente:
Cáe Alexandre Capitão famoso,
Milagre, e maravilha do Occidente,
Exemplo grande a fracos nascimentos,
Que não tem certo sangue os pensamentos.

XXXII.

Despois que do nativo charo ninho
Se apartou longe, e por regiões estranhas,
Com levantado brio abrio caminho,
Deixando rastro de immortaes façanhas:
Tornando-se outra vez ao patrio Minho,
Foi com favores, e mercês tamanhas
Do Rei galardoado, que se obriga
A que outra vez por elle as armas siga.

XXXIII.

Este principio deu ao nome altivo,
Que mereceo pelo rigor do braço,
O qual eternamente será vivo,
S'em boa Estrella esta memoria faço:
Mas pode muito o tempo fugitivo,
Onde tudo o melhor acha embaraço,
Inda que he digna huma memoria nobre,
Que o tempo fugitivo a não çoçobre.

XXXIV.

Tambem rendeste illustre Sprito a vida
Thomas, honra gentil de Italianos,
Cuja virtude em armas conhecida,
Confessão com seu damno os Africanos:
Nem esta foi aqui menos seguida,
Dos Leaes esforçados Castelhanos,
Que morrendo taes feitos acabaram,
Que a Maura multidão envergonharam.

XXXV.

Attenta hum pouco agora, e vê presente
Hum valeroso insigne Cavalleiro,
Que ha de ser de teu sangue descendente,
Senhor de Montemór, Duque d'Aveiro:
De titulo maior, mais excellente,
Digno mil vezes, e de tal guerreiro,
Sendo Senhor hum Rei, sem ter segundo,
Bem pode ser Emperador do Mundo.

XXXVI.

Mas o Ceo outra cousa determina,
E contra elle não val poder humano,
Em tanto olha, e verás, como se assina
Com valor singular, e soberano:
Ao romper do cavallo a lança inclina
Annuncio triste de seu proprio dano,
E pela terra entrada, que se abria
O temeroso encontro reprimia.

XXXVII.

Qual no Siculo mar a Náo retida,
Por causa da maré, que vem subindo,
D'outra parte do vento combatida,
Está co'a vela inchada resistindo:
Mas a fortuna adversa, e mal regida,
Que do successo infausto se está rindo,
Não pode acabar tanto, que a virtude
Da peregrina espada não se ajude.

XXXVIII.

Com isto anima a gente de a cavallo
Flor de nobreza, e flor de gentileza,
Remindo a obediencia do intervallo,
Que o Rei lhe poz, co'a subita presteza:
Que era preceito não fezesse aballo,
Thé dada lhe não ser disso a certeza,
Mas c'o successo já roto o preceito,
Que estrago de repente deixa feito.

XXXIX.

Por outra parte vê, como se lança
Naquella densa nuve, que apparece,
Dom Duarte de Meneses, nem descansa,
Thé que desfeita em sangue desfallece:
Neste tempo victoria aqui se alcança,
Que he grande o pezo d'armas, que offerece
Toda Cavallaria Portugueza,
Sem achar resistencia, nem defeza.

XL.

Mas que podem tres mil, quando sentirem
Gentes sem conto o debil fraco esteio,
Do numero, se juntos resistirem,
Lembrança funeral, que em fim lhes veio:
Fezeram corpo para confundirem,
Por todas partes com sinuoso enleio,
Os poucos vencedores, que opprimidos
Poderão ser, mas não serão vencidos.

XLI.

Tal pelo mar com victorioso braço
Rompe o soberbo Nilo em sua entrada,
E caminhando dentro largo spaço,
Fazendo ripas vai d'agoa salgada:
Porém lá mais avante em seu regaço,
Vai cedendo a corrente arrebatada,
E pouco a pouco o mar, que o traga, e come
Em si o converte, e perde Nilo o nome.

XLII.

Tinha o Principe os olhos, e alma attento,
N'hum guerreiro feróz, que via armado,
E levado deste alto pensamento,
Esta pregunta fez, quasi turbado:
Quem he? que me dá n'alma hum sentimento,
Aquelle em armas tanto avantajado,
Aquelle no maior risco presente,
A quem segue em tropel luzida gente?

XLIII.

Eudollo então lá do intimo do peito
Tirando a voz cansada, assi responde:
Ah quem pudera com silencio estreito
O caso reprimir, que a dor me esconde!
Mas a lei de primor me tem sogeito,
Que sempre co'a verdade corresponde,
Prometti divulgar casos escuros
De tua vida, e Reino inda futuros.

XLIV.

Aquelle he Sebastião Rei sem ventura,
Senão he mais ganhada, assi perdida,
Que se a do Ceo desta arte se procura,
Para tal morte bem ditosa vida:
Na flor de sua idade fresca, e pura
Sacrifica a vontade, offerecida
A Deos de longe, que este sancto intento
Trouxe quasi do berço, e nascimento.

XLV.

Cresceo c'os annos thé que foi aceito,
Que estava já do Ceo determinado
O fundamento, e causa deste effeito
Na pretenção d'hum Mouro desterrado:
Paga foi digna d'hum sincero peito,
D'hum coração honesto, e casto estado,
Que as horas de deleite, e d'alegria
Em delicias de caça despendia.

XLVI.

E se castigos são de Deos favores,
Quando cáem mormente em tal suggeito,
Foi o zelo de seus Progenitores,
Com estes appremiado, e satisfeito:
Aquella devação de seus Maiores,
Da Fé de Christo aquelle amor perfeito,
Que satisfação tinhão cá na vida,
Se não esta, que estava merecida?

XLVII.

Reino, que lá na mais estranha parte
Dos Confins alongados do Oriente,
Por tam certos perigos, que reparte
A difficil jornada do Occidente:
Foi arvorar o mystico Estandarte
Da Cruz, que restaurou a humana gente,
Que mais ditoso fim se lhe esperava,
Que este agora, que merecido estava?

XLVIII.

Mas soão tanto as armas do provado
Cavalleiro, que todo me confundo,
Nunca em natural brio, levantado
Sprito, e forças iguaes teve segundo:
Tanto em seu proprio braço confiado,
Que cuida só pode render o mundo,
A Magestade Real, e a verde idade,
Podião persuadir-lhe esta verdade.

XLIX.

Neste passo, que vês, foi avisado
D'hum Armado, que o Campo discorria,
Que os inimigos já tinhão ganhado
Com subito terror a Artelharia:
Rompe-lhe o coração este cuidado,
E com tam desusada valentia
Sobr'elles dá, que a presa, que afferraram
Com muito damno seu logo soltaram.

L.

Tal, quando se lançou no charco, ou lago
Algum madeiro, e nelle as rãas saltaram,
Sentindo o natural, e morto affago,
Com que de seu temor se asseguraram:
Se o grande Hydro, que nellas faz estrago,
Apparece sobre agoa, desamparam
Logo o madeiro, e cadaqual adonde
Acha melhor abrigo, alli se esconde.

LI.

Com isto Sebastião bravo concebe
Nova esperança, a seu animo inteiro,
E como incendio morto, que recebe
C'o vento, que soprou vigor primeiro:
Co'a mais gente, que pode, se apercebe
A tentar o perigo derradeiro
Com tal esforço no inimigo bando,
Que eu tremo com estar imaginando.

LII.

Ai quanto estrago á vista represento,
Quanto sangue Christão vai derramado,
Contar honrosas mortes levo intento,
Que nellas o valor está provado:
Não ha gloria maior, nem vencimento,
Que hum desprezo da vida, e hum fim honrado
Em semelhante causa, attento adverte
Hum sprito singular, que me diverte.

LIII.

Sobre hum montão de mortos levantado,
(Parte destorso de seu braço forte,)
De firidas mortaes todo passado
A todos animando espera a morte:
Inimiga bandeira arvora ousado
(Para que a outra empreza os mais conforte)
Dom Simão de Meneses, thé que a vida
Pouco a pouco caio desfallecida.

LIV.

Ó que atrevido vai, como se apressa
Tras o premio gentil do animo nobre,
Quam ligeiro o cavallo, que arremessa,
Para que em pouco espaço o alcance, e cobre:
E como ir por diante aqui professa,
A quem lhe diz, que volte, e o curso dobre,
Meu cavallo he de sorte, esta voz solta
Sebastião de Sá, que nunca volta.

LV.

Que nova empreza usais galhardo Sprito
Do Barrete vermelho, qu'entre os dentes
Arrebataes, com animo infinito
Mettido entre o furor da Maura gente?
He tempo de obras só Barão d'Alvito
Fortissimo Dom João, estas presentes
Levais agora na sanguina empreza,
Que vos mostra dos Lobos a nobreza.

LVI.

Do sangue de Meneses vejo hum lago,
Illustre sangue, e como tal vertido,
Troca Dom Manoel em lança o Bago,
De Coimbra Pontifice escolhido:
Achão de seu esforço digno pago
Dom Anrique, e Dom Alvaro, e perdido
O alento vital com Dom Diogo,
Dom Francisco deixou no Marcio jogo.

LVII.

Do fraterno valor, que o mundo espanta
(Honra do Louriçal) estimulado
Dom Anrique nas armas se levanta,
E de lançadas cáe traspassado:
O bravo Dom Luis não se quebranta
C'o terror dos imigos desusado,
E por elles rompendo ousado corta,
Thé que a espada ficou co'a vida morta.

LVIII.

E não he justo, que em silencio ponha
Dous famosos Irmãos, que a morte esconde
Dom Pedro, e Dom Lourenço de Noronha,
Gloria do honrado Pai illustre Conde:
He justo, que a tratar a voz disponha
D'outros dous, cuja sorte lhes responde,
Ficando o mundo em viva enveja delles,
Manoel, e Hieronymo, ambos Telles.

LIX.

Fermoso Sylva, que em seu sangue absorto
De purpura o Roxete, Elmo a Tiara,
Fez de si sacrificio, e lá no Porto
A Deos por quem morreo, sacrificara:
Jorge da Silva já contemplo morto,
O Regedor não rege a vida chara,
Dom Diogo a morrer com passo franco,
E Dom Martinho vão de Castelbranco.

LX.

Escolhestes no Campo sepultura
Dom James, de Bragança ramo charo,
E em Mausoléo de maior altura,
Eternizastes vosso nome claro:
Vós de sangue tingistes a verdura
Dom Rodrigo da vida pouco avaro,
Deixando atrás com nobre confiança,
Da Caza de Tentugal a esperança.

LXI.

Ó forte Portugal detente, pára
Conde famoso, que he grande o perigo,
Mas que digo? que a vida o desampara,
Em quanto esta palavra em vão lhe digo:
E salvar-se quam pouco lhe montara,
Pois não achara o Filho então consigo,
Aquelle Dom Manoel, que o mundo acanha,
Co'a morte, com que o Pai forte acompanha.

LXII.

Que ruido cruel, que bravo estrondo
Ouço d'armas aqui soar vizinho,
E o magnanimo Conde do Redondo,
Mostrar na morte o esforço de Coutinho?
Em vão se quero o nome claro escondo
De Dom Vasco, que segue este caminho,
De não menos valor, nem menos forte,
Se no appellido igual, tambem na morte.

LXIII.

Tardando vou, e vejo, que me chama
Proximo quasi á hora derradeira,
Outro Dom Vasco, no appellido Gama,
Digno Conde, e Senhor da Vidigueira:
Já pelo Campo infido se derrama
O sangue de Dom João, que da Silveira
O titulo sustenta verdadeiro,
Da Caza de Sortelha unico Herdeiro.

LXIV.

Pouco Simão da Veiga a vida estima,
Que já no derradeiro trance a via,
Já desfallece Dom Diogo, e Lima,
Com João Coresma Sancho de Faria:
Por Dom Francisco, e Moura se lastima
O politico brio, e cortezia,
E já cortar a Parca os fios ousa
A Manoel, e Lopo ambos de Sousa.

LXV.

He tempo já, que alongue a vista, e veja
O destorso cruel, que deixa feito,
E quanto ha de fazer, antes que seja
Dom Jorge á temerosa Lei sogeito:
Larga passage a seu pezar despeja
D'aquelles, que lhe põem contrario o peito,
E como a multidão, quem crece admira,
Com resguardo, e cautella se retira.

LXVI.

Não foi este respeito o mais forçoso,
Se a retirar-se algum respeito obriga,
Nem hum amor da vida temeroso
O move este desenho, e intento siga:
Mas de ver a seu Rei zelo amoroso,
Morrer com elle o traz, e o affadiga,
Este busca, este chama, e co'esta falta,
Outra vez os imigos bravo assalta.

LXVII.

Quem vio nocturno fervido exercicio,
Do salitrado fogo estar ardendo,
E entre invenções formadas d'artificio,
Huma se ir sobre as nuves escondendo:
Outra fazer na gente alegre officio,
Outra andar pelo fio discorrendo,
Que o furor com que n'outra parte toca,
A tornar outra vez logo a provoca.

LXVIII.

Ó furia desigual alli forjada
Nas fragoas infernaes d'incendio, e d'agoa,
Para mortes, e damnos inventada,
Perturbação do Mundo, eterna magoa:
Se pudesses ficar nesse ar parada,
Ou reduzir-te á tua propria fragoa?
Mas he tempo, que acabes huma vida,
Envejada por grande, e aborrecida.

LXIX.

Sáe do ferro concavo o pequeno
Globo os ares vizinhos inflammando,
E deixa seu mortifero veneno
No peito singular, que foi passando:
Subindo vai o Spirito sereno
Ao lugar, que lhe está determinando
Aquella justa Lei, que premio ordena
Eternamente a tam ditosa pena.

LXX.

Grande columna cáe, grande exemplo
Perde a virtude já rota, e desfeita,
Porém alevantado inda contemplo
O grande Sebastião, que o risco aceita:
Maravilhas de eterno, e vivo templo
Dignas obrando, Sceptro não respeita,
E de sorte se arrisca, e se aventura,
Como que só render tudo procura.

LXXI.

A suas proprias mãos toma da alheia
Duas Bandeiras em conflicto aberto,
Valor desesperado não receia
O perigo buscar, quando está perto:
Dous cavallos tem mortos, outro enfreia,
Que hum Vassallo em serviços sempre certo
Lhe offereceo, de o ver mais desmaiado,
Que das firidas de que está passado.

LXXII.

Ó animo Fiel em toda idade,
Digno de eterno nome, e viva fama,
Espreitas occasião na adversidade,
Para dares favor a quem te chama:
Nem tanto a obrigação te persuade,
Que quando a vida alheia muito se ama,
Não se pode arriscar a propria vida,
Mas morrer por tal Rei ninguem duvida.

LXXIII.

Neste, que Jorge d'Albuquerque solta,
Cavallo já cansado faz entrada
Sebastião na gente mais envolta,
Donde fica difficil a tornada:
Quanta morte succede nesta volta
N'hum inimigo, e n'outro executada!
Que huns a boa fortuna faz ousados,
Outros ousão por já desesperados.

LXXIV.

Já veio ó Manoéis a gloria vossa,
He justo já, que ao mundo se publique,
Para que fique na memoria nossa,
E nella honrada esta memoria fique:
A morte a Dom Francisco desapossa,
A Dom João, Dom Nuno, e a Dom Fradique,
Cujo corpo com lastima, e cuidado,
Será da Mãi piedosa resgatado.

LXXV.

Ó spectaculo triste, ó nunca ouvido
Caso jámais, como lastima, e corta,
Mas he dia a desgraças refirido,
Aberta a magoas só temos a porta:
Andava pelo Campo offerecido
Ao golpe derradeiro, a cor já morta,
As forças já quebradas, João Carvalho,
Buscando allivio no ultimo trabalho.

LXXVI.

Atravessado o peito esquerdo abria
D'huma lançada thé que desfalleça,
Quando defronte o Filho amado via,
Partida por tres partes a cabeça:
Parou, e nelle não se conhecia,
Inda que cousa sua lhe pareça,
Que a gentileza, que seu rostro adorna,
C'o sangue, e mortal sombra se trastorna.

LXXVII.

C'os olhos cadaqual se communica,
Que a lingua c'o spectaculo emmudece,
Hum n'outro por espaço absorpto fica,
Muito lhe quer dizer, tudo lhe esquece:
Vão-se aos abraços, que este nó publica
Affeitos grandes, que alma em si conhece,
Juntos dest'arte, assi se offereceram
Á morte, e juntos desappareceram.

LXXVIII.

Ditoso Pai, que tanto soube ao vivo
Gerar per natureza hum semelhante,
Que nelle retratou seu brio altivo,
Executado neste honroso instante:
Ditoso Filho, pois em trance esquivo
Teve exemplo tam vivo, e tam constante,
Ditosos ambos, pois n'hum tempo, e sorte
Vistes o galardão de vossa morte.

LXXIX.

O que airoso, e galhardo corta, e talha,
Sem temor de seu damno, em damno alheio,
Rompendo pelo meio da Batalha,
Buscando fim por tam ditoso meio:
As armas rotas, já desfeita a malha,
Sem elmo, que o calor, que ardente veio
Ajuda a mão cruel contra elle armada,
Gomez Freire caio d'huma lançada.

LXXX.

Mas não ireis, ó alma generosa,
Tomar posse do Ceo sem companhia,
Que vos segue nesta hora tam fermosa,
Vosso Filho, vossa unica alegria:
A Coroa immortal com vosco gosa
Nuno Fernandes Freire, que profia
Ganhar subindo mil felices Palmas,
Mandando para o Inferno tantas almas.

LXXXI.

Como tam cedo desprezais a vida,
Moço gentil nascido em boa Estrella,
Que primeiro, que seja possuida
Fazeis renunciação tam larga della?
De tres lustros não era bem cumprida
A roda, nem cobria a face bella
Mimosa pluma, e qual fresca bonina
Co'a calma, Antonio, e Sousa o collo inclina.

LXXXII.

Nem vós deixastes de pagar tributo
Devido, ó grão Barreto, á lealdade,
Que não ficou de vosso sangue enxuto
O Campo, que descobre esta verdade:
Cobre os olhos de negro mortal luto
Dom João Pereira, e morto persuade
A Manoel Coresma a sorte siga,
Nem de Luis d'Alcaçova inimiga.

LXXXIII.

Cáe Estevão Soarez, que nomea
O titulo de Mello generoso,
Com Bernardo de Mello, que se arrea
De mil despojos em seu fim ditoso:
O temor destas mortes não refrea
A Christovão d'Alcaçova animoso,
E paga a obrigação, que á honra deve
Thomé da Silva, e Dom Gaspar de Teve.

LXXXIV.

Deixa de seu esforço exemplo raro
Dom Antonio da Costa, em cujo espelho
João de Mendoça, e Dom Jorge de Faro
Se vêm, Luis de Castilho, e Antonio Velho.
Dos Tavoras caio o grande amparo,
Nem esse raro em letras, e conselho
Francisco de Carvalho a morte estranha,
E seu Irmão Pedr'Alvres o acompanha.

LXXXV.

Inda me appareceis em campo largo
Excellentes Meneses, Dom Gracia,
A quem de tam pesado, e duro encargo
A muita idade isento já fazia:
Chegado vos contemplo ao termo amargo,
E vosso amado Filho não desvia
O corpo ao mortal golpe, Dom Duarte,
E Dom Pedro se mostra d'outra parte.

LXXXVI.

Fugistes por ventura a desventura
Insignes Castros? não, que o ser antigo
O vosso derramado aqui mistura
Dom Luis, e João, c'o sangue do Inimigo:
Ficastes Dom Diogo em noite escura,
Dom Alvaro sem luz, e Dom Rodrigo,
E outro de vosso nome, e do appellido
Escolheo, como nobre este partido.

LXXXVII.

Vês aquelle famoso, que iguallando
Do bravo Grego a singular pojança,
Maravilhas estranhas vai obrando,
Que o tempo peza na immortal balança?
Aquelle, que em mil vidas, vai tomando
Da morte, que lhe dão, justa vingança?
Sangue verte de tua amada vea,
Dom Jorge de Lencastre se nomea.

LXXXVIII.

Ó forte, ó valeroso, passa avante,
O curso do Cavallo não detenhas,
Que aqui morrendo te verás triumphante,
Se a vida por teu Rei, ousado empenhas:
Mas bem te vejo intrepido, e constante,
Illustre Dom Fernando Mascarenhas,
E como estás á morte resoluto,
Deixarás de teu nome eterno fruto.

LXXXIX.

Estava Sebastião em grande aperto,
Cercado d'infinita gente brava,
Que já com victorioso desconcerto,
Mil mortes promettendo se chegava:
Consigo este Guerreiro fez concerto,
De ver huma das mortes, que esperava,
E porque a do seu Rei dera mais pena,
A sua exprimentar primeiro ordena.

XC.

Bate o cavallo, que conhece o intento
Do Senhor obrigado de honra, e d'ira,
E correndo ligeiro como vento,
(Como que a sente) á mesma gloria aspira:
Cáe Fernando á vista sem alento,
E c'os olhos no Ceo geme, e suspira:
Em que peito de Rei não faz aballo
A lealdade estranha de hum vassallo?

XCI.

Vai inclinando a Portuguesa gloria,
E de todo com vossa morte inclina
Conde illustre de Mira, cuja historia
Pudera ser ao mundo peregrina.
De vossas obras ficará memoria,
Pois neste honrado fim tanto se affina
Vosso valor, que por nova estranheza,
Sereis gloria da gloria Portugueza.

XCII.

Sinto a terra tremer c'o grande aballo
Das armas do famoso Castelhano
Por titulo Chacon, e Dom Gonçalo,
De valor, e de esforço mais que humano:
Bravo arremessa o rapido cavallo
Dom Alonso Aguilar, com muito dano
Do sangue imigo, e logo acho presente
Aldana Capitão destro, e valente.

XCIII.

Mas todos tres mostrais na honrosa morte,
Que não fostes do gram Monarcha eleitos:
Para que em tal miseria, e triste sorte
Vós ficasseis da vida satisfeitos:
Acaba Monsiur de Thamberhc forte,
Rompem-se aquelles valerosos peitos,
Que mandava, e regia de Alemanha,
E vem gloria buscar á terra estranha.

XCIV.

Vejo a fonte de males já secar-se,
Vejo a brasa do incendio amortecida,
O Xarife no Rio çoçobrar-se,
Querendo a nado libertar a vida:
E já vejo de todo perturbar-se
A gente por mil partes affligida,
Já sua desventura se publica,
Já pelos Mouros a victoria fica.

XCV.

Menos esta desgraça se chorara,
Pois tam poucos a tantos se attreveram,
E por conta infalivel, certa, e clara,
Vencedores em dobro, aqui morreram:
Se aquelle Rei querido não faltara
Á vista dos que tanto o defenderam,
A quem vejo cercado do Inimigo,
E posto quasi no ultimo perigo.

XCVI.

Os esquadrões grossissimos desceram
Dos Alarabes, e com bravo insulto
Dos Vassallos o globo acommetteram,
Onde Sebastião estava occulto:
Muitos mataram, muitos offenderam,
Por se não descobrir o regio vulto,
Mas não avia já poder bastante,
A resistir a furia semelhante.

XCVII.

E vendo, que lhes era necessario,
Dar-se algum acertado pensamento,
Para se reprimir o temerario
Encontro, e pôr-se el Rei em salvamento:
Divisa branca, symbulo ordinario
De paz, e sogeição, s'estende ao vento,
A Barbaros pedindo em tanto aperto
Algum conveniente, e são concerto.

XCVIII.

Mas quem poderá pôr freio á virtude,
Quem reprimir hum animo valente?
Para que inda em taes lastimas se ajude
De condições, que o brio não consente:
Não he bastante a morte, a que se mude
Sebastião de si mesmo, e de repente
Com furor represado se abalança,
Onde o Reino acabou sua esperança.

XCIX.

Tal o calor do Sol foi levantando
Lá na parte o vapor mais alta, e fria,
Onde se esteve em nuves engrossando,
E dentro a exhalação se densa, e cria:
Logo se vai em pedra conglobando,
E rompendo a região desse ar vazia,
Nas intimas entranhas da alta serra
(Assombrando o contorno) alli se enterra.

C.

Campo de Alcacer nunca em ti se veja
Primavera gentil, mas secco Estio,
Nunca o Ceo, na sazão, que se dezeja,
D'agoa te cubra, nem de orvalho frio:
O teu nome infamado sempre seja,
Que em ti perderam fortes lustre, e brio,
Não pode dizer mais Eudollo, e sente
O mal futuro, como já presente.

AFFONSO AFRICANO.

CANTO DUODECIMO.

I.

Vinha já por aquella do Oriente
Primeira porta a nova luz saindo
Da rutilante Aurora, ao mundo, e gente
Quanto a noite roubou restituindo:
Quando entre alegre, e hum pouco descontente
C'o successo, de quanto esteve ouvindo,
O Principe de Eudollo se despede,
Que c'o caminho o tempo, e as horas mede.

II.

E quando Phaetonte c'os primeiros
Raios dourava o monte mais subido,
Chega ás portas d'Arzilla, e dos Guerreiros
Vencedores foi logo conhecido.
Sinaes dão d'alvoroço verdadeiros,
E por muitos foi dentro recolhido,
E já presente o Pai, que o esperava,
Affeitos de saudade lhe mostrava.

III.

Dizendo, Filho meu, não sei que diga
A quantos sobresaltos tendes dado,
E que Fortuna he esta tanto imiga,
Que a seu tempo me traz sempre hum cuidado:
O Principe, que vio, que o Pai o obriga
A responder-lhe, diz, foi hum forçado
Successo, de que a tempo darei conta,
E o Pai, ver-vos a salvo he o que monta.

IV.

Neste tempo se ouvio grande ruido,
Dos que a sorte a cattivos obrigara,
Entr'elles vem o numero escolhido
Dos Companheiros da famosa Zara:
Mas a Luzel já d'alma convertido,
Com liberdade Affonso, e honras ampara,
Obstinado Chaot no erro primeiro,
Se condemna a perpetuo cattiveiro.

V.

Soavão d'outra parte amaros gritos,
Que sair parecião das entranhas
Da terra, com gemidos infinitos,
Confusas vozes, oppressões estranhas:
Dos Cattivos em carceres afflitos,
Que em novidades raras, e tamanhas
Dos golpes, que sentião, publicavão
Os horridos lugares onde estavão.

VI.

Não lhes dilata Affonso o repentino
Gosto, da dezejada liberdade,
Que elle tem seu quillate então mais fino,
Quanto menos alguem se persuade:
Nem sofre, que hum favor alto, e divino,
Que lhe fez a suprema Magestade,
Áquelles tarde vá communicado,
Que em tempo estavão mais necessitado.

VII.

Descer manda ás Masmorras cavernosas,
Carceres de prizões, e penas varias,
A dar aquellas novas venturosas,
Tanto neste lugar extraordinarias:
Entrão muitos por bocas tenebrosas,
Abrindo-lhe caminho luminarias,
Para poderem dar a cegos lume,
Que em noite já vivião por custume.

VIII.

Á nova luz os olhos levantaram,
Reconhecendo o bem, que do Ceo vinha,
E n'alma d'alvoroço, se alegraram,
Como em tão raro extremo lhes convinha:
Para o resplandor logo se chegaram,
Cadaqual, como força, e vigor tinha,
Louvores dando ao Rei, que desta sorte,
Allumear os veio em viva morte.

IX.

Entre estes hum qual Noctua, que s'esconde
Dos raios do primeiro Sol, que aponta,
Para as roturas de edificios, onde
Não chega aquella luz tam viva, e pronta:
Fugindo andava, chamão, não responde,
Que já da liberdade não faz conta,
E n'hum recanto cego, e mais escuro,
Alli se foi metter, como em seguro.

X.

Vendo hum estremo tal, com zelo amigo
Chega hum d'aquelles c'huma tocha ardente,
Dizendo, inda que crú sejas contigo,
Eu só contigo quero ser clemente:
Como fojes de mi, como inimigo?
Venho a salvar-te, como estoutra gente,
Que tam affeito estás a más venturas,
Que nem de vida, nem remedio curas?

XI.

Elle então levantando a voz amara,
Como queres, responde, que obedeça,
Se agora co' essa luz vejo mais clara
Minha culpa, e o castigo, que mereça:
Como usar pode da clemencia rara
O Rei benigno, quando me conheça,
Que eu sou aquelle traidor ingrato,
Que contra sua vida tive trato.

XII.

A causa de Dom Pedro defendida
Por mi, fosse cegueira, ou desvario,
A triste morte pouco merecida,
Que enveja tece thé cortar o fio:
A forte obrigação d'amor devida
A Principe tam justo, brando, e pio,
Me trastornou, e confundio de sorte,
Que tentei dar incauto a tal Rei morte.

XIII.

Despois que da prizão dura, e pesada
Por industria escapei, que nunca fora,
Pode ser, que estevera perdoada,
Se confessara a culpa, que em mi mora:
Como Náo de mil ventos arrojada,
Tive em fim de descanso huma triste hora
Neste porto de mais difficuldades,
Do que foram passadas tempestades.

XIV.

Que nisto commummente aquelles param,
Que do Rei fojem inda que offendido,
A quem se erros passados confessaram,
Teveram por amigo enternecido:
Mas quantos o perdão difficultaram,
Muito mal seguraram seu partido,
Que não ha mór offensa de hum Vassallo,
Que chorada em tal Rei não faça aballo.

XV.

Ó mil vezes feliz, e mil ditoso,
(Elle lhe torna) pois que vem buscar-te,
A esta tam benigno, tam piedoso
Esse de quem fugiste em toda parte:
Confia, não te mostres temeroso,
Que em todo tempo podes melhorar-te,
Que esse de erros geral conhecimento
Caminho he certo de arrependimento.

XVI.

Com isto se assegura, e do sombrio
Lugar de penas sáem todos fóra,
Vêm novos ares, e com rogo pio,
Cadaqual o divino Ser adora:
Dest'arte vão, e as lagrimas em fio
Mostrão, que de prazer tambem se chora,
Affonso os recebeo, mas avisado,
Fez mais favores ao desconfiado.

XVII.

E a todos pelas causas preguntando
Dos infortunios graves, deu primeiro
C'os olhos seus n'hum velho venerando,
Retrato da miseria verdadeiro:
Dizendo-lhe, contai-me, como, e quando
Chegastes a tam duro cativeiro:
Elle parou, como quem faz memoria,
E assi começa a lastimosa Historia.

XVIII.

Silves do Reino Algarve a mais antiga
Cidade, vio primeiro o nascimento
Deste cattivo, que a fortuna imiga,
Poz em tam longo, e duro apartamento:
Que genero de vida incerto siga
Na mocidade, em sancto ajuntamento
Da mesma Patria huma mulher me coube,
Que a liberdade cattivar me soube.

XIX.

Com esta dos primeiros tenros annos
Criado fui, e foi o amor crescendo
De sorte, que quaesquer pequenos danos
Fugindo seus prazeres só pretendo:
Mas destas affeições os desenganos
Ao longe esperam, quem se vai perdendo,
Que por ella me vi triste, e cattivo,
De sorte, que não sei, como inda vivo.

XX.

Hum dia, amargo dia, sobre a tarde,
Quando he mais grato o Ceo no ardente Estio,
Quando o Sol se recolhe, e menos arde,
Dezeja em leve barco vir ao Rio:
Eu por lhe comprazer, feliz quem guarde
Para hum cego appetite algum desvio!
Satisfiz logo, e para eternas magoas,
A remos comecei cortar as agoas.

XXI.

E pouco a pouco ao longo indo da terra,
Fomos perdendo a vista da Cidade,
Ah quem cuidara então, que se desterra
Para tam longa ausencia, e saudade!
Eu avisado da continua guerra,
Que imigos fazem da Christãa verdade,
Tendo armado em silladas sempre o arco,
Quiz virar para trás o leve barco.

XXII.

Mas ella mais do justo dezejosa
De ver a foz do mar, me roga, e pede
Mais atrevida, e menos temerosa,
Vamos avante pois, que nada impede:
Eu lhe dice com voz triste, e penosa,
O que a vezes alli de mal succede,
Ella resiste, e dando em mór estremo,
Quasi me quiz tomar das mãos o remo.

XXIII.

Vou-me nescio com ella por seu gosto,
Fazendo pouco caso do perigo,
Por a não desgostar com ledo rosto,
Mas não sei, que sentia cá commigo:
Nisto demos n'hum cego escuro posto,
Encuberta colheita do Inimigo,
De juncos grossos prenhe, e d'espadanas,
Verdes salgueiros, e viçosas canas.

XXIV.

Quando subitamente d'alli sáe
Outro batel de Mouros guarnecido,
De seu lugar o coração me cáe,
Vendo-me incautamente assi perdido:
Quem ha, que em tanto damno não desmáe?
Meu mal conheço tarde arrependido,
E os olhos nella com voz alta disse,
Não cuidei, que por vós tam mal me visse.

XXV.

Mas ella a meu descuido a culpa lança,
Já de minha affeição bem descontente,
Que a verdade do bem nunca se alcança,
Senão despois que á vista o mal se sente:
E porque recontar desgraças cansa,
Alli fiquei cattivo, e della ausente,
Que os Mouros o despojo variaram,
E para este lugar me desterraram.

XXVI.

Em todos compaixão geral nascia,
D'hum spectaculo cheio de amargura,
Mas o Rei sobre todos o sentia,
Que era dotado de maior brandura:
E para testemunho da alegria,
Que ver em livres corações procura,
Os manda despojar dos pannos pobres,
E cobrir d'outros novos, e mais nobres.

XXVII.

Quando hum nuncio appressado se appresenta,
Que o contorno maritimo descobre,
E com ligeira voz lhe representa
O temor grande, que estas partes cobre:
Dizendo o vivo raio, que se augmenta
De vossa gloria, a Tanger forte, e nobre
De maneira assombrou, que desampara
O sitio ufano da Cidade chara.

XXVIII.

Os homens o melhor ornato mudão
Ás costas e hombros, para os montes altos,
As molheres tambem nisto os ajudão,
Passando em tanto varios sobresaltos:
Algumas, que Amor força ao mais acudão,
Os filhinhos de idade, e vigor faltos
Levão, qual vai no collo, ou no regaço,
Qual no peito, qual n'hum, qual n'outro braço.

XXIX.

As Donzellas ao vento derramados
Os cabellos, sem ordem, sem concerto,
Sobre a cabeça as mãos, no Ceo pregados
Os olhos, em sinal de grande aperto:
Arrancando suspiros magoados
D'alma, seguindo vão qualquer acerto
De caminhos, que a sorte lhe offerece,
Qual cáe com temor, qual desfallece.

XXX.

Outros fazendo vão grandes fogueiras
Pelas praças, e ruas, onde lanção
As reliquias de fato derradeiras,
Quando já de subir aos Montes cansão:
Mostras são de miseria verdadeiras,
Pois por contentamento, e goso alcanção,
Por livrar dos imigos a fazenda,
Offerecella ao fogo, que a defenda.

XXXI.

Não passarei, que he novo, e estranho o caso,
Por hum, que vi digno, que o Mundo o conte,
Queimava o Sol ardente o Campo raso,
Steril de Rio, e de perenne fonte:
E os tristes, que fugindo vão do praso,
Que o perigo ameaça já defronte,
Á força do cansaço vão perdendo
As forças d'alma, e o spirito rendendo.

XXXII.

Só brotava no cume d'huma serra
Vizinha alli, corrente d'agoa clara,
Que como os Naturaes dizem da terra,
Nem no maior rigor do Estio pára.
Tam peregrina qualidade encerra,
Que infirmidades contagiosas sara,
Corpos, que lava de velhice cheios,
Ficão de toda antiguidade alheios.

XXXIII.

Esta busca galhardo na apostura,
Cansando no vagar com que caminha,
No conto d'huma lança se assegura,
Hum soldado (segundo as armas tinha:)
D'outra parte saindo da espessura,
Para a fonte hum Leão descendo vinha,
E chegando primeiro, pára incerto,
E logo no soldado, que vio perto.

XXXIV.

Elle se lança ás agoas sem receio,
Que era maior a sede, que o perigo,
Que a Natureza estreita se vê meio,
Não faz do incerto fim conta consigo:
O Leão lhas defende, e neste enleio,
Pouco espaço passou, em quanto sigo
(Apertando o cavallo) hum breve atalho,
Para me achar tambem neste trabalho.

XXXV.

Cheguei, e já de parte jaz lançado
O forte aventureiro sem alento
Não d'algumas feridas traspassado,
Mas d'hum desmaio, e desfallecimento:
Apertei c'o Leão hum pouco ousado,
Deu-me esforço o brioso sentimento,
Elle, como se grandes alas vira,
Com repentino medo se retira.

XXXVI.

Nisto apeado a dar remedio acudo
Ao corpo frio, e já na terra posto,
Desaperto-lhe as armas, levo o Escudo,
E desaffogo da Vizeira o rosto:
Vi cousa milagrosa, e fiquei mudo,
Ao sobresalto igual foi meu desgosto,
Dei n'hum subido ser de fermosura,
Inda agora em minh'alma a stampa dura.

XXXVII.

Cairam-lhe os cabellos derramados
Pelas espaldas, desconcerto airoso,
Os olhos, que thé alli tinha pregados,
Scintillaram c'hum raio luminoso:
Tras isto despidio huns ais cansados,
E já de coração pouco animoso,
Alvorocei-me, e d'agoa, que corria,
Derramei logo sobre a face fria.

XXXVIII.

Tornou em si, e os olhos em mi fita,
Como que do successo se espantava:
Esta mudança subita me incita
A perguntar-lhe, de que modo estava:
Quem era, porque as armas exercita,
E c'o novo disfrace a que aspirava?
Ella com doce voz, porém turbada
Responde, he magoa ouvilla, ouvilla agrada.

XXXIX.

Zara sou, ai de mi, que nunca fora!
Do Rei, que manda esta Provincia, Filha,
E se de mi pudera ser senhora,
Eu o fora de quanto se lhe humilha:
Mas a sorte dos bens perturbadora,
(Sendo ao mundo milagre, e maravilha)
Me fez fabula agora, as armas sigo,
Por fugir c'hum perigo, outro perigo.

XL.

A fama desta gente Lusitana
Me accendeo n'alma hum intimo dezejo,
Mas Amor m'enganou, que tudo engana,
Para me ver no estado em que me vejo:
Cattivou-me a belleza soberana
Do Principe de sorte, que não rejo
Vontade, nem razão, e em noite escura
Sahi, para provar co' elle ventura.

XLI.

Não sei que foi! foi meu destino triste,
Antolha-se-me o Principe diante,
Eu vou seguindo, elle em fugir insiste,
Vede a cegueira de hum novel amante:
Quanto mais vou trás elle, mais resiste,
E vai buscando o mar em breve instante,
N'hum barco aparelhado entra ligeiro,
Eu trás elle por dar-lhe companheiro.

XLII.

Desamarra da praia o barco leve,
Engolfa-se, eu c'o amor nada temia,
Ah esperança falsa, ah gosto breve!
Olho, busco, não acho a quem seguia:
Choro meu mal, não ha quem mo releve,
Torno a chamar, trabalho em vãa profia,
Desmaio, a noite passa, a luz apponta,
Em Tanger me acho, e n'outra nova affronta.

XLIII.

Notei confusa a gente, e perturbada
Andar vagando, duvidosa, e incerta,
Já de tudo esquecida, e só lembrada
Da vida, que o temor, e risco aperta:
Eu timida molher desamparada,
Vim buscando esta parte mais deserta,
Por me satisfazer, desta agoa pura,
Aqui lhe causa a voz, perde a figura.

XLIV.

Eu quasi acompanhando c'hum trespasso
Aquella natural miseria nossa,
Acodi, como pude, o pulso escasso,
Olhos sem luz, a lingua fria, e grossa:
Encargo duro, e trabalhoso passo,
Do qual não ha quem ser isento possa,
Com esta adaga breve sepultura
Abri, para tamanha fermosura.

XLV.

Dos mais proximos ramos fui cortando,
Do verde Myrto, e vencedora Palma,
Hum tropheo sobre a cova levantando,
(Sylvestres honras a tam gentil alma:)
Parou o Nuncio aqui, que foi notando
Hum susurro, que logo (estando em calma)
Correo por todos sobre a triste Historia,
E tornou a fazer do mais memoria.

XLVI.

Por ver em que esta confusão parava,
Entre huns altos penedos me escondia,
Despois de hum breve espaço donde estava
Sahi, por ver se gente apparecia:
Hum profundo silencio alli notava,
Nem leve tom de voz humana ouvia,
E quanto mais me chego aos altos muros,
Os passos achei livres, e seguros.

XLVII.

Porém fiquei suspenso, que na entrada
De huma porta, notei grande ruina,
Como que a terra alli fora arrombada,
Por segredo d'alguma occulta mina:
Em quanto considero se he cilada,
Que facilmente não se determina,
Com este Mouro dei n'aquella parte,
Que a confiança alli deixou dest'arte.

XLVIII.

Delle, Senhor, por ser na idade antigo,
Podereis informar-vos da verdade,
Se ha dentro na Cidade algum perigo,
Ou nesta estranha boca, falsidade,
Affonso o chama c'hum sembrante amigo,
Promettendo-lhe premio, e liberdade,
Se lhe descobre sem receio, e medo,
Da Cidade, e ruina o mór segredo.

XLIX.

Elle despois que folego recebe,
Quasi perdido alli c'o sobresalto,
Hum pouco repousado se apercebe,
E assi responde em tom formado, e alto:
Tanger, Senhor, tanto temor concebe
D'Arzilla ouvindo o valeroso assalto,
Que porque nos seus muros o não veja,
Da fazenda, e da gente se despeja.

L.

Alli pisada alguma não se enxerga,
Que em todos ouve huma geral mudança,
Não temais, que d'alli perigo se erga,
Podeis Senhor entrar com segurança:
Que os Velhos sós, que com medica verga
Sustentamos o pezo (antiga usança)
Ficamos em desterro, e da ruina
Ouvi de grande espanto Historia dina.

LI.

Nesta Cidade forte, e populosa,
Colonia antiga do poder Romano,
De Claudio Emperador feitura honrosa,
Que o titulo lhe deu, e o nome ufano:
Estava a sepultura temerosa
De hum Gigante nas obras deshumano,
Nas feições espantoso, e compostura,
Por nome Anteo, inda oje a fama dura.

LII.

Esta se á verdadeira Antiguidade
O credito lhe damos, que se deve,
Primeiro fundador desta Cidade,
Della o governo antiguamente teve:
E parte com nefanda crueldade,
Parte com forte braço em tempo breve
Aos póvos comarcãos poz duro freio,
E a dominar toda Provincia veio.

LIII.

E com a força intrepida arrogante,
Fiado na apostura, e gesto horrendo,
Contra os Habitadores do stellante
Polo, blasphemias mil está dizendo:
Qual Capaneo c'o raio fulminante
Nos muros assaltados todo ardendo,
Por vingança de Jove, a quem despreza,
Seu valor lhe antepondo, e fortaleza.

LIV.

Neste tempo despois, que o valeroso
Hercules poz ao mundo todo espanto,
Fazendo maravilhas de animoso
Coração, dignas de meonio canto:
Mattando o Javali bravo spumoso,
Honra, e soberba gloria do Erimanto,
E da sylva neméa celebrada,
Mettendo o Habitador á dura espada.

LV.

Despois que a braços em famosa luta
O cacho doma do robusto Touro,
Despois que com mão destra, e resoluta
Das Stymphalides rompe o triste agouro:
Despois que a Hydra mattou com arte astuta,
E do Cervo arrancou seus cornos d'ouro,
Despois que o forte Augèa disbarata,
E com Diomedes os cavallos mata.

LVI.

Despois que vence o Gerião triforme,
E pobre deixa Hypolite, e deserta,
Despois que ao Drago, que velando dorme,
As maçãas d'ouro rouba, e em vão desperta:
Despois que ás nuves do porteiro enorme
Das sombras leves fez monstrosa offerta,
Rompendo armado aquelle Reino forte,
E quebrantando as Leis da dura morte.

LVII.

A fama deste perfido Gigante,
Que então soava, assi da tirannia,
Que executava, e do feróz sembrante,
Como de seu esforço, e valentia:
Lhe punge o coração de gloria amante,
Que c'o perigo mór se augmenta, e cria,
E he como raio, que com mór vehemencia,
Rompe o suggeito onde acha resistencia.

LVIII.

E como Leão bravo, que entra ousado
Nas sylvas de animaes de menos brio,
Co'a pelle insigne, e forte maça armado,
Vem tirar o Gigante a desafio:
Elle, que a trances taes he custumado,
Aceita alegre sem algum desvio,
Zombando de tam cego pensamento,
Que veio a dar em tanto atrevimento.

LIX.

E do furor levado, porque gasto
(Diz) o tempo, e com fremito arremette,
Abraçado se achou c'hum grande masto
Alcides, e com impetu acommette:
Tal briga despertou o Velho Adrasto
A quem o Fado hum Javali promette,
E Hum Leão para genros, que desfazem
Os desterrados, que as Insignias trazem.

LX.

Estão de parte as armas offensivas,
Que a braços se averigua esta contenda,
D'entr'ambos são as forças excessivas,
Quem julga, qual primeiro alli se renda!
Cadaqual do contrario as mãos esquivas
Estranha, e busca modo com que offenda,
E das artes dos pés tambem se ajuda,
E anda por magoar com ponta aguda.

LXI.

Tal no valle sombrio, ou na montanha,
O bravo Touro c'o rival pelleja,
Quando a Vaca por premio alli se ganha,
Que á vista está para que logo o seja:
Com força cadaqual, com arte, e manha
Ficar no Campo vencedor dezeja,
Qual se firma nos testos, qual se encurta,
Qual retorna, qual volta, qual se furta.

LXII.

Mas o Filho d'Almena, que se corre
Resistir-lhe o Gigante tanto espaço,
Temendo, que com isto o nome borre,
Que tem ganhado pelo estranho braço:
Nos pés se firma, e dá co' aquella Torre
No chão; mas qual a pella c'o rechaço
Batida no ladrilho pulla, e salta,
Tal Anteo se levanta, e o imigo assalta.

LXIII.

Torna Hercules com força mais crescida,
E de todo estirado longe o lança,
Cuidando que c'o aballo deixe a vida,
E como triumphador, quasi descansa:
Mas elle se ergue, sem que dor lho impida,
E da Terra vigor, e alento alcança,
E quantas vezes derribar trabalha,
Tantas Alcides a victoria atalha.

LXIV.

Quem brinco vão de leve pinho vira
Chumbado á parte, com que o moço folga,
Que por mais que o arremessa, e longe attira,
Por mais que o deita, estende, e quasi amolga:
Por mais que morto o faz, logo respira,
Logo alça o collo vão, logò se empolga,
Que o pendor, como aquella parte incline,
Não sofre, que tambem a outra decline.

LXV.

E conhecendo Alcides, que da Terra,
Cujo Filho se chama a força cobra,
E que trabalha em vão, e de todo erra
Se o lança em parte, que o vigor lhe dobra:
Par'outra região logo o desterra,
Onde pretende remattar est'obra,
E no ar o monstro horrendo levantando,
Alli o está desfazendo, e quebrantando.

LXVI.

Qual Aguia generosa, que estendida
Fóra da cova vio do alto a Serpente,
A quem brando calor do Sol convida,
E logo dá sobr'ella de repente:
E se alça por não ser della offendida
Nos mattos, ou se escoe facilmente,
E para que despois emprego faça,
No ar co'as unhas a rasga, e despedaça.

LXVII.

Assi caio sem vida o monstro infame,
Medindo com a queda a sepultura,
E como não ha peito, que desame
Na morte, pois que o timido assegura:
Dos seus foi sepultado, e porque affame
Este feito o valor que alli se appura,
Se abrio em pedra com aguda ponta
Letreiro, que a famosa Historia conta.

LXVIII.

Agora, que por Africa soava
Do valor vosso o nome soberano,
Quando já vossa Armada o mar cortava,
Em sinal de temor menos insano:
Eudollo, hum grande Mago, que intentava
Por arte resistir a nosso dano,
Envolto em nuve n'huma noite escura,
Veio a parar nesta alta sepultura.

LXIX.

E com palavras magicas encanta
Deste Gigante a já desfeita forma,
Ex que aquella statura se levanta,
E como em mortaes membros se conforma:
Tanto crescendo vai, que o ar se espanta,
E quasi se dillata, e se reforma,
Para que receber a mole possa,
Tam monstruosa parece de alta, e grossa.

LXX.

A ruina que vedes inda aberta,
He da forma espantosa do Gigante,
Tende por cousa verdadeira, e certa,
Esta, que agora conto aqui diante:
Espanta-se do ser com que concerta
O Mouro estas razões, o Rei prestante,
E crendo as maravilhas, que lhe ouvira,
Pela sombra de Anteo, que no mar vira:

LXXI.

Com elle de clemencia, e favor usa
Fazendo-lhe de nossa Fé lembrança,
E publicando a nova inda confusa
Manda logo pôr gente em ordenança:
Que a Fernando que o pezo não recusa,
Provado em semelhante confiança
Manda entregar, para que com presteza
A Tanger entre pois não ha defeza.

LXXII.

Mas primeiro que o cargo lhe empondere,
Pondo os olhos em quantos tem diante,
He tempo diz, que em parte remunere
Serviços, se algum premio for bastante:
E se desta vontade degenere,
Por lhe não ser a posse semelhante,
Abrangerei onde puder sómente,
Suprindo a falta o galardão da gente.

LXXIII.

Vós Dom João de Castro appremiado
Co'a morte estais d'hum Pai por gloria vivo,
Successor ficareis de seu Estado,
E do nome de seu Esprito altivo:
Vós Dom Affonso Conde nomeado,
Da Coroa Real Penella privo,
Vós Ruy de Mello Conde de Oulivença,
Vós Conde Dom Anrique de Valença.

LXXIV.

E volto a Dom Fernando, que dezeja
Dar-lhe a satisfação bem merecida,
Que paga vos darei, que digna seja,
Que vos não seja outra maior devida?
Quem ha, que taes merecimentos veja,
E se atreva igualla-los co'a medida?
Que sempre será curta, e me constrange
A sentir a quam pouco nisto abrange.

LXXV.

Este Sceptro, que tenho em muita gloria,
Vossos Progenitores mo alcançaram,
Que o grande meu Avô de alta memoria,
Contra poder tam forte sustentaram:
Por vós agora tenho esta victoria
Contra imigos, que tanto ma envejaram,
Pois entr'elles estou, de vós me valho,
E por premio tereis outro trabalho.

LXXVI.

Tempo virá tambem que descansemos,
Outra vez navegando os bravos mares,
Em nosso proprio Reino, onde teremos
Repouso á vista de melhores ares:
Doce memoria, alli nos lembraremos
Destes trabalhos vãos, destes pezares
Pará gloria maior, em tanto desta
Empreza tomai conta, que nos resta.

LXXVII.

Elle ufano c'o premio, que lhe ordena
Quem sabe, que outro então lhe não convinha,
C'hum ar no rostro alegre, e voz serena,
A vontade mostrou, que prompta tinha:
Nenhuns perigos me tenhais por pena,
Que obedecer obrigação he minha,
A vós convem, Senhor, julgar direito
O que for necessario, a mi o effeito.

LXXVIII.

E vendo sazão já para que ordene
Dar ao Ceo graças da mercê, que aceita,
Logo institue procissão solene,
Com zelo Affonso, e devação perfeita:
Assi buscou a Mesquita onde condene
Os falsos ritos da viciosa Seyta,
E consegrada por feliz auspicio,
Renda a CHRISTO celeste sacrificio.

LXXIX.

Hum Sacerdote, em cujo peito mora
Virtude com nobreza juntamente,
A bella Image leva da Senhora,
Que he firme amparo, e bem da humana gente:
Por ordem vai a gente vencedora,
Pelo meio com musica excellente,
Os cantares dulcissimos se entoão
Do Rei Hebreo, que brandamente soão.

LXXX.

Entravão pelas portas da Mesquita,
Que indigna aquella gloria inda recusa,
Quando hum grande rumor logo se excita,
Que toda aquella gente fez confusa:
A perturbação de huns outros incita,
Cadaqual co'a geral a propria escusa,
Nem vêm causa maior que recearem
Os primeiros entrar, e alli pararem.

LXXXI.

Affonso perturbado se adianta
C'o Principe, e com fortes Cavalleiros,
Por ver a nova causa, que quebranta
Animos n'outra parte aventureiros:
E logo pára, como que se espanta,
E a confusão conhece dos primeiros,
Que a seu valor não ser tam soberano,
Tornara para trás pois era humano.

LXXXII.

Hum pillar grande, e sumptuoso esteio
De peregrina pedra, e bem lavrada
Sustinha aquella machina no meio,
A tam falso Propheta dedicada:
Neste c'hum sinuoso, e largo enleio,
Huma serpente horrifica enroscada
Se mostra, tam estranha na grandeza,
Que fica estranha á mesma Natureza.

LXXXIII.

Menos espaço tomas no celeste
Campo, em meio das Ursas gram Serpente,
Que a maior na cabeça recebeste,
E na cauda a menor inda eminente:
Menos aquella, a quem no monte deste
Morte, Apollo, cruel com força urgente,
Tam ufano ficando co'a victoria,
Que em pouco, ou nada tens toda outra gloria.

LXXXIV.

Em tres pontas farpada a lingua fende,
E tres silvos despede de huma boca,
Tres ordens traz de dentes, com que offende,
E com grande stridor os trata, e toca:
Co'a gloria insigne, que na fronte accende,
A ser obedecida as mais provoca,
Quando a vezes d'alli sáe, e discorre,
Afflando o Campo, que a seus silvos morre.

LXXXV.

Fervem todos c'hum vivo ardor da gloria,
Em premio neste feito promettida,
Tendo por melhor vida esta memoria,
Que ao longe esperam, que sem ella a vida:
Os olhos na bellissima victoria,
Qualquer a tem ao risco offerecida,
Qualquer tambem ao risco se offerece,
Que o primeiro, que vence, este merece.

LXXXVI.

Qual com força terribel lhe arremessa,
De aço maciço dardo penetrante,
Elle rompendo com ligeira pressa,
Co' essa vem para trás no mesmo instante:
Qual despedindo a setta, que atravessa
O obstaculo maior, que tem diante,
Amolgada a sentio no duro queixo,
Como se dera em puro, e vivo seixo.

LXXXVII.

Qual c'hum furor colerico indignado
No corpo se firmou, e d'ambos braços
Hum bravo tiro fez c'hum grande brado,
E a lage na cabeça fez pedaços:
Ella nisto c'o collo alevantado,
Toda desfeita em silvos, e ameaços
Alça mil ondas, e mil mortes dera,
Se do pillar sair então pudera.

LXXXVIII.

Vendo o sublime Affonso o damno certo,
Que teme a todos da Serpente imiga,
Ao puro Sacerdote, que tem perto
Conselho pede sobre o que alli siga:
Elle, que tem consigo descuberto
O melhor meio por sciencia antiga
Alcançada do Ceo, dest'arte falla
Ao Rei, que o que lhe diz conserva, e calla.

LXXXIX.

Para vós esta empreza está guardada,
Vós deste monstro tomareis vingança,
Se por esta agoa sancta for passada
No ferro agudo essa invencivel lança:
Que he peçonha finissima approvada
A toda fera desta semelhança:
Elle a lança dest'arte sopesando,
A tiro pouco a pouco vai chegando.

XC.

E c'o mór movimento força pondo,
Fez emprego nas conchas desta Fera,
Toda caza soou logo em redondo,
Como se em metal duro, ou bronze dera:
Tal de Salmoneo o temeroso estrondo,
Imitando de Jove os trovões era,
E dando hum forte arranco, ao ar vizinho,
Pelo tecto arrombado abrio caminho.

XCI.

Ficou de tetro odor o lugar cheio,
E de sulphureo fumo envolto em fogo,
Thé que desfeito o timido receio,
A confusão tambem se desfez logo:
Louvão de Affonso o braço, mas alheio
Julgando elle o louvor, humilde rogo
Fez a Deos por aquella mercê grande,
Para que assi par'outras mais o abrande.

XCII.

E chegando ao pillar soberbo, em cima
Vio pendurada huma lustrosa espada,
Feitura, e obra de mão perfeita, e prima,
Segundo he rara aos olhos, e acabada:
O grande resplandor, que accende, e anima,
Sem ser de raio d'algum Sol tocada,
Reflexo pela Caza anda inquieto,
E nunca jámais pode estar secreto.

XCIII.

As guardas com que o duro aço se assina,
Conforma o metal lucido, e prestante,
O punho he d'esmeralda pura, e fina,
O pomo de riquissimo adamante:
A todos a materia, e obra inclina
Á grande admiração, que passa avante
Envolta n'hum dezejo de tamanho
Premio, que todo custo fica em ganho.

XCIV.

Quando de grandes letras, que se via,
De longe no pillar achão letreiro,
Todos a vista põem, e assi dizia,
Ornamento de hum novo Cavalleiro:
Vencida esta Serpente, que desvia
Da insigne espada o premio verdadeiro,
Será com ella hum Principe subido,
Á Lei de Cavalleiros admittido.

XCV.

Maravilha-se Affonso, e a rica espada
Com estranho alvoroço dependura,
Logo foi a Mesquita consagrada,
E ficou de impudica, sancta, e pura:
A Missa com mil vozes celebrada,
Onde debaxo d'huma specie escura,
O divino penhor recebe em premio,
Que a Virgem recolheo no intacto gremio.

XCVI.

Já o chamava o corpo traspassado
Com firidas mortaes do illustre Conde,
Que n'hum panno de luto está lançado.
Quanta gloria em tam pouco a morte esconde!
E tendo tanto á vista debuxado
Hum raro, e singular retrato, donde
Dar podia modelo ao Filho charo,
Que em virtudes pretende fazer raro.

XCVII.

Tendo prova de seu valor bastante
Mostrado em tanto risco d'honra, e vida,
Determina admittillo á triumphante
Ordem de Cavalleiros merecida:
Armado vem d'hum Elmo radiante,
(Obra d'hum grande artifice escolhida,)
E das mais peças ricas, sobretudo
(Co'a peregrina espada) hum fino escudo.

XCVIII.

Em roda estavão já com ledo asseio
Aquelles Cavalleiros esforçados,
Parte tintos sómente em sangue alheio,
Parte em seu proprio sangue inda banhados:
Sobre todos o Rei sublime em meio
Apparece c'os hombros levantados,
E c'os olhos no Filho a tudo attento,
Desta maneira falla em grave accento.

Com todas as licenças necessarias.

Acabou-se de imprimir este Livro, intitulado Affonso Africano, da presa de Arzilla, e Tanger; Auctor Vasco Mausinho de Quebedo, Em Lisboa a cinco do Mes de Junho. Anno 1611.

Por Antonio Alvarez.